

---

# INDICADORES IBGE

volume 8  
número 8  
agosto de 1989  
publicação mensal

---

## SUMÁRIO

---

### 5 LEITURA RÁPIDA

---

- 7 ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – INPC, ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO – IPCA E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – IPC
- 11 Tabelas (variação geral; principais contribuições na variação mensal; números índices e variações; pesos, variação mensal dos grupos, subgrupos e itens).
- 

- 19 PESQUISA MENSAL DE EMPREGO – PME
- 24 Tabelas (taxa de desemprego, ocupados, conta-própria e rendimento médio).
- 

- 39 INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA
- 55 Tabelas (produção física – Brasil e produção física por regiões).
- 

- 69 SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL – SINAPI
- 71 Tabelas (custo médio, número índice e variações percentuais; custos de projetos; salários-hora das categorias – junho-89).
- 

- 79 ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL
- 84 Tabelas (área, produção e rendimento médio – um confronto entre safras e estimativas; confronto entre estimativas; abate de animais, produção de leite e ovos).
- 

- 89 SUPLEMENTO I – ALGUMAS INDICAÇÕES SOBRE A MORTALIDADE INFANTIL NO NORDESTE, NOS PRIMEIROS ANOS DA DÉCADA DE 80
- 

- 93 SUPLEMENTO II – A PRODUÇÃO AGRÍCOLA NACIONAL EM 1988.
- 

### CONVENÇÃO

— Quando, pela natureza do fenômeno, não puder existir o dado.

---

## **EQUIPE DE REDAÇÃO**

### **DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA**

**Redatores: Bruno Marcus Rangel Pessanha**  
**Elvio Valente**  
**Jairo Augusto Silva**  
**Terezinha Iza Cezar**

### **DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO**

**Redator: Shyrlene Ramos**  
**Colaboradores: Luciene Ferro da Silva Grilo**  
**Mário Serres da Silva**

### **DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS**

**Redatores: Eulina Nunes dos Santos**  
**Luiz Fernando de Oliveira Fonseca**  
**Vânia Maria Carelli Prata**  
**Oreval Alves Moreira**  
**Colaboradores: Equipe técnica do projeto SNIPC**

### **DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA**

**Redatores: Ivan Gelabert Barbosa**  
**José Leonídio M. Souza Santos**  
**Maria Tereza Reis Ribeiro**  
**Myrian Thereza Ferreira**  
**Nilo Lopes de Macedo**  
**Paulo Gonzaga M. de Carvalho**  
**Rosangela Carnevale**  
**Silvio Sales de Oliveira Silva**  
**Tereza Cristina Machado Mendes**  
**Colaboradores: Carlos Alberto C. da Fonseca**  
**Heloísa de V. Medina**

**Programação visual**  
**Pedro Paulo Machado**

### **Distribuição e Vendas**

**Gerência de Marketing/Centro de Documentação e Disseminação de Informações**  
**Av. Beira Mar, 436 — 6º andar — Rio de Janeiro — RJ**  
**CEP 20 021 — Tel.: (021) 533-3094**

---

**FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE**

**DIRETORIA DE PESQUISAS**

**DIRETOR DE PESQUISAS**

**Lenildo Fernandes Silva**

**DIRETOR ADJUNTO DA DIRETORIA DE PESQUISAS**

**Fernando José de Araujo Abrantes**

**COORDENAÇÃO DO CENSO AGROPECUÁRIO**

**Manoel Antonio Soares da Cunha**

**COORDENAÇÃO DOS CENSOS ECONÔMICOS**

**Carmen de Jesus Garcia**

**NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO**

**Eva Doris Rosental**

**NÚCLEO DE METODOLOGIA**

**Pedro Luís Nascimento Silva**

**NÚCLEO DE PLANEJAMENTO E SUPERVISÃO**

**Nuno Duarte da Costa Bittencourt**

**DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA**

**Elvio Valente**

**DEPARTAMENTO DE COMÉRCIO E SERVIÇOS**

**Eduardo Luiz de Mendonça**

**DEPARTAMENTO DE CONTAS NACIONAIS**

**Claudio Monteiro Considera**

**DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO**

**Nelson de Castro Senra**

**DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICAS E INDICADORES SOCIAIS**

**Marcia Bandeira de Mello Leite**

**DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS**

**Ricardo Augusto Braule Pinto**

**DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA**

**Luisa Maria La Croix**

**DEPARTAMENTO DE POPULAÇÃO**

**Valéria da Motta Leite**

**GRUPO EXECUTIVO DE ADMINISTRAÇÃO**

**Angela Rosenberg Freire**

# LEITURA RÁPIDA

Os produtos alimentícios foram os principais responsáveis pelos 28,76% do IPC de julho, superior aos 24,83% de junho, devido, ainda, à adaptação ao processo de liberação de preços. Assim, o acumulado no ano chegou a 255,89% e o dos últimos doze meses a 1 004,55%. Os itens que exerceram as maiores pressões no IPC do mês foram os feijões (131,57%) e as carnes (37,81%), que, juntos, contribuíram com 4,45 pontos percentuais no resultado geral.

Por grupo, a menor variação ficou com Vestuário (22,94%), seguido por Habitação (24,71%), Transporte e Comunicação (25,15%), Despesas Pessoais (27,53%), Saúde e Cuidados Pessoais (29,13%), Alimentação (32,11%) e Artigos de Residência (34,44%). Entre as dez Regiões Metropolitanas pesquisadas, Porto Alegre (31,55%) apresentou a maior taxa, enquanto São Paulo (25,74%) registrou a menor.

As variações do INPC (27,40%) e do IPCA (27,74%) de julho foram inferiores às de junho — 29,40% e 28,65%, respectivamente —, já que Alimentação foi o grupo de menor variação nos dois índices. No INPC, o grupo caiu dos 40,07% em junho — pico do crescimento dos preços — para 23,68% em julho. No ano, o INPC acumulou 258,60% e o IPCA, 259,78%.

A taxa média de desemprego aberto (proporção da população economicamente ativa procurando trabalho na semana de referência da pesquisa) de junho foi de 3,37%, com queda em relação a junho de 1988 (3,90%). Isto porque a PEA e o número de pessoas ocupadas subiram cerca de 3,0% e o número de pessoas desocupadas caiu 11,0%, na mesma base de comparação. O setor de Serviços respondeu por, aproximadamente, 70% do aumento do pessoal ocupado em junho.

A proporção da PEA desempregada e ocupada recebendo menos de um Piso Nacional de Salários caiu em comparação a junho do ano passado (15,64% contra 18,28%), porém foi superior à de maio deste ano (14,45%). O rendimento médio real das pessoas ocupadas aumentou, em maio, em todos os locais pesquisados, com maiores variações em Recife (24,0%) e Porto Alegre (18,0%).

Em uma análise do primeiro semestre deste ano contra o mesmo período de 1988, verificou-se que a população ocupada aumentou 3,0% ao mês. E mais: entre 1983 e 1989, o seu crescimento médio foi igual ao do PIB (4,0%), enquanto a população residente cresceu, por estimativa, 2,4%.

Em junho, a indústria registrou o seu segundo resultado positivo do ano (4,4%), influenciada pela continuação de bons resultados no comércio, a relativa

recuperação de alguns segmentos de Bens de Capital ligados ao investimento agrícola e o bom desempenho da construção civil nos últimos meses. Nos índices sazonalmente ajustados, a produção industrial cresceu 28,2% em relação à média de 1981, o que representou a melhor marca desde abril de 1987 (28,8%). Pela primeira vez, desde agosto de 1988, todas as quatro categorias de uso revelaram taxas positivas, com destaque para Bens de Capital (5,8%).

Os índices regionais da indústria fecharam o semestre com um quadro mais otimista do que o do primeiro trimestre, apesar de, apenas, Paraná (2,3%), Nordeste (0,4%) e Rio de Janeiro (0,0%) não terem apresentado queda em relação a janeiro/junho de 1988. No indicador mensal, os estados do Sul destacaram-se — Paraná (9,5%), Rio Grande do Sul (8,8%) e Santa Catarina (7,8%) —, enquanto Bahia (-5,2%) e Minas Gerais (-2,6%) tiveram decréscimo.

A produção das lavouras, em julho, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA, apresentou poucas alterações em comparação a junho, merecendo destaque os acréscimos em arroz (1,01%), cana-de-açúcar (2,12%), cebola (4,54%) e mamona (14,29%), além da queda em trigo (-1,65%). Em relação a 1988, as estimativas são de que seis produtos, contra quatro em junho, registrem crescimento: cebola (3,93%), fumo (8,39%), mamona (2,30%), mandioca (7,78%), milho (6,85%) e soja (32,22%).

Os dados sobre abate de animais e produção de leite, em junho, mostraram redução em quase todos os itens: bovinos abatidos (-1,4%) e peso das carcaças (-1,2%), suínos abatidos (-15,2%) e peso das carcaças (-13,7%), aves abatidas (-1,5%) e peso das carcaças (2,4%), e produção de leite (-11,5%), sendo este último o pior resultado do ano. Assim, o produto real da agropecuária em 1989 deverá ficar em torno de 1,2%, com crescimento das lavouras de 3,85% e redução na produção animal de 3,40%.

A variação de 43,48%, em junho, do custo médio do metro quadrado para o

Brasil foi a mais alta desde maio de 1987, quando se iniciou a atual série do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil — SINAPI. O acumulado no ano ficou em 180,88% e o dos últimos doze meses em 1 005,00%, praticamente igual ao do IPC entre julho de 1988 e junho de 1989. A participação dos materiais de construção foi de NCz\$ 288,57 (47,25%) e da mão-de-obra, de NCz\$ 83,98 (31,90%), totalizando um custo médio por metro quadrado de NCz\$ 372,55.

### Suplementos

Neste número, a revista Indicadores IBGE traz dois suplementos: "Algumas indicações sobre a mortalidade infantil no Nordeste nos primeiros anos da década de 80", de Celso da Silva Simões e Luiz Antônio Pinto de Oliveira, do Departamento de Estatísticas e Indicadores Sociais, e "A produção agrícola nacional em 1988", de Jairo Augusto Silva, do Departamento de Agropecuária.

O primeiro trabalho constata que, pela média de 1980/81, mais de 50% dos óbitos infantis ocorridos no Brasil eram de crianças nordestinas. Entre 1982 e 1984, calculando-se a média por períodos de três anos, de cada mil crianças nascidas vivas 100 morreram antes de completar um ano de idade, número que caiu para 90 no ano seguinte.

Já o segundo suplemento analisa, inicialmente, a influência da política econômica heterodoxa de 1986 e 1987 no setor agropecuário. Para 1988, destaca como fatores relevantes a garantia de preços mínimos plurianuais para alguns produtos, a sistematização da intervenção governamental no mercado de produtos agrícolas, o fim da moratória externa, a Assembléia Nacional Constituinte e a seca nos Estados Unidos.

Rio de Janeiro, RJ, agosto de 1989

Edição  
Núcleo de Documentação da Diretoria  
de Pesquisas

# ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR, ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR

## RESULTADOS DO INPC E DO IPCA

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — apresentou, no mês de julho, variação de 27,40% e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA — variou 27,74%.

Os resultados acumulados encontram-se na tabela abaixo:

A taxa acumulada do INPC no ano situou-se em 258,60%. Nas perspectivas *últimos seis meses* e *últimos doze meses* as variações foram 166,30% e 1 042,50%, respectivamente.

O menor crescimento do INPC de julho em relação ao de junho, deve-se aos alimentos (23,68%). Os dados mostram que o pico de crescimento dos produtos alimentícios deu-se no mês de junho, quando a variação atingiu 40,07%, refletindo as liberações de preços após o Plano Verão. Em ju-

## VARIAÇÕES DO INPC E DO IPCA, COM ÍNDICES ACUMULADOS

ÍNDICES	VARIÇÃO (%)				NÚMERO ÍNDICE (outubro/87 = 100)
	Acumulado em três meses	Acumulado em seis meses	Acumulado no ano	Acumulado em doze meses	
INPC.....	95,52	166,30	258,60	1 042,50	4 938,02
IPCA.....	95,05	167,35	259,78	1 046,03	4 861,69

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Índices de Preços, Divisão de Planejamento e Estudos, pesquisa Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor.

lho, observa-se um desaquecimento nos preços dos alimentos, o que pode ser constatado através da comparação dos resultados dos principais itens nestes dois últimos meses.

Principais Itens:	Junho	Julho
Cereais .....	74,32%	32,82%
Carnes.....	70,90%	5,42%
Carnes industrializadas	105,83%	24,38%
Aves e ovos.....	55,53%	3,30%

Entre os produtos que exerceram maiores pressões no INPC de julho do que em junho, destacaram-se os administrados: o açúcar refinado (20,21%) teve seus preços reajustados em 25% e 17% nos dias 23-05-89 e 27-06-89, respectivamente; o leite pasteurizado (35,48%) foi reajustado em 21%, 27,6% e 15,9% nos dias 01-06-89, 03-07-89 e 16-07-89, respectivamente; os preços do pão francês (38,96%) aumentaram 33% e 25% em 26-06-89 e 18-07-89, respectivamente. Destacou-se ainda, por apresentar elevada variação, o óleo de soja (73,73%), cujos preços foram liberados somente no dia 23-06-89.

Quanto aos produtos não-alimentícios, a variação do mês de julho foi de 30,12%, superior, portanto, ao crescimento de preços dos alimentos, o que não ocorria desde o INPC de abril. No grupo Habitação (29,96%) foram altas as variações dos artigos para reparos (40,56%), dos artigos de limpeza (33,63%), do gás de bujão (64,47%) e da energia elétrica (45,54%). Os Artigos de Residência (35,91%) ficaram com o mais alto resultado de grupo no mês, destacando-se o item mobiliário (40,77%), as roupas de cama, mesa e banho (37,97%) e os aparelhos de TV e som (37,70%). As roupas masculinas (27,93%) e os calçados (25,22%) exerceram as maiores pressões no grupo Vestuário (25,02%). Os destaques em Transporte e Comunicação (32,28%) foram os ônibus urbanos (34,68%), gasolina (41,86%) e álcool (42,39%). Os principais responsáveis pelo resultado do grupo Saúde e Cuidados Pessoais (34,35%) foram os produtos farmacêuticos (34,09%), os serviços médicos (48,11%) e os artigos de higiene pessoal (39,76%). O destaque no grupo Despesas

Pessoais (27,96%) foi o item recreação (33,77%).

A Região Metropolitana do Rio de Janeiro (31,42%) apresentou a maior variação no INPC de julho devido, principalmente, aos alimentos (30,08%) e aos artigos de vestuário (32,75%). O menor índice regional ficou com Salvador (23,23%), onde os grupos Alimentação (19,37%), Artigos de Residência (24,65%), Saúde e Cuidados Pessoais (29,27%) e Despesas Pessoais (25,37%) registraram os mais baixos resultados.

---

## RESULTADOS DO IPC

---

O Índice de Preços ao Consumidor – IPC apresentou variação de 28,76% no mês de julho, resultado superior aos 24,83% registrados no mês de junho. Conforme ocorreu naquele mês, as maiores pressões no índice foram exercidas pelos preços dos alimentos que, ainda no período de referência do IPC (16-06-89 a 14-07-89), estavam se adaptando às liberações.

A taxa acumulada do IPC no ano situou-se em 254,89%. Nas perspectivas *últimos seis meses* e *últimos doze meses* as variações foram 108,42% e 1 004,55%, respectivamente.

Os produtos alimentícios apresentaram variação de 32,11%, próxima à taxa do mês de junho (34,57%). Os principais responsáveis pelo resultado foram:

Arroz (40,50%) – reflete a liberação dos preços do produto, a partir de 16-06-89. A liberação melhorou a oferta de arroz de primeira qualidade, que estava escasso no mercado devido à retenção por parte dos produtores, insatisfeitos com os preços.

Feijões (131,57%) – além da liberação, a partir de 16-06-89, os preços dos feijões refletem a menor oferta devido à redução em 30% da produção da 1ª safra, de acordo com estimativa do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA, do IBGE. Destaca-se o feijão preto que, com a variação de 205,58% em julho, acumulou 541,94% no ano.

Carnes (37,81%) — embora os preços das carnes tenham aumentado significativamente no período de referência do IPC de julho, a variação foi inferior à do mês de junho, quando a variação atingiu 58,03%. Com o fim do tabelamento, em 08-06-89, o abastecimento se normalizou. Está havendo maior oferta aos matadouros, tendo em vista que o frio, que ocasiona diminuição de peso, faz com que os pecuaristas não retenham o gado no pasto. Além disso, os prazos para pagamento foram ampliados.

Carnes industrializadas (68,35%) — a elevada variação deve-se, principalmente, aos aumentos verificados nas carnes de porco, cujos preços foram liberados em 08-06-89.

Aves e ovos (26,22%) — o frango apresentou variação de 34,58%, inferior aos 58,38% do mês de junho. A taxa de julho reflete, ainda, a liberação dos preços em 08-06-89. Quanto aos ovos, os preços aumentaram apenas 5,38%, enquanto no IPC de junho a variação situou-se em 109,78%. A taxa de julho reflete a normalização do abastecimento, tendo em vista que os ovos tiveram seus preços liberados a partir de 12-05-89.

Leite e derivados (31,33%) — o leite pasteurizado ficou com uma variação de 23,80% no mês, em decorrência dos aumentos de 21% e 27,6% concedidos nos dias 01-06-89 e 03-07-89, respectivamente. Com os aumentos verificados nos preços da matéria-prima, os derivados do leite apresentaram altas significativas, registrando-se escassez de alguns produtos no mercado. Os principais resultados foram:

Queijo tipo prato .....	87,93%
Queijo tipo minas .....	64,96%
Queijo tipo creme .....	50,11%
logurte .....	36,97%
Leite em pó .....	24,28%

Pão francês (29,88%) — os preços foram reajustados em 20% e 33% nos dias 29-05-89 e 26-06-89, respectivamente.

Óleo de soja (61,14%) — reflete a liberação dos preços a partir de 23-06-89.

Enlatados e conservas (58,24%) — a alta deve-se aos aumentos dos produtos alimen-

tícios nos meses de junho e julho. Os principais resultados foram:

Salsicha em lata .....	87,06%
Sardinha em lata .....	48,92%
Carne de boi em lata .....	72,19%

Refeição (32,42%), lanche (36,99%) e café da manhã em restaurante (27,65%) — refletem a alta dos alimentos em geral.

Os preços dos produtos não-alimentícios cresceram 26,59% no IPC do mês de julho. Os comentários por grupo são:

Habitação (24,71%) — o aluguel residencial apresentou variação de 17,52% superior ao mês de junho (7,98%). A taxa de água e esgoto (37,10%) teve reajuste nas dez regiões no período de referência do índice. Os artigos de limpeza (28,98%) tiveram reajuste em 13-06-89.

O gás de bujão (47,35%) teve seus preços reajustados em 5,10%, 13,71% e 43,24% nos dias 16-06-89, 03-07-89 e 14-07-89, respectivamente. A energia elétrica (21,86%) foi reajustada em 21% e 10% nos dias 23-06-89 e 06-07-89, respectivamente. Destacaram-se, no grupo Habitação, os artigos para reparos (pregos, materiais de eletricidade, etc.), com variação de 35,61%.

Artigos de Residência (34,44%) — foi o grupo que apresentou o maior resultado no IPC do mês, devido, principalmente, aos aumentos ocorridos nos preços dos artigos de mobiliário (37,98%), nos eletrodomésticos (30,90%), TV e som (39,08%), além das roupas de cama, mesa e banho (36,17%).

Vestuário (22,94%) — ficou com o menor resultado no IPC de julho, próximo à taxa verificada no índice de junho (23,16%).

Transporte e Comunicação (25,15%) — os preços das passagens dos ônibus urbanos (27,25%) aumentaram nas dez regiões. A gasolina (32,57%) teve seus preços reajustados em 15,79%, 10,61% e 26,03% nos dias 16-06-89, 03-07-89 e 14-07-89, respectivamente; o álcool (34,94%) teve reajuste nas mesmas datas em percentuais de 19,05%, 10% e 25,45%.

Saúde e Cuidados Pessoais (29,13%) — os produtos farmacêuticos (24,55%) tiveram reajustes médios de 13,96% e 27,9% nos dias 19-06-89 e 12-07-89, respectivamente.



Os artigos de higiene pessoal (28,75%) tiveram seus preços reajustados a partir de 13-06-89. Destacaram-se, no grupo, os serviços médicos (49,45%), tendo em vista os aumentos verificados nos preços dos seguintes serviços:

Mensalidades de clínicas .....	54,68%
Hospitalização e cirurgia.....	48,68%
Exames de laboratório .....	36,44%

Despesas Pessoais (27,53%) — destacaram-se os serviços pessoais (42,78%) e o item recreação (28,18%).

Registre-se que, o maior índice regional foi verificado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (32,33%), ficando a menor taxa com a Região Metropolitana de São Paulo (25,74%).

---

#### NOTA EXPLICATIVA DO IPC

---

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — é o indexador oficial da economia brasileira, criado através do Decreto-Lei nº 2.284 de 10 de março de 1986. De 28 de

fevereiro de 1986 até outubro do mesmo ano, o IPC foi calculado pela metodologia do IPCA, de novembro de 1986 em diante passou a ser calculado pela metodologia do INPC.

O número índice de fevereiro refere-se à data de 28-02-86.

A variação de março de 1986 corresponde ao movimento de preços observados entre o dia 28 de fevereiro de 1986 e a base definida pelos preços coletados em março de 1986.

Até maio de 1987, o IPC foi calculado com base nos preços coletados no mês civil. O IPC de junho de 1987 foi obtido comparando-se a média dos preços vigentes, no período de 16 a 22 de junho, com a média dos preços constatados no mês de maio, conforme determinação do Decreto-Lei nº 2.335 de 12 de junho de 1987 e a Portaria nº 186 de junho de 1987. A partir de junho, também em cumprimento ao Decreto-Lei nº 2.335, o IPC passou a ser calculado, com base na média dos preços apurados, entre o início da segunda quinzena do mês anterior e o término da primeira quinzena do mês de referência.

## 1 - VARIAÇÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS

## INPC - Julho de 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	27,58	21,51	38,36	33,88	24,39	49,85	43,66	26,90
Fortaleza.....	28,34	22,66	34,28	35,02	26,03	46,82	39,20	26,71
Recife.....	27,11	22,83	31,81	29,80	24,78	40,64	39,45	26,93
Salvador.....	23,23	19,37	28,50	24,65	24,50	31,07	29,27	25,37
Belo Horizonte.....	28,02	22,27	36,22	43,90	29,47	25,43	29,31	30,02
Rio de Janeiro.....	31,42	30,08	26,40	36,91	32,75	38,13	35,85	28,00
São Paulo.....	26,49	22,73	27,61	40,66	24,28	26,51	31,79	28,05
Curitiba.....	28,02	27,37	25,08	34,05	21,04	36,49	33,75	26,12
Porto Alegre.....	27,28	26,08	36,52	34,81	17,04	29,88	37,87	28,68
Brasília, DF.....	27,28	21,09	32,00	28,53	26,95	35,75	36,62	28,80
INPC.....	27,40	23,68	29,96	35,91	25,02	32,28	34,35	27,96

## IPCA - Julho de 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	28,20	22,76	34,99	32,96	23,55	36,96	44,63	25,74
Fortaleza.....	28,62	22,96	30,10	35,54	26,54	38,91	38,59	27,72
Recife.....	27,58	22,75	27,82	29,24	26,00	34,97	40,14	25,81
Salvador.....	25,01	20,98	27,98	27,70	24,45	31,94	29,42	24,83
Belo Horizonte.....	28,43	22,90	39,33	42,47	29,35	27,73	28,66	28,63
Rio de Janeiro.....	30,61	29,15	24,27	36,57	32,52	34,14	37,77	27,31
São Paulo.....	26,64	24,01	25,27	39,19	24,08	27,24	31,54	25,54
Curitiba.....	28,78	28,82	30,22	34,77	20,77	34,92	30,80	26,32
Porto Alegre.....	28,22	28,38	33,24	34,63	16,84	31,32	37,54	28,56
Brasília, DF.....	27,74	22,27	29,29	28,07	27,00	31,98	37,39	27,61
IPCA.....	27,74	24,81	27,90	36,08	24,85	30,33	33,94	26,62

## IPC - Julho de 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	28,22	28,24	31,88	23,64	27,26	25,03	36,65	24,87
Fortaleza.....	28,74	27,91	25,54	41,90	24,05	30,86	32,09	27,54
Recife.....	28,98	29,41	27,04	31,45	28,09	26,10	33,43	26,47
Salvador.....	28,85	31,15	29,02	28,18	28,17	27,14	23,11	24,54
Belo Horizonte.....	29,48	29,57	29,47	40,98	29,97	20,50	25,53	30,36
Rio de Janeiro.....	32,33	37,09	21,34	37,45	26,01	32,03	29,81	29,29
São Paulo.....	25,74	28,25	22,37	36,91	19,57	20,30	29,06	26,24
Curitiba.....	31,00	40,63	21,87	36,80	19,49	32,16	28,76	26,59
Porto Alegre.....	31,55	44,40	26,97	34,00	16,35	29,16	30,18	27,52
Brasília, DF.....	28,12	33,84	27,76	21,08	22,55	23,04	28,88	30,98
IPC.....	28,76	32,11	24,71	34,44	22,94	25,15	29,13	27,53

## 2 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIAÇÃO MENSAL

## INPC - Julho de 1989

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Ônibus urbano.....	34,68	1,29
Roupas masculinas.....	27,93	0,98
Calçados.....	25,22	0,98
Produtos farmacêuticos.....	34,09	0,91
Refeição em restaurante.....	26,27	0,89
Artigos de higiene pessoal.....	39,76	0,85
Artigos de mobiliário.....	40,77	0,81
Roupas femininas.....	21,25	0,79
Serviços pessoais.....	27,94	0,72
Aluguel.....	17,59	0,71
Utensílios e enfeites.....	33,59	0,67
Leite pasteurizado.....	35,48	0,66
TV e som.....	37,70	0,65
Feijões.....	28,59	0,65
Arroz.....	38,79	0,63
Pão francês.....	38,96	0,61
Lanche em restaurante.....	32,22	0,57
Roupas infantis.....	24,57	0,55
Eletrodomésticos.....	30,13	0,52
Cigarros.....	23,09	0,48
Itens listados acima.....	29,63	14,92
Demais itens.....	25,15	12,48

## IPCA - Julho de 1989

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Refeição em restaurante.....	25,92	1,25
Serviços pessoais.....	26,05	1,16
Roupas masculinas.....	28,86	0,98
Calçados.....	25,28	0,91
Gasolina.....	41,86	0,88
Roupas femininas.....	21,40	0,88
Artigos de mobiliário.....	40,89	0,82
Artigos de higiene pessoal.....	42,36	0,79
Serviços médicos.....	48,01	0,74
Ônibus urbano.....	34,29	0,74
Produtos farmacêuticos.....	34,14	0,69
Utensílios e enfeites.....	35,22	0,66
Lanche em restaurante.....	32,35	0,57
Conserto de automóveis.....	33,99	0,55
TV e som.....	35,33	0,51
Leite pasteurizado.....	34,62	0,49
Eletrodomésticos.....	30,13	0,48
Roupas infantis.....	25,61	0,48
Energia elétrica.....	45,54	0,43
Aluguel.....	12,82	0,43
Itens listados acima.....	29,98	14,46
Demais itens.....	25,65	13,28

## IPC - Julho de 1989

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Feijões.....	131,57	2,46
Carnes.....	37,81	1,99
Calçados.....	26,10	1,11
Frango.....	34,58	1,08
Refeição em restaurante.....	32,42	1,05
Ônibus urbano.....	27,25	1,04
Serviços pessoais.....	42,78	1,01
Carnes industrializadas.....	68,35	0,95
Roupas masculinas.....	23,87	0,95
Leite e derivados.....	31,33	0,94
Recreação.....	27,65	0,78
Artigos de mobiliário.....	37,98	0,72
Aluguel residencial.....	17,52	0,71
TV e som.....	39,08	0,65
Arroz.....	40,50	0,62
Artigos de higiene pessoal.....	28,75	0,62
Lanche em restaurante.....	36,99	0,61
Produtos farmacêuticos.....	24,55	0,56
Taxa de água e esgoto.....	37,10	0,41
Óleo de soja.....	61,14	0,33
Itens listados acima.....	35,65	18,59
Demais itens.....	21,26	10,17

3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1988/89  
INPC

(continua)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (outubro/87 = 100)	VARIÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
<b>1988</b>						
Janeiro.....	154,28	17,90	54,28		17,90	
Fevereiro.....	177,93	15,33	54,83		35,97	
Março.....	209,69	17,85	60,24		60,24	
Abril.....	249,51	18,99	61,73	149,51	90,67	
Maió.....	292,73	17,32	64,52	154,73	123,70	
Junho.....	355,73	21,52	69,65	171,84	171,84	
Julho.....	432,21	21,50	73,22	180,15	230,28	
Agosto.....	523,75	21,18	78,92	194,36	300,24	
Setembro.....	665,37	27,04	87,04	217,31	408,46	
Outubro.....	838,83	26,07	94,08	236,19	541,01	738,83
Novembro.....	1 071,94	27,79	104,67	266,19	719,15	832,77
Dezembro.....	1 377,01	28,48	106,95	287,09	952,28	952,28
<b>1989</b>						
Janeiro.....	1 854,28	34,66	121,06	329,02	34,66	1 101,89
Fevereiro.....	2 134,65	15,12	99,14	307,57	55,02	1 099,71
Março.....	2 294,54	7,49	66,63	244,85	66,63	994,25
Abril.....	2 525,60	10,07	36,20	201,09	83,41	912,22
Maió.....	2 995,36	18,60	40,32	179,43	117,53	923,25
Junho.....	3 876,00	29,40	68,92	181,48	181,48	989,59
Julho.....	4 938,02	27,40	95,52	166,30	258,60	1 042,50

## IPCA

MESES	NÚMERO ÍNDICE (outubro/87 = 100)	VARIÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
<b>1988</b>						
Janeiro.....	153,61	17,34	53,61		17,34	
Fevereiro.....	176,45	14,87	53,80		34,79	
Março.....	207,05	17,34	58,16		58,16	
Abril.....	248,34	19,94	61,67	148,34	89,70	
Maió.....	290,88	17,13	64,85	153,53	122,20	
Junho.....	353,16	21,41	70,57	169,77	169,77	
Julho.....	424,22	20,12	70,82	176,17	224,05	
Agosto.....	515,43	21,50	77,20	192,11	293,73	
Setembro.....	659,70	27,99	86,80	218,62	403,93	
Outubro.....	826,54	25,29	94,84	232,83	531,38	726,54
Novembro.....	1 050,70	27,12	103,85	261,21	702,61	815,80
Dezembro.....	1 351,31	28,61	104,84	282,63	932,24	932,24
<b>1989</b>						
Janeiro.....	1 818,46	34,57	120,01	328,66	34,57	1 083,82
Fevereiro.....	2 090,50	14,96	98,96	305,58	54,70	1 084,75
Março.....	2 256,28	7,93	66,97	242,02	66,97	989,73
Abril.....	2 492,51	10,47	37,07	201,56	84,45	903,67
Maió.....	2 958,36	18,69	41,51	181,56	118,93	917,04
Junho.....	3 805,93	28,65	68,68	181,65	181,65	977,68
Julho.....	4 861,69	27,74	95,05	167,35	259,78	1 046,03

3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1988/89  
IPC

(conclusão)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março/86 = 100)	VARIAÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
<b>1988</b>						
Janeiro .....	663,90	16,51	50,06	84,16	16,51	364,72
Fevereiro .....	783,14	17,96	56,87	104,24	37,44	381,13
Março .....	908,52	16,01	59,44	124,20	59,44	387,90
Abril .....	1 083,68	19,28	63,23	144,94	90,18	381,12
Maió .....	1 276,36	17,78	62,98	155,67	123,99	359,92
Junho .....	1 525,63	19,53	67,92	167,74	167,74	336,09
Julho .....	1 892,39	24,04	74,63	185,04	232,10	424,92
Agosto .....	2 283,36	20,66	78,90	191,56	300,72	495,49
Setembro .....	2 831,59	24,01	85,60	211,67	396,93	598,78
Outubro .....	3 603,20	27,25	90,40	232,50	532,34	714,43
Novembro .....	4 573,18	26,92	100,28	258,30	702,57	816,05
Dezembro .....	5 889,80	28,79	108,00	286,06	933,62	933,62
<b>1989</b>						
Janeiro .....	10 029,15	70,28	178,34	429,97	70,28	1 410,64
Fevereiro .....	10 390,20	3,60	127,20	355,04	76,41	1 226,74
Março .....	11 022,96	6,09	87,15	289,29	87,15	1 113,29
Abril .....	11 828,74	7,31	17,94	228,28	100,83	991,53
Maió .....	13 004,52	9,94	25,16	184,36	120,80	918,88
Junho .....	16 233,54	24,83	47,27	175,62	175,62	964,05
Julho .....	20 902,31	28,76	76,71	108,42	254,89	1 004,55

4 - VARIAÇÃO MENSAL  
IPC - Julho de 1989

GRUPOS	PONDERAÇÃO (%)	VARIAÇÃO (%)
Geral .....	100,00	28,76
Alimentação e bebidas .....	39,44	32,11
Habitação .....	9,39	24,71
Artigos de residência .....	8,36	34,44
Vestuário .....	16,61	22,94
Transporte e comunicação .....	9,76	25,15
Saúde e cuidados pessoais .....	6,60	29,13
Despesas pessoais .....	9,84	27,53

5 — PESOS, VARIÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,  
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS

Julho de 1989

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIÇÃO (%)
<b>INPC</b>			<b>CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS</b>	3,87	25,22
INPC.....	100,00	27,40	Calçados e outros apetrechos .....	3,87	25,22
<b>ALIMENTOS E BEBIDAS</b> .....	42,22	23,68	<b>JÓIAS</b> .....	0,51	21,83
<b>ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO</b> .....	33,95	21,88	Jóias .....	0,51	21,83
Cereais, leguminosas e oleaginosas .....	4,05	32,82	<b>TECIDOS E ARMARINHO</b> .....	0,64	34,10
Farinhas, féculas e massas .....	1,24	24,52	Tecidos e armarinho .....	0,64	34,10
Tubérculos, raízes e legumes .....	1,71	- 4,65	<b>TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO</b> .....	9,06	32,28
Açúcares e derivados .....	1,73	36,44	TRANSPORTE.....	8,80	32,21
Hortaliças e verduras .....	0,35	- 1,51	Transporte público .....	4,92	35,01
Frutas .....	1,10	20,28	Veículo próprio .....	2,93	24,35
Carnes frescas e vísceras .....	6,28	5,42	Combustíveis (transporte).....	0,96	41,90
Pescados .....	0,58	19,59	<b>COMUNICAÇÕES</b> .....	0,26	34,71
Carnes e peixes industrializados .....	1,86	24,38	Comunicações .....	0,26	34,71
Aves e ovos .....	4,93	3,30	<b>SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS</b> .....	6,77	34,35
Leite e derivados.....	3,11	37,17	<b>PRODUTOS FARMACÊUTICOS E</b>		
Panificados.....	2,40	38,78	<b>APARELHOS DE TRATAMENTO</b> ....	2,64	34,23
Óleos e gorduras.....	0,92	69,46	Produtos farmacêuticos .....	2,39	34,09
Bebidas e infusões .....	2,56	32,53	Óculos e lentes .....	0,25	35,58
Enlatados e conservas .....	0,24	71,48	<b>ATENDIMENTO E SERVIÇOS</b> .....	1,98	28,65
Sal e condimentos.....	0,89	25,61	Atendimento médico .....	1,25	17,29
<b>ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO</b>	8,27	31,06	Serviços médicos.....	0,73	48,11
Alimentação fora do domicílio .....	8,27	31,06	<b>CUIDADOS PESSOAIS</b> .....	2,15	39,76
<b>HABITAÇÃO</b> .....	9,27	29,96	Higiene pessoal .....	2,15	39,76
<b>ENCARGOS E MANUTENÇÃO</b> .....	7,76	25,85	<b>DESPESAS PESSOAIS</b> .....	9,87	27,96
Habitação.....	5,74	22,22	<b>SERVIÇOS</b> .....	2,56	27,94
Reparos .....	0,75	40,56	Serviços pessoais .....	2,56	27,94
Artigos de limpeza .....	1,27	33,63	<b>RECREAÇÃO E FUMO</b> .....	4,80	29,29
<b>OPERAÇÃO</b> .....	1,52	50,98	Recreação .....	2,69	33,77
Combustíveis para uso doméstico... ..	0,50	62,03	Fumo.....	2,12	23,60
Energia elétrica.....	1,02	45,54	<b>EDUCAÇÃO E LEITURA</b> .....	2,50	25,44
<b>ARTIGOS DE RESIDÊNCIA</b> .....	8,34	35,91	Educação .....	2,04	22,10
<b>MÓVEIS E UTENSÍLIOS</b> .....	4,90	37,32	Leitura e papeleria.....	0,46	40,10
Mobiliário .....	1,98	40,77			
Utensílios e enfeites .....	1,99	33,59			
Cama, mesa e banho .....	0,93	37,97			
<b>APARELHOS ELÉTRICOS</b> .....	3,44	33,91			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	1,72	30,13			
TV e som.....	1,72	37,70			
<b>VESTUÁRIO</b> .....	14,48	25,02			
<b>ROUPAS</b> .....	9,46	24,50			
Roupas masculinas .....	3,49	27,93			
Roupas femininas .....	3,72	21,25			
Roupas infantis .....	2,24	24,57			

**5 — PESOS, VARIAÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,  
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS  
Julho de 1989**

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)
<b>IPCA</b>			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	3,59	25,28
IPCA.....	100,00	27,74	Calçados e outros apetrechos.....	3,59	25,28
<b>ALIMENTOS E BEBIDAS</b> .....	32,80	24,81	<b>JÓIAS</b> .....	0,57	20,65
<b>ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO</b> .....	23,83	22,88	Jóias.....	0,57	20,65
Cereais, leguminosas e oleaginosas	2,34	32,54	<b>TECIDOS E ARMARINHO</b> .....	0,63	34,69
Farinhas, féculas e massas .....	0,71	27,68	Tecidos e armarinho .....	0,63	34,69
Tubérculos, raízes e legumes .....	1,25	-3,84	<b>TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO</b> .....	14,96	30,33
Açúcares e derivados .....	1,22	42,25	<b>TRANSPORTE</b> .....	14,34	30,50
Hortaliças e verduras.....	0,33	-1,57	Transporte público.....	3,60	33,39
Frutas.....	0,90	20,33	Veículo próprio.....	7,92	25,10
Carnes frescas e vísceras .....	4,58	6,23	Combustíveis (transporte).....	2,82	42,00
Pescados .....	0,42	20,38	<b>COMUNICAÇÕES</b> .....	0,62	26,27
Carnes e peixes industrializados .....	1,49	26,92	Comunicações .....	0,62	26,27
Aves e ovos.....	3,06	2,42	<b>SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS</b> .....	8,01	33,94
Leste e derivados.....	2,62	37,07	<b>PRODUTOS FARMACÉUTICOS E</b>		
Panificados.....	1,59	39,78	<b>APARELHOS DE TRATAMENTO</b> .....	2,41	34,33
Óleos e gorduras.....	0,57	73,06	Produtos farmacêuticos.....	2,03	34,13
Bebidas e infusões .....	1,89	32,77	Óculos e lentes.....	0,38	35,35
Enlatados e conservas .....	0,23	83,49	<b>ATENIMENTO E SERVIÇOS</b> .....	3,74	29,49
Sal e condimentos.....	0,64	27,90	Atendimento médico.....	2,20	16,54
<b>ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO</b>	8,97	29,93	Serviços médicos.....	1,54	48,01
Alimentação fora do domicílio .....	8,97	29,93	<b>CUIDADOS PESSOAIS</b> .....	1,86	42,36
<b>HABITAÇÃO</b> .....	8,46	27,90	Higiene pessoal .....	1,86	42,36
<b>ENCARGOS E MANUTENÇÃO</b> .....	7,21	24,18	<b>DESPESAS PESSOAIS</b> .....	13,66	26,62
Habitação.....	5,50	20,31	<b>SERVIÇOS</b> .....	4,46	26,05
Reparos .....	0,77	40,26	Serviços pessoais .....	4,46	26,05
Artigos de limpeza .....	0,94	33,57	<b>RECREAÇÃO E FUMO</b> .....	5,25	29,56
<b>OPERAÇÃO</b> .....	1,25	49,29	Recreação .....	3,89	31,80
Combustíveis para uso doméstico...	0,31	60,63	Fumo.....	1,36	23,19
Energia elétrica.....	0,94	45,54	<b>EDUCAÇÃO E LEITURA</b> .....	3,95	23,35
<b>ARTIGOS DE RESIDÊNCIA</b> .....	7,64	36,08	Educação .....	3,11	18,91
<b>MÓVEIS E UTENSÍLIOS</b> .....	4,57	38,45	Leitura e papelaria.....	0,84	39,73
Mobiliário .....	2,02	40,89			
Utensílios e enfeites .....	1,87	35,22			
Cama, mesa e banho .....	0,68	40,04			
<b>APARELHOS ELÉTRICOS</b> .....	3,08	32,57			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	1,64	30,13			
TV e som.....	1,44	35,33			
<b>VESTUÁRIO</b> .....	14,46	24,85			
<b>ROUPAS</b> .....	9,67	24,29			
Roupas masculinas .....	3,65	26,86			
Roupas femininas .....	4,10	21,40			
Roupas infantis .....	1,92	25,81			

5 – PESOS, VARIAÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,  
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS  
Julho de 1989

(conclusão)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)
<b>IPC</b>			CAÇADOS E OUTROS APETRECHOS	4,27	26,39
IPC .....	100,00	28,76	Calçados e outros apetrechos .....	4,27	26,39
ALIMENTOS E BEBIDAS .....	39,43	32,11	JÓIAS .....	0,55	16,35
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO .....	31,88	31,96	Jóias .....	0,55	16,35
Cereais, leguminosas e oleaginosas	3,52	57,26	TECIDOS E ARMARINHO .....	0,69	30,90
Farinhas, féculas e massas .....	1,32	21,85	Tecidos e armarinho .....	0,69	30,90
Tubérculos, raízes e legumes .....	2,02	- 9,38	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO .....	9,76	25,15
Açúcares e derivados .....	1,80	28,04	TRANSPORTE .....	9,51	25,13
Hortaliças e verduras .....	0,44	- 1,36	Transporte público .....	5,06	26,90
Frutas .....	1,19	16,08	Veículo próprio .....	3,21	19,38
Carnes frescas e vísceras .....	5,25	37,81	Combustíveis (transporte) .....	1,24	32,79
Pescados .....	0,60	19,29	COMUNICAÇÕES .....	0,25	25,87
Carnes e peixes industrializados .....	1,39	68,35	Comunicações .....	0,25	25,87
Aves e ovos .....	4,57	26,22	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS .....	6,60	29,13
Leite e derivados .....	3,00	31,33	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E		
Panificados .....	2,34	31,09	APARELHOS DE TRATAMENTO .....	2,53	25,01
Óleos e gorduras .....	0,83	55,69	Produtos farmacêuticos .....	2,28	24,55
Bebidas e infusões .....	2,47	27,62	Óculos e lentes .....	0,25	29,22
Enlatados e conservas .....	0,21	58,24	ATENDEMENTO E SERVIÇOS .....	1,91	35,01
Sal e condimentos .....	0,92	21,55	Atendimento médico .....	1,24	27,16
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	7,55	32,73	Serviços médicos .....	0,67	49,45
Alimentação fora do domicílio .....	7,55	32,73	CUIDADOS PESSOAIS .....	2,16	28,75
HABITAÇÃO .....	9,39	24,71	Higiene pessoal .....	2,16	28,75
ENCARGOS E MANUTENÇÃO .....	7,85	23,70	DESPESAS PESSOAIS .....	9,84	27,53
Habitação .....	5,89	21,13	SERVIÇOS .....	2,37	42,78
Reparos .....	0,71	35,61	Serviços pessoais .....	2,37	42,78
Artigos de limpeza .....	1,25	28,98	RECREAÇÃO E FUMO .....	4,91	23,73
OPERAÇÃO .....	1,54	29,87	Recreação .....	2,83	28,18
Combustíveis para uso doméstico .....	0,49	46,96	Fumo .....	2,08	17,67
Energia elétrica .....	1,05	21,86	EDUCAÇÃO E LEITURA .....	2,56	20,70
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA .....	8,36	34,44	Educação .....	2,12	18,18
MÓVEIS E UTENSÍLIOS .....	5,04	34,09	Leitura e papelaria .....	0,44	32,68
Mobiliário .....	1,88	37,98			
Utensílios e enfeites .....	2,13	29,65			
Cama, mesa e banho .....	1,02	36,17			
APARELHOS ELÉTRICOS .....	3,33	34,98			
Eletrodomésticos e equipamentos .....	1,67	30,90			
TV e som .....	1,66	39,08			
VESTUÁRIO .....	16,61	22,94			
ROUPAS .....	11,10	21,44			
Roupas masculinas .....	3,96	23,87			
Roupas femininas .....	4,01	20,03			
Roupas infantis .....	3,12	20,15			



# PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

---

## ESTIMATIVAS PARA O MÊS DE JUNHO DE 1989

---

A estimativa da População Economicamente Ativa — PEA, para o mês de junho, foi de 16 782 411 pessoas, das quais 16 215 000 estavam ocupadas (trabalhando) e 567 411 estavam desocupadas (procurando trabalho).

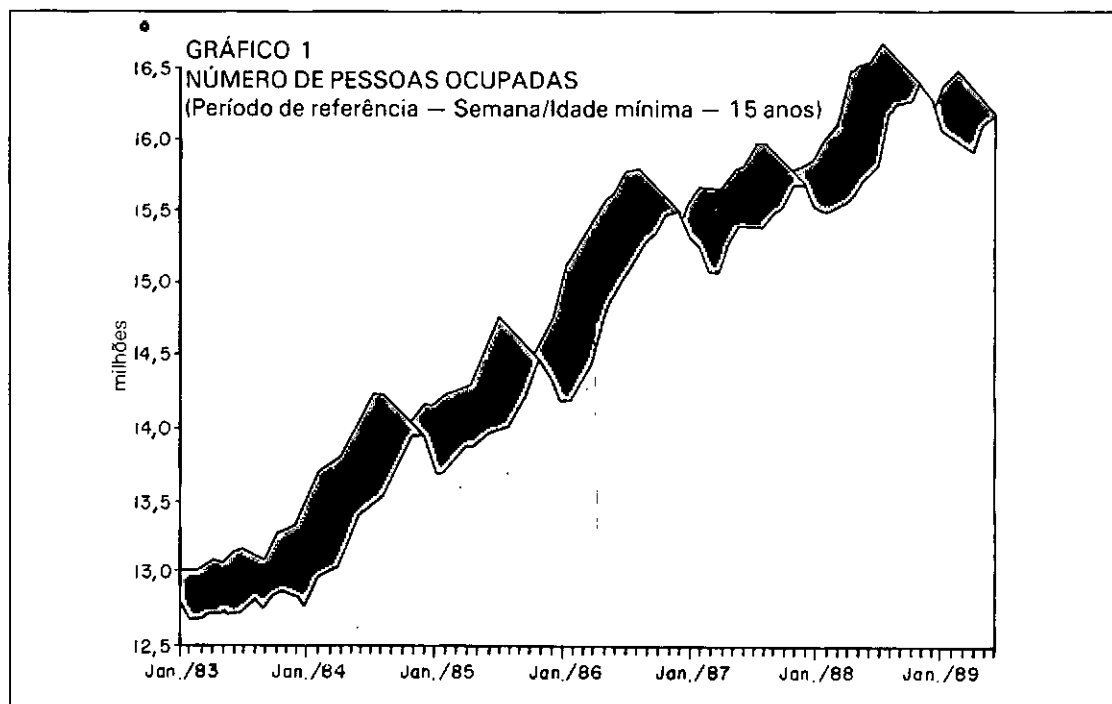
Em relação ao mês de junho do ano passado, a PEA e o número de pessoas ocupadas aumentaram aproximadamente 3%, enquanto o número de pessoas desocupadas diminuiu 11%, o que contribuiu para a queda da taxa de desemprego aberto que passou de 3,90% (junho/88) para 3,37% neste mês.

Comparando o primeiro semestre com igual período do ano passado, no mês a mês, observamos que a população ocupada aumentou aproximadamente 3% ao mês. A população desocupada apresentou variações bastante distintas: em janeiro, aumentou 5%, elevando a taxa de desemprego; em março, embora tenha aumentado 1%, este incremento não foi suficiente para elevar a taxa; em abril, ficou praticamente

estável; e nos demais meses, diminuiu, sendo que os decréscimos em maio e junho foram significativos.

O Gráfico 1 mostra o comportamento do número de pessoas ocupadas no período janeiro/83 a junho/89, enquanto o Gráfico 2 mostra o número de pessoas desocupadas, no mesmo período.

O número de pessoas ocupadas apresenta tendência crescente ao longo do tempo. No período 1983-1989, o crescimento médio do número de pessoas ocupadas foi o mesmo do Produto Interno Bruto, aproximadamente 4%, enquanto o crescimento da população residente, segundo as estimativas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, foi de 2,4%. No primeiro semestre, em comparação com o mesmo período do ano passado, o número de pessoas ocupadas, no mês a mês, aumentou. Em relação ao setor de atividade observamos comportamentos distintos: no setor da Indústria de Transformação, houve queda no primeiro trimestre e acréscimo no segundo. Tal resultado é respaldado pelo desenvolvimento da produção industrial que, segundo as estatísticas produzidas pelo IBGE, apresentou resultado negativo nos três primeiros meses do ano, recuperando-se no fi-



nal do período, em face da reposição dos estoques do comércio. Quanto à Construção Civil, os resultados foram favoráveis no período. O setor há algum tempo, após a aceleração da inflação e as incertezas predominantes na economia, vem dando sinais de crescimento. Os setores de Comércio e de Serviços, basicamente, puxaram o aumento do número de pessoas ocupadas no semestre. Em junho, o setor de Serviços foi responsável por aproximadamente 70% do acréscimo do número de pessoas ocupadas.

Considerando a posição na ocupação, verificamos o crescimento do número de empregados com carteira assinada e dos conta-próprias e a redução do número de empregados sem carteira assinada.

O número de pessoas desocupadas (Gráfico 2) sofreu uma variabilidade maior, apresentando sazonalidade no início do ano, quando a pressão no mercado em busca de trabalho é maior. A taxa de desemprego aberto, basicamente, é determinada pela evolução deste indicador, como podemos verificar fazendo a comparação dos Gráficos 2 e 3.

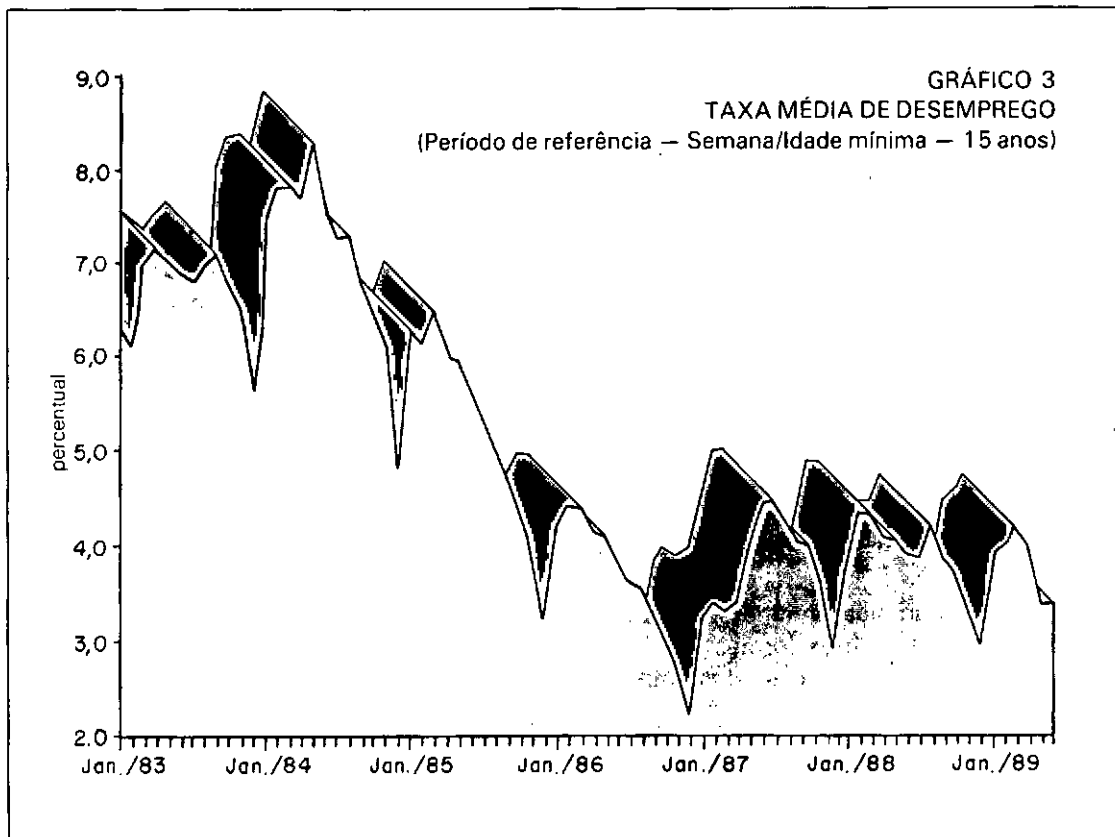
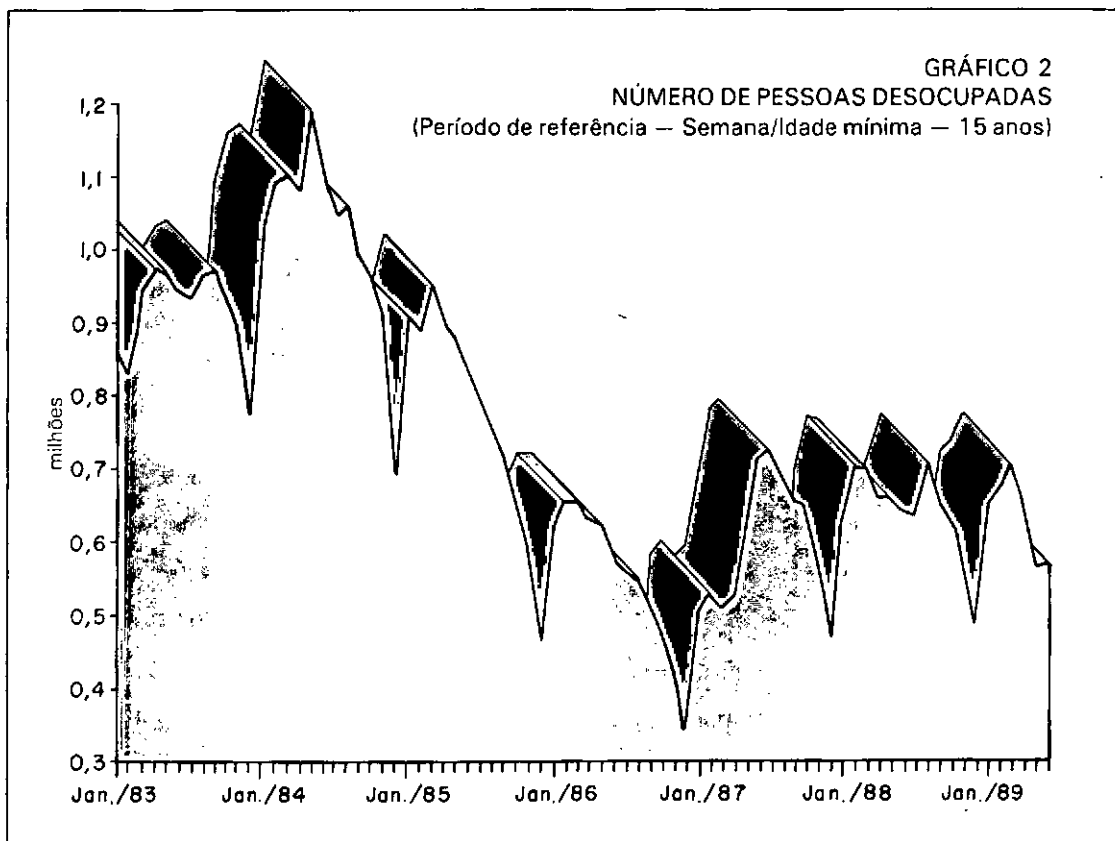
No que diz respeito à subocupação, destacamos a proporção da população economicamente ativa desocupada e ocupada recebendo menos de um piso nacional de salários (PNS), que, em junho, foi de

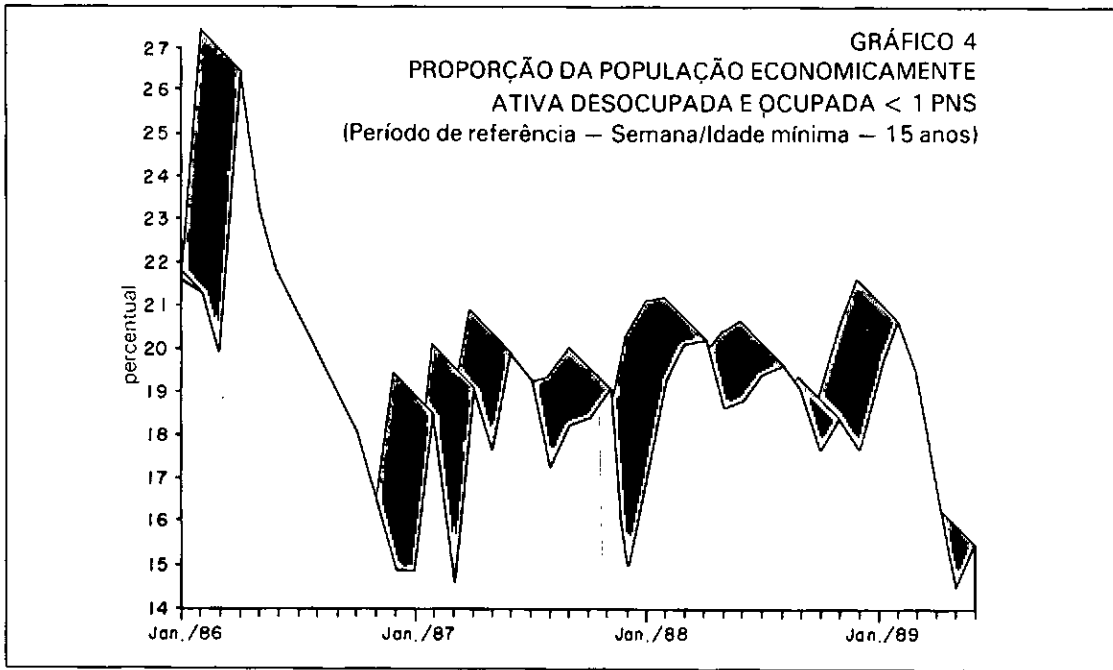
15,64%, bastante inferior à de junho do ano passado (18,82%). No Gráfico 4 podemos observar que a evolução do indicador neste semestre difere bastante dos três anos anteriores, atingindo o menor nível do período 1986/89 em maio deste ano. As quedas acentuadas devem-se principalmente à indefinição da política salarial, que levou as empresas a concederem reajustes espontâneos com o objetivo de evitar greves, reduzindo substancialmente o número de indivíduos nesta faixa de rendimento.

A proporção da População Economicamente Ativa trabalhando por conta-própria que não auferiu rendimento ou auferiu rendimento inferior a 1 PNS foi de 4,09% inferior à de junho do ano passado.

As estimativas de rendimento referem-se ao mês de maio. O rendimento médio real das pessoas ocupadas aumentou em todas as Regiões Metropolitanas, em relação a maio/88. As maiores variações ocorreram em Recife e Porto Alegre, 24% e 18%, respectivamente.

Desagregando os resultados, verificamos que o rendimento médio real dos empregados com carteira assinada aumentou expressivamente em Recife (14%) e Porto Alegre (13%), caindo em Salvador (4%). Os empregados sem carteira obtiveram ganhos substanciais em Porto Alegre (31%), Recife (22%), Belo Horizonte (19%) e São Paulo





(12%). As pessoas que trabalharam por conta-própria continuam se destacando com ganhos elevados. Os maiores percentuais de aumento foram verificados em Porto Alegre (43%), Recife (41%) e Salvador (31%).

#### NOTA EXPLICATIVA

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego — PME — são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

#### Principais Conceitos

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

**Trabalho** — Considera-se como trabalho o exercício de:

a) ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos; e

b) ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante 15 horas por semana, ajudando a membro

da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

**Pessoas Ocupadas** — Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele, trabalharam, ou tinham trabalho, mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

**Pessoas Desocupadas** — Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência, mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de referência de 30 dias, conforme o período considerado).

**Pessoas Economicamente Ativas** — PEA — Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

**Pessoas Não-economicamente Ativas** — Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

**Empregados** — Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para empregador, geralmente cumprindo uma

jornada de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos.

*Conta-próprias* — Consideram-se como conta-próprias as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

*Empregadores*— Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

*Não Remunerados* — Consideram-se como não remunerados as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

*Rendimento de Trabalho* — Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, inclui-se as parcelas referentes ao 13º salário (14º, 15º, etc.) e a participação nos lucros paga pela empresa que tiver sido recebida no mês de referência. Para os empregadores e trabalhadores por conta própria, considera-se a retirada feita ou ganho líquido (rendimento bruto menos as despesas efetuadas com o negócio ou profissão — salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência. Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, efetivamente recebido no mês de referência.

Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.), efetivamente recebido no mês de referência.

*Semana de Referência* — É aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.

*Período de Referência de 30 dias* — São os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

*Mês de Referência* — É aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

---

## ESTIMATIVAS DE VALORES ABSOLUTOS

---

As estimativas dos valores absolutos apresentadas foram obtidas através de um estimador de razão. De uma forma simplificada, este estimador pode ser descrito como o produto de uma estimativa independente da população residente pela relação entre o valor da variável considerada e o total de pessoas residentes, ambos estimados através da amostra.

$$\hat{X} = P \frac{\hat{X}^*}{\hat{Y}^*}, \text{ onde:}$$

$P$  — população residente obtida por estimativa independente;

$\hat{X}^*$  — valor da variável estimado através da amostra; e

$\hat{Y}^*$  — total de pessoas residentes estimado através da amostra.

A metodologia adotada para a revisão da estimativa da população residente considerou que a participação relativa das regiões metropolitanas, em relação à população total das respectivas Unidades da Federação, obedecia, no tempo, a um comportamento logístico.

Os limites dessas curvas logísticas foram determinados levando-se em conta a evolução das referidas participações no período 1970-85, conforme procedimento metodológico proposto por Frias<sup>1</sup>. A partir dos valores das participações e das populações das Unidades da Federação, foram obtidas, por multiplicação, as populações residentes nas regiões metropolitanas, no dia 15 de cada mês.

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Emprego e Rendimento (DEREN), Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539.

<sup>1</sup> FRIAS, Luiz Armando de Medeiros. Determinação do limite superior ou inferior de curvas logísticas em projetos de população com base na tendência passada. Rio de Janeiro, DEPOP/IBGE, 1987 (a ser publicado).

## 1 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA) — 1988/89

Pessoas desocupadas em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	6,23	5,71	4,91	5,21	4,34	4,21	2,78	2,89	3,96	4,19	3,43	3,00	3,80	3,87
Fevereiro .....	6,04	5,60	4,82	4,03	4,28	3,99	3,42	2,98	4,67	4,53	4,21	3,45	4,33	3,99
Março .....	6,25	6,85	4,93	5,12	4,13	4,20	3,40	3,21	4,58	4,45	4,30	3,39	4,30	4,18
Abril .....	5,87	5,82	5,07	4,47	4,35	3,98	3,26	3,16	4,22	4,28	3,91	2,99	4,08	3,94
Maió .....	5,06	5,29	4,82	3,95	4,64	3,67	3,19	2,61	4,35	3,56	3,66	2,76	4,04	3,37
Junho .....	5,00	5,02	5,17	4,59	4,60	3,05	3,03	2,70	4,00	3,61	4,05	2,57	3,90	3,37
Julho .....	5,67		4,93		4,14		2,96		4,01		3,60		3,84	
Agosto .....	6,26		5,24		4,25		3,30		4,32		3,76		4,16	
Setembro .....	5,57		3,84		3,74		3,15		4,10		3,57		3,84	
Outubro .....	5,17		3,76		3,61		3,20		3,80		3,33		3,65	
Novembro .....	5,05		4,01		3,10		3,01		3,30		2,93		3,32	
Dezembro .....	4,56		4,02		3,11		2,39		2,88		2,79		2,92	

2 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO:  
PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ — 1988/89

Pessoas desocupadas que nunca trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	1,11	0,82	0,59	0,58	0,52	0,65	0,21	0,28	0,27	0,27	0,38	0,22	0,35	0,35
Fevereiro .....	1,30	0,80	0,57	0,42	0,59	0,36	0,25	0,28	0,30	0,32	0,39	0,38	0,40	0,35
Março .....	1,16	1,05	0,55	0,53	0,48	0,43	0,16	0,25	0,29	0,32	0,41	0,22	0,34	0,36
Abril .....	0,90	1,02	0,63	0,73	0,40	0,47	0,22	0,29	0,22	0,30	0,36	0,19	0,31	0,37
Maió .....	0,87	0,69	0,69	0,47	0,43	0,43	0,27	0,24	0,25	0,18	0,32	0,12	0,33	0,27
Junho .....	0,84	0,83	0,47	0,54	0,43	0,32	0,30	0,23	0,25	0,17	0,31	0,15	0,33	0,26
Julho .....	0,81		0,50		0,42		0,31		0,18		0,29		0,31	
Agosto .....	0,87		0,56		0,48		0,33		0,33		0,34		0,39	
Setembro .....	1,01		0,30		0,36		0,36		0,21		0,16		0,32	
Outubro .....	0,81		0,30		0,48		0,20		0,18		0,17		0,25	
Novembro .....	0,76		0,38		0,25		0,15		0,19		0,19		0,23	
Dezembro .....	0,77		0,18		0,29		0,20		0,15		0,17		0,22	

## 3 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM — 1988/89

Pessoas desocupadas que trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	5,12	4,88	4,32	4,62	3,82	3,55	2,57	2,60	3,69	3,92	3,05	2,78	3,45	3,52
Fevereiro .....	4,74	4,79	4,25	3,60	3,69	3,63	3,17	2,70	4,37	4,21	3,82	3,06	3,93	3,63
Março .....	5,09	5,79	4,38	4,59	3,65	3,77	3,24	2,95	4,29	4,13	3,89	3,16	3,96	3,82
Abril .....	4,97	4,79	4,44	3,73	3,95	3,50	3,04	2,87	4,00	3,98	3,55	2,79	3,77	3,56
Maió .....	4,19	4,59	4,13	3,47	4,21	3,23	2,92	2,37	4,10	3,37	3,34	2,64	3,71	3,10
Junho .....	4,16	4,18	4,70	4,05	4,17	2,73	2,73	2,46	3,75	3,44	3,74	2,41	3,57	3,10
Julho .....	4,86		4,43		3,72		2,65		3,83		3,31		3,53	
Agosto .....	5,39		4,68		3,77		2,97		3,99		3,42		3,77	
Setembro .....	4,56		3,54		3,38		2,79		3,89		3,41		3,52	
Outubro .....	4,36		3,46		3,13		3,00		3,62		3,16		3,40	
Novembro .....	4,29		3,63		2,85		2,86		3,11		2,74		3,09	
Dezembro .....	3,79		3,84		2,82		2,19		2,73		2,62		2,70	

4 – TAXA DE DESEMPREGO: CHEFES DE DOMICÍLIO – 1988/89

Chefes de unidades domiciliares, desocupados, em relação às pessoas desocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	18,33	24,23	27,69	26,81	15,16	19,70	24,26	20,51	25,63	26,92	20,47	31,96	23,33	24,88
Fevereiro .....	18,42	25,77	27,86	33,81	15,30	18,33	23,43	20,20	21,94	25,22	24,55	29,04	21,92	24,35
Março .....	23,13	24,10	24,70	31,03	17,33	18,95	25,85	19,59	23,65	26,48	22,65	25,70	23,57	24,32
Abril .....	20,09	21,19	22,57	30,58	20,25	18,14	22,82	20,78	25,58	22,26	27,02	24,90	23,85	22,19
Maió .....	22,16	22,77	23,51	33,52	19,96	21,04	26,13	22,63	23,01	23,51	25,61	28,36	23,58	24,03
Junho .....	21,83	17,06	25,00	29,56	20,63	19,84	21,98	29,14	25,95	27,60	27,83	32,04	24,28	26,77
Julho .....	24,48		26,23		15,07		23,77		27,36		26,39		24,98	
Agosto .....	21,63		24,92		15,75		23,03		23,03		24,66		22,52	
Setembro .....	20,52		31,60		20,00		22,60		24,42		27,44		23,93	
Outubro .....	21,20		32,02		18,45		24,16		24,43		24,81		24,08	
Novembro .....	18,21		29,96		20,68		23,21		23,10		29,52		23,40	
Dezembro .....	19,85		33,18		20,00		24,66		26,39		25,36		25,22	

5 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1988/89

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da indústria de transformação, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	6,80	6,85	5,41	6,09	4,08	4,17	3,35	3,17	4,97	5,04	3,80	3,09	4,56	4,53
Fevereiro .....	6,72	5,74	5,99	4,55	5,04	4,38	4,43	3,89	5,72	5,32	4,57	3,16	5,37	4,77
Março .....	8,70	8,58	5,66	7,28	4,77	4,90	4,38	3,98	5,45	5,05	4,35	3,63	5,22	4,92
Abril .....	7,47	6,11	6,17	5,14	4,75	4,11	4,07	3,95	5,22	4,68	4,74	3,57	5,03	4,46
Maió .....	7,83	7,99	5,87	3,53	4,71	3,66	3,94	2,68	5,89	4,28	4,47	3,53	5,34	3,97
Junho .....	6,27	5,92	5,73	3,75	5,04	3,69	3,82	3,13	5,45	4,42	4,62	2,82	5,06	4,01
Julho .....	8,15		6,22		4,35		3,98		5,20		4,35		4,95	
Agosto .....	7,41		5,51		4,00		3,36		5,32		3,87		4,80	
Setembro .....	7,23		4,81		4,28		3,31		4,89		5,11		4,63	
Outubro .....	6,48		5,60		3,32		3,59		4,54		3,61		4,29	
Novembro .....	6,62		4,45		3,35		3,39		3,98		2,83		3,82	
Dezembro .....	5,34		5,60		3,63		2,80		3,42		2,57		3,37	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

6 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1988/89

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da construção civil, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	9,81	6,89	6,57	6,77	4,97	5,47	2,91	1,93	3,66	4,83	2,53	4,13	4,09	4,28
Fevereiro .....	8,70	7,03	7,31	5,05	4,05	5,04	3,00	3,44	3,63	4,80	3,54	4,57	4,06	4,57
Março .....	8,82	13,09	7,86	8,64	5,31	4,85	3,24	4,02	3,44	4,30	2,58	3,25	4,20	5,12
Abril .....	6,52	8,45	8,33	6,40	4,74	4,67	2,31	4,00	2,41	3,99	3,70	2,05	3,44	4,39
Maió .....	4,30	7,49	7,21	4,83	4,89	2,93	2,84	3,23	2,91	2,56	3,04	3,43	3,51	3,34
Junho .....	6,02	8,11	8,18	7,78	5,56	3,34	3,55	3,13	3,10	1,99	3,10	1,37	4,08	3,28
Julho .....	8,08		7,23		4,30		2,58		2,97		4,21		3,73	
Agosto .....	9,26		6,87		4,95		3,79		2,95		3,55		4,14	
Setembro .....	7,42		5,13		3,48		3,75		3,07		3,13		3,74	
Outubro .....	4,95		5,70		4,88		3,13		3,87		1,71		3,83	
Novembro .....	8,69		6,76		3,33		2,38		2,82		2,73		3,44	
Dezembro .....	3,57		6,37		3,37		2,55		3,18		2,68		3,23	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

**7 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DO COMÉRCIO – 1988/89**  
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor do comércio; em relação  
às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,  
segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	4,95	5,76	5,30	6,19	4,81	3,64	3,52	3,89	3,53	3,67	3,92	3,86	3,87	4,07
Fevereiro .....	5,08	4,79	5,47	4,04	5,10	4,77	2,75	3,62	4,27	4,31	6,31	3,60	4,18	4,12
Março .....	5,61	5,26	5,30	4,21	4,26	4,43	3,67	4,52	4,83	4,79	6,41	4,51	4,66	4,66
Abril .....	4,32	5,87	7,14	4,35	5,31	4,93	4,10	4,44	5,05	4,19	4,15	4,61	4,80	4,49
Maió .....	4,51	3,79	4,67	4,47	6,44	4,78	4,40	3,51	4,66	3,96	3,79	3,20	4,66	3,87
Junho .....	4,44	3,66	5,07	5,02	4,91	3,59	4,12	3,59	4,08	4,16	5,34	4,49	4,36	4,00
Julho .....	4,84		4,91		4,88		3,29		4,31		4,19		4,14	
Agosto .....	5,77		6,28		4,95		3,96		5,00		4,53		4,82	
Setembro .....	4,90		4,72		4,54		4,50		4,52		3,26		4,45	
Outubro .....	4,86		5,43		3,73		4,21		4,46		4,19		4,41	
Novembro .....	4,25		5,44		2,88		3,82		3,71		3,36		3,80	
Dezembro .....	3,71		4,32		2,94		2,54		3,38		2,90		3,14	

NOTA – Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

**8 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DOS SERVIÇOS – 1988/89**  
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor dos serviços, em relação  
às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,  
segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	4,77	4,41	4,01	4,00	3,47	3,19	2,29	2,34	2,95	3,23	2,69	2,28	2,95	2,99
Fevereiro .....	4,09	4,52	3,39	3,42	3,02	2,90	3,08	2,12	3,65	3,49	3,00	2,89	3,37	3,01
Março .....	3,84	4,47	3,79	3,99	2,99	3,21	3,00	2,37	3,50	3,38	3,47	2,54	3,33	3,09
Abril .....	4,68	4,11	3,30	3,28	3,46	2,60	2,80	2,29	3,25	3,55	3,13	2,13	3,21	2,97
Maió .....	3,86	3,90	3,46	3,28	3,67	2,88	2,53	2,05	3,00	2,71	2,78	1,95	2,97	2,58
Junho .....	3,86	3,60	4,31	3,40	3,54	2,10	2,16	2,03	2,71	2,89	3,16	1,81	2,81	2,55
Julho .....	4,13		4,11		3,20		2,33		2,86		2,60		2,85	
Agosto .....	5,01		4,37		3,15		2,76		2,98		3,07		3,16	
Setembro .....	4,23		3,11		2,94		2,43		3,28		2,74		2,99	
Outubro .....	4,28		2,60		2,79		2,81		2,85		3,20		2,93	
Novembro .....	3,79		3,09		2,78		2,78		2,56		2,78		2,78	
Dezembro .....	3,86		3,33		2,42		2,13		2,02		2,84		2,35	

NOTA – Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

**9 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES – 1988/89**  
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor das outras atividades, em relação  
às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,  
segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	2,22	2,18	1,93	1,24	2,45	1,69	0,87	1,34	1,21	1,49	1,30	1,23	1,38	1,48
Fevereiro .....	2,79	3,64	1,74	1,41	1,88	2,43	1,68	1,54	1,73	2,22	1,87	1,73	1,86	2,02
Março .....	3,59	4,33	1,92	1,12	1,95	1,77	1,64	1,14	2,13	1,92	1,41	2,40	2,02	1,88
Abril .....	3,32	2,67	1,22	1,30	1,35	3,32	1,53	0,92	1,01	2,50	0,48	1,03	1,46	1,76
Maió .....	1,02	2,83	2,01	1,69	1,35	1,78	1,32	0,98	0,49	1,56	1,69	1,80	1,18	1,55
Junho .....	0,96	2,73	1,96	3,34	3,05	1,80	1,18	1,07	0,67	0,98	1,26	1,32	1,26	1,55
Julho .....	2,22		1,36		2,48		1,06		2,03		1,39		1,62	
Agosto .....	2,19		1,24		2,91		1,54		1,93		1,45		1,80	
Setembro .....	1,42		1,15		2,04		0,70		1,78		1,63		1,30	
Outubro .....	1,86		0,43		1,61		1,15		0,93		0,79		1,12	
Novembro .....	1,56		0,30		1,17		1,37		0,46		0,91		1,01	
Dezembro .....	2,25		1,42		1,82		0,59		1,41		0,76		1,17	

NOTA – Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.



**10 – TAXA DE DESEMPREGO (30 DIAS) – 1988/89**  
 Pessoas desocupadas, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – 30 dias

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	6,70	6,16	5,15	5,62	4,82	4,73	3,27	3,23	4,15	4,46	3,78	3,31	4,14	4,21
Fevereiro .....	6,92	6,17	5,12	4,45	4,93	4,52	3,96	3,53	5,16	4,83	4,62	3,80	4,86	4,40
Março .....	6,76	7,40	5,25	5,72	4,86	4,80	3,88	3,51	5,00	4,74	4,66	3,57	4,76	4,53
Abril .....	6,20	6,35	5,46	4,70	4,68	4,51	3,55	3,44	4,43	4,55	4,30	3,16	4,36	4,24
Maio .....	5,26	5,74	5,00	4,32	5,06	4,08	3,42	2,81	4,63	3,75	4,01	2,97	4,32	3,61
Junho .....	5,33	5,29	5,45	4,86	5,00	3,58	3,37	2,91	4,18	3,84	4,45	2,81	4,18	3,62
Julho .....	6,36		5,14		4,70		3,29		4,29		4,09		4,19	
Agosto .....	6,84		5,46		4,77		3,44		4,41		4,11		4,36	
Setembro .....	6,07		4,02		4,33		3,46		4,43		4,02		4,19	
Outubro .....	5,58		3,82		4,07		3,48		3,99		3,58		3,91	
Novembro .....	5,48		4,28		3,57		3,24		3,55		3,20		3,60	
Dezembro .....	5,09		4,26		3,71		2,72		3,33		3,24		3,34	

**11 – TAXA DE ATIVIDADE – 1988/89**  
 Pessoas economicamente ativas em relação às pessoas de 15 anos ou mais de idade, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	54,29	54,69	59,87	60,26	62,35	63,53	57,97	58,28	62,73	63,26	61,58	62,42	60,40	60,94
Fevereiro .....	55,25	54,25	60,77	59,88	62,07	62,48	58,11	58,06	63,27	63,42	60,20	62,61	60,68	60,80
Março .....	54,44	55,88	60,55	60,14	61,92	62,77	58,07	57,48	63,77	63,20	61,57	62,90	60,89	60,72
Abril .....	54,53	55,20	60,29	59,92	62,20	62,79	58,16	57,09	63,27	63,09	61,61	62,37	60,75	60,43
Maio .....	53,93	55,33	60,22	60,22	63,13	63,59	58,41	56,74	63,59	63,66	63,12	62,56	61,18	60,71
Junho .....	54,18	55,72	60,80	61,48	63,56	63,68	57,75	57,32	63,81	63,81	63,51	62,48	61,13	61,05
Julho .....	54,25		61,00		62,94		58,34		63,68		63,55		61,22	
Agosto .....	56,91		63,25		64,38		59,21		65,25		64,10		62,59	
Setembro .....	56,91		62,86		64,14		59,16		65,27		63,75		62,51	
Outubro .....	56,66		63,12		63,91		59,30		64,67		63,82		62,29	
Novembro .....	57,02		62,15		63,37		59,47		64,69		64,30		62,30	
Dezembro .....	55,50		61,33		63,53		58,85		63,69		63,62		61,50	

**12 – TAXA DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1988/89**  
 Pessoas ocupadas na indústria de transformação, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	14,61	14,66	12,78	13,06	19,55	19,51	17,59	17,40	34,21	32,22	27,16	26,72	25,08	24,14
Fevereiro .....	14,16	14,41	13,04	13,09	19,59	19,06	17,33	16,69	34,15	31,99	27,46	26,67	25,01	23,76
Março .....	13,56	14,25	13,00	13,60	20,26	19,28	17,05	16,50	33,93	32,55	26,92	26,18	24,89	23,95
Abril .....	14,28	14,67	12,06	13,23	19,23	20,01	17,11	17,00	33,65	33,03	25,93	26,68	24,62	24,34
Maio .....	13,50	14,65	12,57	12,95	19,47	19,30	17,11	17,37	33,07	32,95	27,38	25,78	24,60	24,42
Junho .....	14,00	15,14	12,42	13,17	19,42	19,46	17,07	17,47	33,33	33,30	27,17	26,87	24,63	24,68
Julho .....	14,37		11,98		19,39		17,49		33,46		27,09		24,74	
Agosto .....	14,23		12,57		18,84		17,43		33,82		27,55		24,90	
Setembro .....	14,66		13,01		18,75		17,59		33,37		26,82		24,73	
Outubro .....	14,18		12,71		19,44		17,84		33,67		26,77		24,89	
Novembro .....	13,64		12,47		19,44		17,41		33,21		26,46		24,50	
Dezembro .....	14,27		13,28		19,02		17,44		32,23		26,07		24,10	

**13 – TAXA DOS OCUPADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1988/89**  
Pessoas ocupadas na construção civil, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	6,50	7,79	8,13	9,05	9,50	10,13	7,34	7,55	5,65	6,20	5,98	6,57	6,70	7,23
Fevereiro .....	6,65	7,22	8,75	9,00	9,58	9,89	7,18	7,19	6,09	6,16	6,09	6,09	6,91	7,02
Março .....	6,75	7,08	8,60	8,27	9,56	9,81	7,16	7,28	6,15	6,53	6,03	5,84	6,91	7,12
Abril .....	7,26	6,75	8,89	7,88	9,72	9,00	7,28	7,53	6,34	6,16	6,20	6,07	7,10	6,95
Maió .....	7,09	7,12	8,33	8,69	10,07	9,43	7,37	7,67	6,28	6,42	5,89	6,22	7,06	7,21
Junho .....	7,09	6,92	8,81	8,52	10,06	9,77	7,06	7,45	6,39	6,49	5,92	5,80	7,05	7,16
Julho .....	6,85		8,92		10,63		7,24		6,20		6,06		7,07	
Agosto .....	6,66		8,99		10,12		7,40		6,84		5,81		7,32	
Setembro .....	6,60		9,27		10,44		7,44		6,52		5,79		7,23	
Outubro .....	6,62		8,79		9,94		7,56		6,66		6,13		7,29	
Novembro .....	7,32		8,98		10,46		7,28		6,54		6,16		7,26	
Dezembro .....	7,73	-	8,82		10,60		7,68		6,26		6,49		7,31	

**14 – TAXA DOS OCUPADOS NO COMÉRCIO – 1988/89**  
Pessoas ocupadas no comércio, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	16,75	17,21	14,47	15,50	12,30	13,77	13,46	13,09	13,46	13,70	14,64	15,08	13,70	13,95
Fevereiro .....	16,47	16,88	14,89	14,60	12,36	13,38	12,97	13,52	13,48	13,80	13,87	14,21	13,51	13,95
Março .....	16,11	16,14	14,50	15,36	12,49	13,62	13,08	13,43	12,69	13,90	13,51	15,11	13,27	14,06
Abril .....	16,52	16,26	14,47	16,26	12,85	13,61	13,11	12,99	12,80	13,77	15,43	14,85	13,40	13,92
Maió .....	15,86	15,92	14,45	15,48	13,20	13,67	12,76	13,70	13,08	13,26	14,82	14,78	13,35	13,84
Junho .....	16,18	16,52	14,98	14,81	12,85	13,74	12,87	13,57	12,62	12,68	14,30	14,71	13,18	13,56
Julho .....	17,08		14,83		13,07		12,97		13,46		14,63		13,67	
Agosto .....	16,37		14,59		13,65		12,52		12,79		14,64		13,26	
Setembro .....	16,21		13,63		13,03		12,77		12,71		14,68		13,18	
Outubro .....	17,22		14,61		12,84		12,61		12,77		14,96		13,28	
Novembro .....	17,24		14,99		13,36		12,56		12,67		14,95		13,30	
Dezembro .....	17,19		14,97		13,86		13,72		13,23		15,63		13,95	

**15 – TAXA DOS OCUPADOS NOS SERVIÇOS – 1988/89**  
Pessoas ocupadas em serviços, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	48,14	47,13	52,49	51,51	51,05	49,30	52,00	52,39	42,13	43,52	43,18	42,36	46,87	47,23
Fevereiro .....	48,80	47,82	51,78	51,74	50,93	50,21	53,02	52,78	41,78	43,55	42,91	43,61	47,00	47,59
Março .....	49,06	48,66	51,95	51,58	49,98	49,79	52,93	53,05	42,30	42,30	43,94	43,56	47,15	47,12
Abril .....	47,59	48,32	52,23	51,44	50,57	50,07	52,49	52,53	42,62	42,31	43,10	43,00	47,07	46,96
Maió .....	49,58	48,64	52,17	51,25	49,98	50,21	52,86	51,94	43,02	42,82	42,96	43,89	47,36	47,02
Junho .....	48,06	47,90	51,93	52,54	50,54	49,81	53,17	52,29	43,20	43,37	44,03	43,68	47,57	47,36
Julho .....	47,49		51,95		49,69		52,99		42,50		43,87		47,11	
Agosto .....	48,32		52,74		50,03		53,33		42,52		43,83		47,32	
Setembro .....	47,12		52,20		50,18		52,74		43,04		44,65		47,35	
Outubro .....	47,47		52,05		50,35		52,44		42,67		43,71		47,09	
Novembro .....	47,83		51,87		49,66		53,13		43,28		43,78		47,51	
Dezembro .....	47,63		51,16		49,20		51,77		43,95		42,80		47,25	

**16 — TAXA DOS OCUPADOS EM OUTRAS ATIVIDADES — 1988/89**  
 Pessoas ocupadas em outras atividades, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	14,00	13,18	12,13	10,86	7,60	7,26	9,61	9,55	4,56	4,34	9,04	9,23	7,64	7,42
Fevereiro .....	13,92	13,65	11,54	11,54	7,55	7,44	9,50	9,80	4,50	4,47	9,67	9,40	7,57	7,66
Março .....	14,53	13,84	11,95	11,17	7,72	7,48	9,78	9,72	4,66	4,70	9,60	9,28	7,79	7,72
Abril .....	14,34	13,97	12,34	11,16	7,62	7,28	10,01	9,92	4,59	4,72	9,36	9,38	7,81	7,80
Maió .....	13,96	13,65	12,48	11,60	7,28	7,37	9,90	9,28	4,55	4,51	8,96	9,30	7,63	7,49
Junho .....	14,68	13,49	11,86	10,94	7,13	7,19	9,84	9,19	4,46	4,14	8,58	8,92	7,58	7,22
Julho .....	14,21		12,33		7,22		9,33		4,38		8,36		7,41	
Agosto .....	14,42		11,10		7,36		9,32		4,03		8,16		7,21	
Setembro .....	15,41		11,90		7,60		9,46		4,36		8,06		7,51	
Outubro .....	14,51		11,84		7,44		9,54		4,23		8,43		7,45	
Novembro .....	13,96		11,69		7,08		9,62		4,29		8,65		7,45	
Dezembro .....	13,18		11,76		7,31		9,39		4,33		9,02		7,40	

**17 — TAXA DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA — 1988/89**  
 Empregados com carteira de trabalho assinada, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	48,61	48,74	54,78	52,43	55,48	54,91	54,26	55,43	61,54	61,67	60,72	61,22	57,61	57,89
Fevereiro .....	47,67	49,48	54,60	53,23	56,15	55,49	54,54	55,08	60,78	62,08	61,05	61,02	57,38	58,07
Março .....	47,85	49,94	54,40	53,31	55,30	55,46	54,86	54,80	61,51	61,68	59,77	60,26	57,67	57,79
Abril .....	47,89	49,23	52,68	54,94	55,33	55,84	54,22	55,29	61,41	62,10	59,26	59,96	57,32	58,16
Maió .....	49,00	49,39	51,91	55,50	55,41	55,72	54,63	55,60	61,48	61,44	59,80	59,53	57,63	58,03
Junho .....	48,03	49,04	52,46	54,05	54,67	55,32	54,89	55,70	61,32	61,44	60,07	60,15	57,52	57,94
Julho .....	48,47		53,59		55,24		54,38		61,32		60,00		57,48	
Agosto .....	48,52		55,03		55,85		53,70		61,19		60,30		57,38	
Setembro .....	49,66		55,17		55,65		53,97		60,73		60,18		57,31	
Outubro .....	49,84		54,26		56,44		54,56		61,54		59,63		57,79	
Novembro .....	48,48		54,35		56,44		54,32		62,09		59,16		57,83	
Dezembro .....	48,52		53,28		55,88		55,36		61,82		59,72		57,95	

**18 — TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS SEM RENDIMENTOS — 1988/89**  
 Conta-próprias que, efetivamente, não receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	1,00	1,24	0,20	0,45	1,55	1,53	0,57	0,54	0,76	0,79	0,88	0,85	0,76	0,79
Fevereiro .....	1,55	1,16	0,27	0,61	1,76	1,91	0,69	0,64	0,89	0,88	1,18	1,22	0,94	0,93
Março .....	1,21	1,41	0,42	0,42	1,40	1,66	0,56	0,51	0,85	0,91	1,32	1,34	0,85	0,90
Abril .....	1,15	1,04	0,33	0,44	1,58	1,69	0,49	0,40	0,74	0,79	1,02	1,16	0,77	0,78
Maió .....	0,64	0,86	0,29	0,42	1,20	1,47	0,60	0,43	0,85	0,63	1,13	1,07	0,79	0,69
Junho .....	0,81	0,89	0,25	0,27	1,40	1,22	0,46	0,36	0,73	0,65	0,92	0,87	0,71	0,63
Julho .....	1,02		0,28		1,24		0,45		0,55		1,19		0,65	
Agosto .....	1,16		0,43		1,57		0,38		0,73		0,94		0,73	
Setembro .....	1,24		0,32		1,24		0,54		0,77		0,93		0,76	
Outubro .....	0,93		0,36		1,08		0,42		0,72		1,14		0,69	
Novembro .....	1,02		0,36		1,17		0,59		0,66		0,89		0,70	
Dezembro .....	1,23		0,43		1,32		0,52		0,56		0,99		0,68	

### 19 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS COM MENOS DE UM PISO NACIONAL DE SALÁRIOS 1988/89

Conta-próprias que, efetivamente, receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um piso nacional de salário, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	8,40	11,28	8,43	8,62	5,65	7,62	5,53	6,10	1,65	2,45	3,42	4,14	4,07	5,01
Fevereiro .....	9,57	10,71	9,00	9,13	6,03	7,46	5,38	6,11	2,16	2,79	4,08	3,41	4,42	5,08
Março .....	10,17	10,37	8,61	8,42	6,77	6,95	5,14	5,60	2,20	2,72	4,17	3,73	4,44	4,83
Abril .....	10,15	10,26	8,63	7,78	6,90	6,50	5,77	4,35	2,42	2,13	4,41	3,19	4,75	4,10
Maior .....	8,67	8,32	8,98	5,90	6,11	6,00	5,08	3,75	2,11	1,71	4,65	2,80	4,25	3,42
Junho .....	9,85	8,86	8,96	6,53	6,70	6,19	4,88	4,00	2,20	1,45	4,16	2,52	4,35	3,46
Julho .....	10,52		9,80		7,05		5,75		2,52		4,64		4,91	
Agosto .....	10,37		8,83		6,77		5,81		2,32		4,64		4,77	
Setembro .....	10,16		9,13		6,88		5,78		2,34		4,36		4,76	
Outubro .....	9,35		8,66		5,47		5,39		1,95		3,62		4,23	
Novembro .....	10,47		9,16		6,26		5,82		2,50		4,16		4,81	
Dezembro .....	10,52		9,47		7,36		6,04		2,73		3,99		5,06	

NOTA – A partir de setembro de 1987 o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

### 20 – TAXA DOS DESEMPREGADOS E OCUPADOS COM MENOS DE UM PISO NACIONAL DE SALÁRIOS – 1988/89

Pessoas desocupadas e pessoas ocupadas que, efetivamente, não receberam rendimento ou auferiram remuneração de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um piso nacional de salários, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS E PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro .....	30,78	33,70	24,42	28,18	23,55	24,76	16,86	19,33	12,63	15,46	15,65	17,15	16,85	19,42
Fevereiro .....	35,21	33,79	25,75	26,85	25,31	24,82	18,94	20,98	15,12	17,21	19,58	18,04	19,29	20,64
Março .....	35,59	34,75	26,97	25,44	28,27	24,03	19,24	18,51	16,10	16,36	19,72	17,16	20,14	19,45
Abril .....	34,35	30,53	26,86	22,84	27,67	22,57	20,46	15,42	15,74	13,87	20,05	14,74	20,24	16,76
Maior .....	29,11	27,42	25,27	19,97	26,35	20,70	18,09	13,12	15,30	11,57	18,70	13,21	18,63	14,45
Junho .....	32,88	28,87	28,53	23,04	27,88	21,98	17,56	14,25	14,74	12,67	18,01	13,03	18,82	15,64
Julho .....	34,86		28,73		26,09		19,01		15,05		18,87		19,42	
Agosto .....	34,58		28,27		25,77		19,02		15,63		18,80		19,65	
Setembro .....	32,53		27,47		24,46		18,29		15,40		18,30		19,01	
Outubro .....	31,91		26,08		22,33		16,95		14,17		16,67		17,68	
Novembro .....	32,52		26,97		22,99		18,96		14,35		16,43		18,48	
Dezembro .....	30,88		26,72		22,92		17,94		13,58		16,13		17,68	

NOTA – A partir de setembro de 1987 o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

## 21 – RENDIMENTO MÉDIO DAS PESSOAS OCUPADAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, das pessoas ocupadas que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
<b>1988</b>												
Maio.....	21 661	27 175	27 971	32 869	43 754	32 567	1,61	2,02	2,08	2,45	3,26	2,42
Junho.....	26 173	32 714	33 824	38 462	51 440	38 965	1,59	1,99	2,06	2,34	3,13	2,37
Julho.....	35 349	44 391	43 123	46 926	64 361	48 093	1,75	2,19	2,13	2,32	3,18	2,38
Agosto.....	44 444	54 344	53 314	60 509	80 053	61 934	1,82	2,23	2,19	2,48	3,28	2,54
Setembro.....	55 311	69 951	66 173	75 707	99 057	77 936	1,79	2,26	2,14	2,44	3,20	3,52
Outubro.....	66 948	89 930	82 344	95 036	125 463	97 332	1,70	2,29	2,10	2,42	3,20	2,48
Novembro.....	92 632	119 673	113 354	135 112	171 550	134 338	1,84	2,38	2,25	2,69	3,41	2,67
Dezembro.....	132 631	153 610	175 704	191 760	250 083	197 964	2,05	2,38	2,72	2,97	3,87	3,06
<b>1989<sup>(2)</sup></b>												
Janeiro.....	150,93	174,02	195,54	213,00	257,17	221,62	1,72	1,99	2,23	2,43	2,94	2,53
Fevereiro.....	176,37	197,46	208,77	241,47	295,80	246,59	1,73	1,94	2,05	2,37	2,91	2,43
Março.....	188,92	215,88	237,67	264,58	336,91	280,50	1,75	2,00	2,21	2,46	3,13	2,60
Abril.....	214,94	247,28	273,59	298,51	390,12	320,88	1,84	2,12	2,35	2,56	3,35	2,75
Maio.....	271,03	284,85	317,99	352,79	477,02	389,30	1,99	2,09	2,34	2,59	3,51	2,86

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

## 22 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados com carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
<b>1988</b>												
Maio.....	26 350	32 499	30 355	34 485	43 888	31 080	1,96	2,42	2,26	2,57	3,27	2,31
Junho.....	30 503	40 431	35 916	40 697	51 800	38 270	1,85	2,46	2,18	2,48	3,15	2,33
Julho.....	40 212	52 411	45 474	50 628	63 486	47 191	1,99	2,59	2,25	2,50	3,14	2,33
Agosto.....	50 266	65 727	55 323	64 176	80 127	61 284	2,06	2,69	2,27	2,63	3,29	2,51
Setembro.....	62 442	83 119	71 753	81 465	99 694	75 829	2,02	2,68	2,32	2,63	3,22	2,45
Outubro.....	79 379	111 004	89 819	104 248	128 498	94 386	2,02	2,83	2,29	2,66	3,27	2,40
Novembro.....	107 249	140 351	126 929	142 880	180 635	133 257	2,13	2,79	2,52	2,84	3,59	2,65
Dezembro.....	158 142	188 117	202 688	208 851	273 778	200 795	2,45	2,91	3,14	3,23	4,24	3,11
<b>1989<sup>(2)</sup></b>												
Janeiro.....	176,42	207,46	207,80	224,74	265,20	214,71	2,01	2,37	2,37	2,57	3,03	2,45
Fevereiro.....	203,03	227,64	223,28	247,14	296,56	224,15	2,00	2,24	2,20	2,43	2,92	2,20
Março.....	206,02	255,88	249,27	265,62	334,42	248,80	1,91	2,38	2,31	2,47	3,11	2,31
Abril.....	236,09	261,86	279,85	298,53	373,98	281,53	2,02	2,25	2,40	2,56	3,21	2,41
Maio.....	304,10	317,34	324,56	349,77	446,04	355,26	2,24	2,33	2,39	2,57	3,28	2,61

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

## 23 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados sem carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
<b>1988</b>												
Maio.....	14 142	20 137	18 321	28 889	31 575	28 828	1,05	1,50	1,36	2,15	2,35	2,14
Junho.....	16 697	21 527	22 306	32 975	36 614	34 889	1,01	1,31	1,35	2,01	2,23	2,12
Julho.....	23 391	22 790	28 889	37 807	46 123	40 941	1,15	1,12	1,43	1,87	2,28	2,02
Agosto.....	30 447	31 351	34 713	49 720	56 130	56 952	1,25	1,28	1,42	2,04	2,30	2,33
Setembro.....	36 486	40 666	44 396	59 453	66 637	71 023	1,18	1,31	1,43	1,92	2,15	2,29
Outubro.....	42 656	49 343	50 100	70 472	84 023	96 264	1,08	1,25	1,27	1,79	2,14	2,45
Novembro.....	63 560	71 807	75 818	114 622	108 283	130 758	1,26	1,43	1,51	2,28	2,15	2,60
Dezembro.....	89 184	84 263	115 912	151 465	153 590	181 011	1,38	1,30	1,79	2,34	2,38	2,80
<b>1989<sup>(2)</sup></b>												
Janeiro.....	94,82	100,81	144,03	174,98	174,91	223,55	1,08	1,15	1,64	2,00	2,00	2,55
Fevereiro.....	117,05	133,29	150,93	201,15	220,13	270,96	1,15	1,31	1,48	1,98	2,16	2,66
Março.....	119,69	136,40	157,46	222,19	251,20	283,21	1,11	1,27	1,46	2,06	2,33	2,63
Abril.....	146,14	166,17	186,97	237,90	292,22	320,57	1,25	1,42	1,60	2,04	2,51	2,75
Maio.....	174,95	191,70	220,65	297,50	358,21	381,83	1,28	1,41	1,62	2,19	2,63	2,81

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

## 24 – RENDIMENTO MÉDIO DOS CONTA-PRÓPRIAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos conta-próprias que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
<b>1988</b>												
Maio.....	14 537	15 504	20 366	22 289	34 592	25 249	1,08	1,15	1,51	1,66	2,57	1,88
Junho.....	16 903	18 019	23 155	27 088	43 141	30 109	1,03	1,09	1,41	1,65	2,62	1,83
Julho.....	22 314	24 651	29 724	30 110	52 127	36 674	1,10	1,22	1,47	1,49	2,58	1,81
Agosto.....	27 057	28 981	39 359	38 653	65 101	47 065	1,11	1,19	1,61	1,58	2,67	1,93
Setembro.....	34 129	35 694	44 137	47 700	80 651	62 396	1,10	1,15	1,42	1,54	2,60	2,01
Outubro.....	40 952	50 040	53 831	59 097	91 391	70 638	1,04	1,27	1,37	1,50	2,33	1,80
Novembro.....	53 690	65 674	71 785	88 735	131 554	100 723	1,06	1,30	1,42	1,76	2,61	2,00
Dezembro.....	75 705	87 309	103 757	110 375	169 471	133 644	1,17	1,35	1,60	1,71	2,62	2,07
<b>1989<sup>(2)</sup></b>												
Janeiro.....	103,95	100,14	118,81	139,85	191,77	163,97	1,19	1,14	1,36	1,60	2,19	1,87
Fevereiro.....	115,81	132,06	150,98	157,48	227,95	193,11	1,14	1,30	1,48	1,55	2,24	1,90
Março.....	120,77	136,14	175,85	191,60	257,50	247,22	1,12	1,26	1,63	1,78	2,39	2,30
Abril.....	155,42	165,70	197,24	228,94	311,40	286,51	1,33	1,42	1,69	1,96	2,67	2,46
Maio.....	206,77	205,66	237,50	266,30	390,15	366,30	1,52	1,51	1,74	1,96	2,87	2,69

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

**25 – PESSOAS DESOCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	52 085	40 276	67 537	141 240	308 329	44 612	654 079
Junho.....	49 610	45 582	66 197	134 408	291 697	51 197	638 691
Julho.....	59 356	43 111	60 662	134 970	289 426	44 231	631 758
Agosto.....	66 908	48 673	63 101	151 863	322 499	48 371	701 415
Setembro.....	61 038	35 794	55 771	143 749	306 856	46 386	649 594
Outubro.....	56 652	35 156	54 276	148 672	283 772	43 187	621 715
Novembro.....	56 265	36 696	46 362	140 004	245 018	38 066	562 411
Dezembro.....	49 322	36 633	46 474	110 265	208 195	36 324	487 213
<b>1989</b>							
Janeiro.....	60 440	46 057	62 954	134 523	308 260	37 907	650 141
Fevereiro.....	58 555	35 509	58 477	138 069	335 208	43 751	669 569
Março.....	73 222	45 700	61 355	147 059	328 871	43 490	699 697
Abril.....	61 994	39 873	58 220	143 621	314 690	38 202	656 600
Maio.....	56 513	35 716	54 272	118 953	263 441	35 583	564 478
Junho.....	54 231	42 731	45 565	123 803	268 067	33 014	567 411

**26 – PESSOAS DESOCUPADAS, QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	8 276	5 883	6 459	12 249	17 756	4 113	54 736
Junho.....	8 026	4 074	6 433	14 189	17 749	4 034	54 505
Julho.....	8 322	4 273	5 840	14 981	12 849	3 394	49 659
Agosto.....	9 381	5 216	7 038	15 085	23 474	4 272	64 466
Setembro.....	11 136	2 792	5 424	16 361	15 287	2 412	53 412
Outubro.....	8 806	2 748	7 150	9 208	12 495	2 450	42 857
Novembro.....	8 494	3 420	3 610	6 911	14 136	2 523	39 094
Dezembro.....	8 388	1 626	4 306	9 126	11 006	2 267	36 719
<b>1989</b>							
Janeiro.....	8 712	5 211	9 845	13 232	19 883	2 836	59 719
Fevereiro.....	8 459	3 763	5 286	13 041	23 842	4 895	59 286
Março.....	11 254	4 777	6 324	11 889	23 962	2 869	61 075
Abril.....	10 918	6 585	6 929	13 258	22 307	2 441	62 438
Maio.....	7 449	4 282	6 496	11 051	13 849	1 655	44 782
Junho.....	9 058	5 041	4 844	10 888	12 686	2 025	44 542

**27 — PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,  
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1988/89**

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	1 027 568	870 378	1 430 958	4 558 966	7 158 270	1 249 400	16 295 540
Junho.....	1 025 942	884 743	1 453 037	4 520 599	7 221 737	1 261 378	16 367 436
Julho.....	1 029 039	882 075	1 448 559	4 583 176	7 263 781	1 263 252	16 442 882
Março .....	1 069 815	925 481	1 478 956	4 637 315	7 489 059	1 279 133	16 879 759
Setembro.....	1 080 029	924 685	1 489 107	4 623 036	7 492 196	1 287 649	16 896 702
Outubro.....	1 086 412	933 597	1 497 644	4 661 097	7 418 766	1 290 934	16 888 450
Novembro.....	1 103 483	916 826	1 490 391	4 706 522	7 441 926	1 301 681	16 960 829
Dezembro.....	1 072 781	900 243	1 497 586	4 680 157	7 328 302	1 291 319	16 770 388
<b>1989</b>							
Janeiro .....	1 058 470	883 626	1 493 848	4 651 410	7 352 505	1 261 529	16 701 388
Fevereiro .....	1 045 247	880 222	1 462 760	4 621 794	7 389 962	1 268 092	16 668 077
Março .....	1 068 434	891 191	1 458 268	4 574 272	7 375 942	1 281 693	16 649 800
Abril.....	1 064 577	890 864	1 461 691	4 535 632	7 336 677	1 277 379	16 566 820
Maio .....	1 067 767	903 881	1 477 686	4 540 780	7 388 562	1 284 842	16 663 518
Junho.....	1 079 858	929 927	1 491 339	4 580 090	7 419 329	1 281 868	16 782 411

**28 — PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES  
DA PESQUISA — 1988/89**

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	975 482	830 102	1 363 421	4 417 725	6 849 941	1 204 788	15 641 459
Junho.....	976 333	839 161	1 386 840	4 386 190	6 930 038	1 210 180	15 728 742
Julho.....	969 683	838 963	1 387 897	4 448 207	6 947 351	1 219 020	15 811 121
Agosto.....	1 002 907	876 808	1 415 855	4 485 452	7 166 560	1 230 762	16 178 344
Setembro.....	1 018 990	888 891	1 433 336	4 479 287	7 185 340	1 241 263	16 247 107
Outubro.....	1 029 759	898 441	1 443 368	4 512 425	7 134 994	1 247 747	16 266 734
Novembro.....	1 047 218	880 130	1 444 029	4 566 517	7 196 909	1 263 615	16 398 418
Dezembro.....	1 023 459	863 610	1 451 112	4 569 892	7 120 107	1 254 995	16 283 175
<b>1989</b>							
Janeiro .....	998 029	837 569	1 430 895	4 516 887	7 044 245	1 223 622	16 051 247
Fevereiro .....	986 692	844 713	1 404 284	4 483 725	7 054 754	1 224 341	15 998 509
Março .....	995 213	845 492	1 396 913	4 427 213	7 047 071	1 238 204	15 950 106
Abril.....	1 002 583	850 991	1 403 471	4 392 011	7 021 987	1 239 177	15 910 220
Maio .....	1 011 254	868 165	1 423 414	4 421 827	7 125 121	1 249 259	16 099 040
Junho.....	1 025 627	887 196	1 445 774	4 456 287	7 151 262	1 248 854	16 215 000



**29 – PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	132 680	102 915	268 493	769 970	2 254 723	315 743	3 844 524
Junho.....	136 385	103 962	269 586	758 998	2 295 883	318 298	3 883 112
Julho.....	137 248	104 724	271 481	780 227	2 304 117	324 224	3 922 021
Agosto.....	144 542	109 995	268 705	785 948	2 420 023	332 465	4 061 678
Setembro.....	150 753	115 442	270 246	790 099	2 390 893	327 202	4 044 635
Outubro.....	147 313	114 263	281 682	813 468	2 398 470	328 534	4 083 730
Novembro.....	144 179	109 787	281 997	800 589	2 385 509	328 742	4 050 803
Dezembro.....	147 220	114 956	277 717	806 151	2 289 823	321 882	3 957 749
<b>1989</b>							
Janeiro.....	146 394	109 393	279 260	786 283	2 270 001	326 982	3 918 313
Fevereiro.....	142 234	110 590	267 757	748 536	2 256 986	326 642	3 852 745
Março.....	141 899	115 036	269 328	730 878	2 294 044	324 264	3 875 449
Abril.....	147 143	112 636	280 878	746 964	2 319 417	330 698	3 937 736
Maio.....	148 215	112 501	274 730	766 309	2 348 023	322 136	3 973 914
Junho.....	155 349	116 890	281 405	778 647	2 381 404	335 690	4 049 385

**30 – PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	64 918	67 651	134 213	328 278	412 801	68 729	1 076 590
Junho.....	66 427	72 571	135 459	302 937	428 979	69 117	1 075 490
Julho.....	62 230	70 113	142 862	318 629	419 319	72 722	1 085 875
Agosto.....	66 472	78 114	143 058	336 983	486 573	72 398	1 183 598
Setembro.....	66 823	81 797	149 569	340 181	465 065	72 601	1 176 036
Outubro.....	67 620	78 119	143 467	342 621	470 701	77 231	1 179 759
Novembro.....	76 574	78 674	150 609	332 827	469 100	78 348	1 186 132
Dezembro.....	79 072	75 273	153 532	348 660	444 781	82 247	1 183 565
<b>1989</b>							
Janeiro.....	77 777	75 852	145 088	341 146	437 043	80 505	1 157 411
Fevereiro.....	71 267	76 107	138 929	322 397	434 756	74 579	1 118 035
Março.....	70 538	69 931	137 119	322 429	460 422	72 365	1 132 804
Abril.....	67 892	67 100	126 403	331 043	432 847	75 293	1 100 378
Maio.....	72 030	75 456	134 316	339 593	458 052	77 781	1 157 228
Junho.....	71 016	75 598	141 327	332 014	464 528	72 475	1 156 958

**31 – PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, POR REGIÕES METROPOLITANAS,  
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	155 699	121 365	178 707	559 222	892 103	179 003	2 086 099
Junho.....	157 938	123 511	177 170	561 505	875 950	173 204	2 069 278
Julho.....	164 428	125 820	178 816	575 550	936 482	178 108	2 159 204
Agosto.....	163 908	128 101	193 230	558 789	917 207	181 283	2 142 518
Setembro.....	165 281	121 620	186 918	567 005	913 889	183 238	2 137 951
Outubro.....	177 439	131 458	185 567	567 323	913 596	188 227	2 163 610
Novembro.....	180 446	132 080	193 122	573 999	913 463	189 598	2 182 708
Dezembro.....	176 214	129 415	201 121	626 148	942 140	196 112	2 271 150
<b>1989</b>							
Janeiro.....	171 856	129 876	197 071	591 546	965 395	184 634	2 240 378
Fevereiro.....	166 606	123 406	187 996	606 457	974 023	174 045	2 232 533
Março.....	160 682	129 899	190 322	594 770	979 875	187 195	2 242 743
Abril.....	163 097	138 450	191 152	570 760	966 955	184 032	2 214 446
Maio.....	160 996	134 447	194 630	606 123	945 382	184 667	2 226 245
Junho.....	169 526	131 400	198 781	605 149	907 020	183 722	2 195 598

**32 – PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,  
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	483 945	439 965	683 543	2 330 265	2 974 844	531 743	7 444 305
Junho.....	472 039	444 915	706 074	2 337 092	3 016 897	544 541	7 521 558
Julho.....	468 643	437 940	694 792	2 367 155	2 980 242	542 139	7 490 911
Agosto.....	483 850	462 752	706 895	2 388 213	3 053 252	543 152	7 638 114
Setembro.....	479 678	464 439	717 704	2 382 218	3 101 478	557 509	7 683 026
Outubro.....	488 871	468 209	725 383	2 360 950	3 049 141	548 212	7 640 746
Novembro.....	500 876	456 618	716 070	2 422 755	3 118 712	557 002	7 772 033
Dezembro.....	486 931	442 672	712 510	2 363 691	3 134 054	540 557	7 680 415
<b>1989</b>							
Janeiro.....	470 418	431 476	705 521	2 366 524	3 066 029	518 449	7 558 417
Fevereiro.....	471 889	437 082	705 120	2 366 667	3 072 939	533 940	7 587 637
Março.....	484 348	436 108	695 561	2 348 638	2 981 489	539 435	7 485 579
Abril.....	484 511	437 806	702 731	2 307 300	2 971 037	532 901	7 436 286
Maio.....	491 881	445 004	714 742	2 297 100	3 051 625	548 409	7 548 761
Junho.....	491 301	466 213	720 273	2 330 599	3 101 928	545 528	7 655 842

### 33 – PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	138 237	98 203	98 464	429 987	315 466	109 568	1 189 925
Junho.....	143 542	94 198	98 550	425 657	312 326	105 018	1 179 291
Julho.....	137 132	100 362	99 943	406 641	307 189	101 826	1 153 093
Agosto.....	144 135	97 846	103 967	415 518	289 505	101 464	1 152 435
Setembro.....	156 455	105 592	108 899	419 783	314 017	100 713	1 205 459
Outubro.....	148 516	106 392	107 288	428 062	303 087	105 543	1 198 888
Novembro.....	145 143	102 972	102 230	436 348	310 126	109 925	1 206 744
Dezembro.....	134 022	101 295	106 231	425 242	309 310	114 197	1 190 297
<b>1989</b>							
Janeiro.....	131 585	90 971	103 954	431 389	305 777	113 052	1 176 728
Fevereiro.....	134 696	97 529	104 482	439 667	316 051	115 135	1 207 560
Março.....	137 745	94 518	104 582	430 499	331 241	114 944	1 213 529
Abril.....	140 141	94 999	102 307	435 944	331 731	116 253	1 221 375
Maio.....	138 132	100 757	104 995	410 702	322 038	116 266	1 192 890
Junho.....	138 435	97 095	103 987	409 878	296 382	111 440	1 157 218

### 34 – EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	482 637	438 910	757 743	2 429 227	4 201 630	713 339	9 023 486
Junho.....	473 422	446 143	760 929	2 429 555	4 247 686	722 179	9 079 914
Julho.....	474 952	457 352	770 576	2 433 029	4 249 040	728 443	9 113 392
Agosto.....	487 609	481 524	791 109	2 415 585	4 386 947	740 068	9 302 842
Setembro.....	506 638	490 212	797 926	2 421 823	4 385 533	745 910	9 328 042
Outubro.....	513 791	486 539	814 410	2 469 428	4 392 861	743 284	9 420 313
Novembro.....	508 204	477 981	815 010	2 484 111	4 470 274	747 216	9 502 796
Dezembro.....	496 908	459 863	811 284	2 541 060	4 397 315	748 214	9 454 644
<b>1989</b>							
Janeiro.....	486 487	439 143	785 805	2 504 095	4 344 769	749 103	9 309 402
Fevereiro.....	488 272	449 686	779 278	2 469 952	4 380 100	747 093	9 314 381
Março.....	497 107	450 747	774 830	2 426 376	4 346 778	746 188	9 242 026
Abril.....	493 619	467 612	783 743	2 428 752	4 361 239	743 070	9 278 035
Maio.....	499 517	481 914	793 165	2 458 626	4 377 988	743 690	9 354 900
Junho.....	503 019	479 597	799 920	2 482 546	4 394 144	751 208	9 410 434

**35 – POPULAÇÃO RESIDENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS  
MESES DA PESQUISA – 1988/89**

ANOS E MESES DA PESQUISA	POPULAÇÃO RESIDENTE						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
<b>1988</b>							
Maio .....	2 882 213	2 299 246	3 420 963	10 879 241	16 519 417	2 848 610	38 849 690
Junho.....	2 888 168	2 305 306	3 431 850	10 899 396	16 557 504	2 856 097	38 938 321
Julho.....	2 894 127	2 311 373	3 442 751	10 919 541	16 595 624	2 863 584	39 027 000
Agosto.....	2 900 086	2 317 446	3 453 666	10 939 691	16 633 744	2 871 088	39 115 721
Setembro.....	2 906 049	2 323 516	3 464 596	10 959 858	16 671 863	2 878 590	39 204 472
Outubro.....	2 912 016	2 329 604	3 475 541	10 980 015	16 710 013	2 886 101	39 293 290
Novembro.....	2 917 979	2 335 689	3 486 499	11 000 176	16 748 163	2 893 618	39 382 124
Dezembro.....	2 923 946	2 341 768	3 497 488	11 020 342	16 786 344	2 901 144	39 471 032
<b>1989</b>							
Janeiro.....	2 929 959	2 347 895	3 508 517	11 040 650	16 824 738	2 908 712	39 560 471
Fevereiro.....	2 935 924	2 353 987	3 519 517	11 060 801	16 862 937	2 916 251	39 649 417
Março.....	2 941 899	2 360 085	3 530 544	11 080 963	16 901 123	2 923 797	39 738 411
Abril.....	2 947 868	2 366 188	3 541 568	11 101 121	16 939 329	2 931 339	39 827 413
Maio.....	2 953 838	2 372 296	3 552 603	11 121 261	16 977 521	2 938 886	39 916 405
Junho.....	2 959 811	2 378 398	3 563 666	11 141 411	17 015 699	2 946 448	40 005 433

# INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

---

## ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA — BRASIL

---

A produção industrial brasileira assinalou em junho acréscimo de 4,4% no comparativo com igual mês do ano anterior, no seu segundo resultado positivo este ano. Ao repetir em junho o desempenho favorável já verificado em maio (5,4%), a atividade industrial confirma a manutenção da influência de fatores, como: a continuação de bons resultados no comércio (Gráfico 1), especialmente nos ramos de bens de consumo não-duráveis; a relativa recuperação de alguns segmentos de bens de capital associados ao investimento agrícola; e, o bom desempenho nos últimos meses do setor de construção civil (Gráfico 2).

O patamar da atividade industrial, mensurado pelos índices sazonalmente ajustados, se eleva substancialmente neste mês de junho, atingindo acréscimo de 28,2% (relativamente à média de 1981), a melhor marca desde abril de 1987 (28,8%). Frente ao nível médio de 1988, a produção industrial em junho, ainda na série com ajuste sazo-

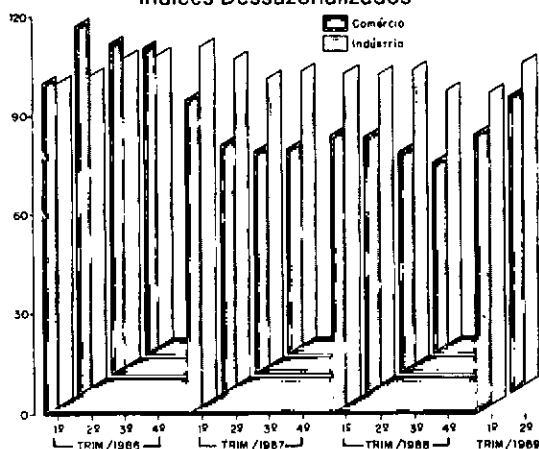
nal, atinge crescimento de 7,6%. Nessa série de índices, constata-se também que alguns ramos alcançam seu nível máximo de produção: papel e papelão, perfumaria, matérias plásticas, bebidas e fumo. Esses gêneros, à exceção do primeiro, são tipicamente produtores de bens de consumo não-duráveis, segmento que, por seu turno, tem mantido taxas positivas nos índices de comércio. Em relação a maio, o aumento foi de 4,7%.

O resultado acumulado do ano *ganha* 1,5 ponto percentual a partir da entrada do mês de junho-89, passando de -3,6% em maio para -2,1% ao final do primeiro semestre. Essa recuperação tem origem no desempenho do segundo trimestre, já que de janeiro a março, o produto industrial havia acumulado uma retração de -7,1% frente a igual período do ano anterior.

O movimento ascendente da atividade fabril nos últimos meses vai se refletir igualmente na taxa anualizada, que se eleva pelo segundo mês consecutivo, fechando o semestre com taxa de -1,9%.

Em termos de gêneros industriais, as maiores taxas do mensal foram: fumo (29,5%), bebidas (24,3%), matéria plástica

**GRÁFICO 1**  
**PRODUÇÃO INDUSTRIAL X COMÉRCIO**  
Índices Dessazonalizados



**ÍNDICES DESSAZONALIZADOS**  
(Base: janeiro/março-86 = 100)

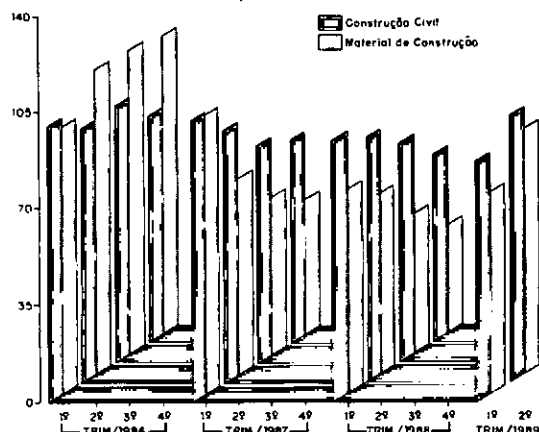
ÍNDICES	COMÉRCIO	INDÚSTRIA
<b>1986</b>		
1º Trimestre .....	100,0	100,0
2º Trimestre .....	117,4	102,2
3º Trimestre .....	112,0	107,4
4º Trimestre .....	110,3	108,1
<b>1987</b>		
1º Trimestre .....	94,7	111,0
2º Trimestre .....	81,5	107,3
3º Trimestre .....	78,8	101,3
4º Trimestre .....	79,8	103,2
<b>1988</b>		
1º Trimestre .....	84,2	102,9
2º Trimestre .....	83,8	102,8
3º Trimestre .....	78,9	104,1
4º Trimestre .....	75,8	97,6
<b>1989</b>		
1º Trimestre .....	84,2	96,5
2º Trimestre .....	95,4	105,3

FONTES – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Indústria – DEIND e Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FCESP – Elaboração dos ÍNDICES do Comércio, IPEA.

(24,1%), perfumaria (23,3%) e mecânica (18,7%). No caso deste último gênero destacam-se os segmentos de máquinas agrícolas (90,4%) e de tratores e máquinas rodoviárias (21,1%). Por outro lado, a indústria de produtos alimentares assinala a pior performance (-12,5%), em função, basicamente, da queda na produção de açúcar cristal (-41,0%) e de suco de laranja (-61,2%).

No resultado acumulado do ano, também os números de bens não-duráveis de consumo são os que ostentam os maiores incrementos: bebidas (10,5%), matérias plásticas (9,0%) e fumo (3,9%).

**GRÁFICO 2**  
**ÍNDICES TRIMESTRAIS**  
**DESSAZONALIZADOS CONSTRUÇÃO**  
**CIVIL X VENDAS DE MATERIAL DE**  
**CONSTRUÇÃO – São Paulo**



**ÍNDICES DESSAZONALIZADOS**  
(Base: janeiro/março-86 = 100)

ÍNDICES	CONSTRUÇÃO CIVIL (1)	VENDAS DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO (SÃO PAULO)
<b>1986</b>		
1º Trimestre .....	100,0	100,0
2º Trimestre .....	99,5	120,7
3º Trimestre .....	107,2	127,9
4º Trimestre .....	103,5	132,7
<b>1987</b>		
1º Trimestre .....	101,8	103,6
2º Trimestre .....	98,1	80,8
3º Trimestre .....	92,1	73,3
4º Trimestre .....	94,0	72,7
<b>1988</b>		
1º Trimestre .....	94,6	76,8
2º Trimestre .....	95,9	75,6
3º Trimestre .....	93,6	68,1
4º Trimestre .....	89,7	63,6
<b>1989</b>		
1º Trimestre .....	86,6	75,7
2º Trimestre .....	103,4	98,5

FONTES – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Indústria – DEIND e Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FCESP – Elaboração dos ÍNDICES de Vendas, IPEA.  
(1) Índice de Insumos Típicos.

Por categorias de uso, o indicador de junho revela crescimento em todas as quatro, fato que não ocorria desde agosto de 1988. O segmento de bens de capital (5,8%) é o que ostenta a mais elevada taxa, sendo esse seu melhor desempenho neste ano. No caso dos índices acumulados para o primeiro semestre, o quadro é mais favorável a bens de consumo (-0,5%) que praticamente se situa no mesmo nível do igual período de 1988, ficando bens de capital com a principal queda (-8,6%).

Quanto aos efeitos do desempenho agrícola sobre a atividade industrial, destaca-se que a performance do complexo agroin-

ustrial<sup>1</sup> neste primeiro semestre apresenta certa estabilização se comparada com o mesmo período do ano anterior, ao registrar decréscimo de apenas -0,7%. É interessante observar que este resultado fica aquém da queda verificada na indústria geral (-2,1%) e ocorre apesar do período ser caracterizado pela adaptação dos produtores rurais e das indústrias processadoras às novas medidas implementadas a partir de janeiro. Na comparação trimestral, contata-se um menor recuo da agroindústria (-3,9%) em relação à Indústria Geral (-7,1%) para o primeiro trimestre, sendo que no segundo, a queda verificada no setor cana-de-açúcar (-16,6%), praticamente determinou o crescimento de apenas 1,9% na produção do complexo agroindustrial enquanto o total da indústria atinge no período taxa positiva de 2,6% (Tabela A).

**A – COMPLEXO AGROINDUSTRIAL – ÍNDICE ACUMULADO, SEGUNDO SETORES – 1989**  
(Base: igual período do ano anterior = 100)

SETORES	1º TRIMESTRE (Janeiro/ março)	2º TRIMESTRE (Abril/ junho)	SEMESTRE (Janeiro/ junho)
Complexo agroindustrial.....	96,1	101,9	99,3
• Pecuária e derivados.....	94,8	93,4	94,0
• Trigo e soja.....	87,6	107,5	99,5
• Café.....	96,0	101,8	99,1
• Cana-de-açúcar.....	112,3	83,4	92,4
• Outros agroindustriais.....	95,3	115,0	105,1
Indústria geral.....	92,9	102,6	97,9

O indicador acumulado no semestre sofre influência das retrações ocorridas em todos os setores vinculados à agroindústria com exceção do segmento outros (5,1%), principalmente pela performance dos itens cacau beneficiado (32,0%), margarina (23,0%), refrigerantes (16,0%) e cervejas (10,0%).

Na agroindústria de pecuária e derivados, com declínio de -6,0% no acumulado janeiro/junho, destacam-se as contrações ocorridas em carne bovina (-16,3%) e leite pasteurizado (-5,2%). A alta verificada no preço do boi gordo neste primeiro semestre

esteve bem acima da registrada nos últimos anos. Este fato provocou, juntamente com o congelamento do preço no varejo, uma significativa retração da demanda industrial. No que se refere ao leite pasteurizado, houve uma diminuição da oferta de leite in natura, em função de fatores climáticos no sul do país, e do desvio do leite para alimentação dos bezerros em crescente valorização, em face da defasagem do preço, a nível de produtor, verificada no período.

O setor álcool-açucareiro atingiu a taxa de -7,6% em relação a janeiro/junho do ano passado. A safra do Norte-Nordeste (setembro/fevereiro) caracterizou-se pela maior produção de açúcar de exportação em detrimento da de álcool combustível e do açúcar refinado, em virtude do atraso na fixação das cotas de exportação e da boa cotação do açúcar no mercado internacional. Para corrigir o déficit de álcool no mercado interno, foi autorizada a antecipação para maio da safra canavieira do Centro-sul, sendo a cana direcionada basicamente para produção direta de álcool hidratado. Desta forma, os resultados para o primeiro semestre apontam um crescimento de 9,5% na produção de álcool hidratado contra decréscimos em álcool anidro (-10,1%), em açúcar cristal (-13,8%) e na produção de açúcar refinado (-19,3%).

No setor trigo e soja, o declínio de -0,5% no primeiro semestre em relação ao mesmo período do ano anterior, deve-se ao comportamento das indústrias processadoras de soja (-3,0%), dado que os principais ramos do subsetor trigo, moagem de trigo e massas alimentícias, registram crescimento de 3,9% e 7,8%, respectivamente. A defasagem da taxa de câmbio nos primeiros meses do ano levou a retenção da produção de soja em grão na mão dos produtores. Segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais – ABIOVE, o esmagamento da soja pelas indústrias neste primeiro semestre do ano alcançou apenas 33% do total previsto na safra, enquanto

<sup>1</sup> Um complexo industrial é constituído por um conjunto de indústrias que se articulam, de forma direta ou mediada, a partir de relações significativas de compra e venda de mercadorias a serem posteriormente reincorporadas e transformadas no processo da produção – segundo definição da Lia Maguenauer e outros em *Os complexos industriais da economia brasileira*, texto para discussão n° 62, IEI/UFRJ/1984. Vale ressaltar que tal metodologia foi adaptada, de forma ainda preliminar, buscando a compatibilização com o painel de produtos da PIM-PF (vide Indicadores IBGE, vol. 7 n° 7 julho/88).

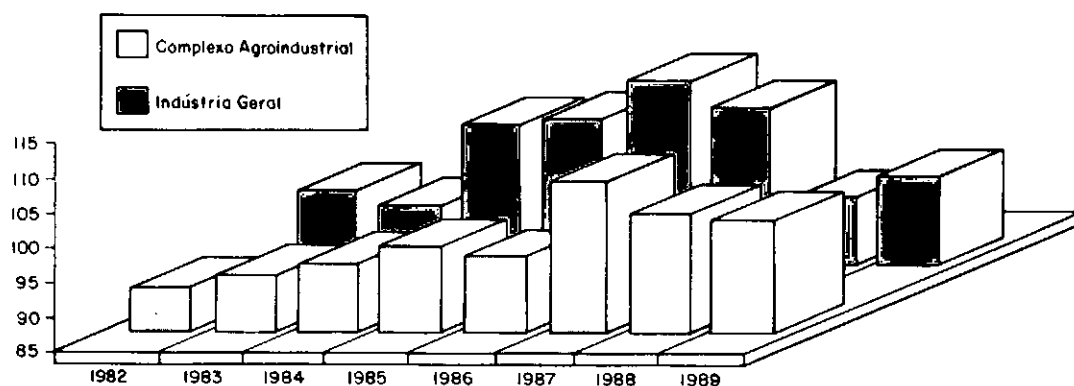
nos últimos cinco anos atingiu em média 46% da safra no mesmo período. Adicionalmente, as exportações registram quedas de - 17,0% para farelo de soja e - 3,2% para óleo bruto, em relação as quantidades exportadas de fevereiro a junho do ano passado.

Por fim, o Gráfico 3 apresenta a evolução do nível de produção na agroindústria e na indústria geral para o primeiro semestre dos últimos oito anos. Em 1982 e 1983, a produção do complexo agroindustrial e da indústria geral no primeiro semestre estiveram aquém da marca ocorrida na média de 1981. A partir de 1984, registrou-se uma expansão na produção total da indústria, superando o patamar de 1981, enquanto a agroindústria só se recuperou em 1987, quando seu nível de produção apontou um acréscimo de 7,2% em relação àquele ano-base. Todavia, o percurso descendente que vem se verificando na produção industrial nos últimos dois anos tem sido atenuado no setor agroindustrial pelo bom desempenho das safras agrícolas no período recente.

Ainda no que se refere a inter-relação entre o setor agropecuário e o industrial, note-se que a produção de máquinas e implementos vem respondendo ao novo ritmo de inversões do setor rural verificado nos últimos três meses. O crescimento de 20,3% neste semestre face ao mesmo período do ano anterior, deve-se não só a reduzida produção em 1988 em função da fraca procura por estes bens, mas também, a queda recente da remuneração dos ativos financeiros e a conseqüente aplicação da renda disponível em ativos reais.

O aquecimento do comércio está relacionado com o aumento da massa salarial no 1º semestre. Os dados da *Pesquisa Mensal de Emprego* do DEREN-IBGE, embora não tenham ainda informações disponíveis para todos os seis primeiros meses do ano, apresentam fortes indícios desse crescimento. No acumulado janeiro/maio (Tabela B) o emprego se elevou em 2,97%. Esse movimento abrangeu todos os setores de atividade, com destaque para o comércio (7,17%), segmento que primeiro sentiu os impactos positivos do Plano Verão. Note-se na comparação maio-89/maio-88, que o resultado da indústria (3,37%) está bem acima da média dos cinco primeiros meses (0,67%), assinalando que foi no período mais recente que ocorreu a retomada das contratações na indústria. Esse movimento, dado os elevados custos de contratação e demissão, pode ser considerado uma sinalização de que ainda há fôlego para a expansão da indústria. Esta criação de novos postos de trabalho já se reflete no nível da taxa de desemprego aberto das regiões metropolitanas (Tabela C) que está no patamar mais baixo de toda série, comparando-se todos os meses de maio de 1982 a 1989. Também neste caso tal movimento abrange todos os setores relevantes na geração de empregos. Cabe assinalar, que a taxa de desemprego na indústria de transformação (3,97%) está bem abaixo da verificada em maio do ano passado (5,34%). Os dados de rendimento médio real até abril, mostram uma queda na renda do total das pessoas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo de - 1,20% no acumulado do primei-

GRÁFICO 3  
NÍVEL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL PRIMEIRO SEMESTRE — 1982/89  
(Base: média de 1981 = 100)





**B — TAXA DE CRESCIMENTO DAS PESSOAS OCUPADAS POR SETOR DE ATIVIDADE (%)**  
 Janeiro/maio — 1989  
 (Base: igual período do ano anterior)  
 (Período de referência — semana)

PERÍODO	MÉDIA	INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO	CONSTRUÇÃO CIVIL	COMÉRCIO	SERVIÇOS	OUTRAS ATIVIDADES
Janeiro/maio.....	2,97	0,87	7,13	7,17	2,65	1,43
Maio.....	2,93	3,37	7,49	6,72	1,40	0,25

**C — TAXA DE DESEMPENHO ABERTO POR SETOR DE ATIVIDADE**  
 Maio — 1982-89  
 (Período de referência — semana)

ANO	MÉDIA (1)	INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO	CONSTRUÇÃO CIVIL	COMÉRCIO	SERVIÇOS	OUTRAS ATIVIDADES
1989.....	3,37	3,97	3,34	3,87	2,58	1,55
1988.....	4,04	5,34	3,51	4,66	2,97	1,18
1987.....	3,97	4,93	4,29	4,49	2,83	1,83
1986.....	4,08	4,06	4,47	4,86	3,13	1,79
1985.....	5,93	5,86	8,87	6,30	4,28	2,87
1984.....	8,28	7,70	13,85	8,02	6,32	3,85
1983.....	7,03	7,92	11,22	6,54	5,02	3,54
1982.....	6,18	6,69	7,50	5,99	4,55	1,97

(1) Inclui pessoas procurando emprego pela primeira vez.

ro quadrimestre (Tabela D). Isso não foi suficiente, no entanto, para compensar a expansão do emprego no mesmo período (3,23%). É importante realçar que o confronto abril-89/abril-88 já registrava resultados positivos para todas as posições na ocupação. O destaque neste caso, cabe aos grupamentos mais associados ao setor informal — empregados sem carteira (8,66%) e conta-própria (8,54%) — que parecem estar repetindo a mesma evolução ocorrida durante a vigência do Plano Cruzado, quando estes trabalhadores obtiveram maiores ganhos do que os vinculados ao setor formal.

A perspectiva para julho é de que a indústria continue num nível de produção elevado em função, principalmente, da reposição dos estoques do comércio. Também contribui favoravelmente o fato da

**D — TAXA DE CRESCIMENTO DO RENDIMENTO MÉDIO REAL DAS PESSOAS OCUPADAS POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO (%)**  
 Janeiro/abril — 1989  
 (Base: igual período do ano anterior)  
 Região Metropolitana de São Paulo

PERÍODO	MÉDIA (1)	COM CARTEIRA	SEM CARTEIRA	CONTA PRÓPRIA
Janeiro/abril.....	-1,20	0,08	-1,64	-4,40
Abril.....	5,35	3,22	8,66	8,54

(1) Inclui empregadores.

atual política salarial não ser muito restritiva e uma certa estabilidade no nível da inflação, o que em julho tende a manter os atuais patamares de rendimentos médios. O comportamento dos agentes econômicos, diante da possibilidade de uma elevação substancial dos índices inflacionários, num primeiro momento, tem alguns efeitos positivos sobre a atividade industrial por estimular a formação de estoques e a aquisição de ativos reais (ex.: imóveis, bens de capital, bens de consumo duráveis). Por outro lado, estas expectativas pessimistas sobre a inflação futura, que dificultam a fixação de preços, tendem a colocar obstáculos nas transações entre as indústrias e entre estas e o comércio, o que tem levado à diminuição do prazo para o pagamento de faturas.

É ainda difícil avaliar qual será a trajetória da indústria nos próximos seis meses. No entanto, é importante destacar que o setor entra no segundo semestre ainda bastante aquecido, e se isso se mantiver até agosto, se terá atravessado com taxas mensais positivas, um período onde a base de comparação é mais elevada (julho/agosto de 1988). A partir de setembro, um possível arrefecimento do dinamismo industrial, dependendo de sua intensidade, poderá ser compensado pela base de comparação deprimida.

**COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL<sup>(1)</sup>**  
(Indicador Acumulado, segundo os Gêneros da Indústria)  
Janeiro/Junho — 1989

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS (2)
Extrativa mineral.....	-0,03	Carvão-de-pedra lavado ou beneficiado — Amianto ou asbesto em bruto
Minerais não-metálicos .....	-0,13	Canos, tubos e manilhas de cimento — Pedra britada
Metalúrgica .....	-0,17	Extintores de incêndio — Ferro e aço fundido em formas e peças
Mecânica .....	-0,52	Tratores agrícolas de 55 a menos de 100 H.P. — Engrenagens para transmissão industrial
Material elétrico e de comunicações.....	-0,12	Fios, cabos e condutores de cobre, isolados, com ou sem alma de aço — Fios, cabos e condutores de alumínio, nus, com ou sem alma de aço
Material de transporte.....	-0,69	Caminhões de menos 20t de CMT — Caminhões de 20t de CMT e mais
Papel e papelão .....	0,15	Sacos de papel Kraft — exclusive multifolhados — Celulose de todos os tipos
Borracha .....	-0,10	Pneumáticos para caminhões e ônibus — Mangueiras, canos e tubos de borracha
Química .....	-0,31	Fertilizantes compostos NPK — Adubos e fertilizantes fosfatados
Farmacêutica .....	-0,11	Vitaminas dosadas — Corticóides, uso tópico
Perfumaria, sabões e velas .	-0,00	Desodorantes líquidos — Dentifícios sólidos
Produtos de matérias plásticas.....	0,25	Artigos de material plástico para mesa, copa e outros usos domésticos — Plásticos em lençol (filmes)
Têxtil.....	-0,08	Sacos de juta — Linhas de algodão para coser e bordar
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	-0,04	Calças de uso interno para senhoras — exclusive de malha — Sapatos, sandálias e botas de couro para senhoras
Produtos alimentares.....	-0,43	Carne de bovino congelada — Açúcar refinado
Bebidas.....	0,15	Refrigerantes — Cervejas — inclusive chope
Fumo.....	0,05	Fumo em folha beneficiado (seco ou defumado) — Cigarros
Indústria geral .....	-2,13	

(1)  $C = (I_G - 100) \cdot K$ , onde:

C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;

$I_G$  = Indicador do gênero; e

K = Peso do gênero no total da indústria geral.

(2) Foram destacados, em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

**ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA POR REGIÕES**

Encerrado o primeiro semestre do ano, o panorama do desempenho industrial segundo os índices regionais de produção física se não é favorável — dado que dos dez locais pesquisados apenas Paraná (2,3%), Nordeste (0,4%) e Rio de Janeiro (0,0%) não ostentam queda no comparativo contra igual semestre de 1988 — é bem melhor que o quadro configurado ao final do primeiro trimestre do corrente ano. Na Tabela E, apresentam-se as taxas trimestrais da indústria, num corte regional, e o resultado acumulado ao final do semestre.

**E — PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL — TAXA DE CRESCIMENTO, SEGUNDO OS LOCAIS — 1989**  
(Base: igual período do ano anterior)

LOCAIS	TRIMESTRAL		SEMESTRAL JANEIRO/ JUNHO-89
	Janeiro/ março-89	Abril/ junho-89	
Nordeste.....	0,0	0,8	0,4
Pernambuco.....	-7,8	4,2	-2,5
Bahia.....	-1,3	-4,2	-2,7
Minas Gerais.....	-3,9	0,0	-1,9
Rio de Janeiro.....	-5,0	4,9	0,0
São Paulo.....	-9,0	1,1	-3,7
Região Sul.....	-7,2	6,2	-0,2
Paraná.....	-6,7	9,9	2,3
Santa Catarina.....	-12,8	6,2	-3,3
Rio Grande do Sul.....	-7,7	6,6	-0,1
Brasil.....	-7,1	2,6	-2,1

A leitura da Tabela E leva às seguintes observações:

enquanto nos primeiros três meses de 1989 em praticamente todos os locais ocorreram retrações, mais intensas em Santa Catarina (-12,8%) e no principal parque industrial do país - São Paulo (acusou queda de -9,0%), nos últimos três meses encerrados em junho, o quadro praticamente se inverte;

no segundo trimestre, à exceção de Bahia (-4,2%), os demais locais assinalam avanços no índice trimestral que variam do crescimento nulo em Minas Gerais aos 9,9% apresentados pela indústria paranaense;

não obstante a recuperação havida nestes últimos três meses, no resultado final para o semestre, ainda predominam desempenhos negativos: estão abaixo da média nacional, Pernambuco (-2,5%), Bahia (-2,7%), São Paulo (-3,7%) e Santa Catarina (-3,3%). Os índices positivos estão no Nordeste (0,4%) e Paraná (2,3%) e, de crescimento nulo no Rio de Janeiro. A indústria nordestina logrou alcançar desempenho acima da média de seus dois principais centros industriais (Pernambuco e Bahia), graças a boa performance do segmento têxtil, no seu ramo associado às indústrias de beneficiamento do algodão cujo principal produtor é o Ceará.

No caso do Rio de Janeiro, é bem clara a influência positiva dos ramos industriais produtores de bens de consumo não-duráveis - bebidas (23,5% no acumulado do primeiro semestre), matérias plásticas (23,3%) e perfumaria (8,1%) - e de segmentos específicos na área de bens de capital, onde material elétrico e de comunicações atingem os 20,3% de crescimento. São esses gêneros que irão compensar as retrações em importantes setores da estrutura industrial do estado, como extrativa mineral (-3,1%), metalúrgica (-7,4%) e química (-2,1%).

Os 2,3% de expansão da indústria paranaense estão fortemente influenciados pelo crescimento de 14,6% obtido na indústria mecânica. Por sua vez, o desempenho desse ramo está calcado no incremento da produção do subsetor de refrigeradores domésticos, no qual o Paraná desfruta de posição destacada no mercado nacional.

Em relação aos números referentes ao mês de junho merecem destaque as marcas atingidas pelos Estados do Sul - Paraná (9,5%), Santa Catarina (7,8%) e Rio Grande do Sul (8,7%) - bem superiores à média nacional (4,4%).

As indústrias da Bahia (-5,2%) e de Minas Gerais (-2,6%) foram as únicas com queda em junho. Na primeira exerceu forte impacto a retração em produtos alimentares (-36,1%), conseqüência da queda na produção de manteiga de cacau. Em Minas Gerais, a principal influência deriva também da indústria alimentar (-25,4%), em face da queda em açúcar refinado.

### Pernambuco

O parque industrial pernambucano registra em junho a sua segunda taxa positiva de 1989 (5,3%), na comparação com o mesmo mês do ano anterior. Mesmo assinalando um declínio de 4,6 ponto percentuais em relação à taxa mensal de maio (9,9%), este desempenho é superior à média da indústria brasileira (4,4%). Os setores não vinculados à agroindústria foram os que mais impactaram os resultados deste mês, como o de material elétrico e de comunicações (93,9%), metalúrgica (21,9%) e papel e papelão (30,2%).

Por outro lado, os indicadores acumulados continuam a apresentar resultados negativos, tanto no ano (-2,5%) como nos últimos 12 meses (-5,4%) e, ao contrário do comportamento dos índices mensais, situam-se abaixo do desempenho global da indústria nacional -2,1% e -1,9%, respectivamente. No entanto, ambas as comparações assinalam um movimento de desaceleração do ritmo de queda a partir da performance positiva de gêneros articulados com a crescente eletrificação da região, como é o caso de material elétrico e de comunicações e da metalúrgica.

Ainda no indicador anualizado, em comparação com a Região Nordeste (Gráfico 4), o parque industrial de Pernambuco assinala uma mudança no seu comportamento a partir de fevereiro de 1988, quando passa a registrar uma evolução inferior à média regional.

O nível da produção industrial deste semestre (Gráfico 5) decresce 26,9 e 2,6 pontos em relação a 1987 e 1988, respectiva-

GRÁFICO 4  
INDICADORES REGIONAIS DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL ACUMULADO NOS ÚLTIMOS 12 MESES  
1988-89

(Base: Igual período anterior = 100)

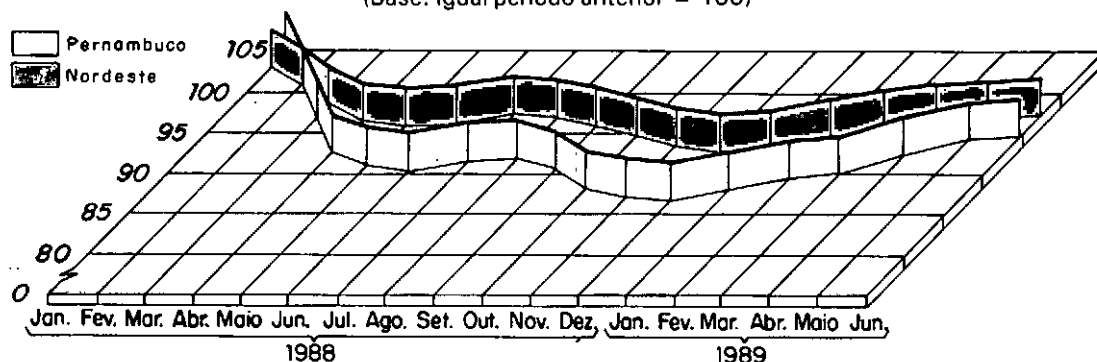
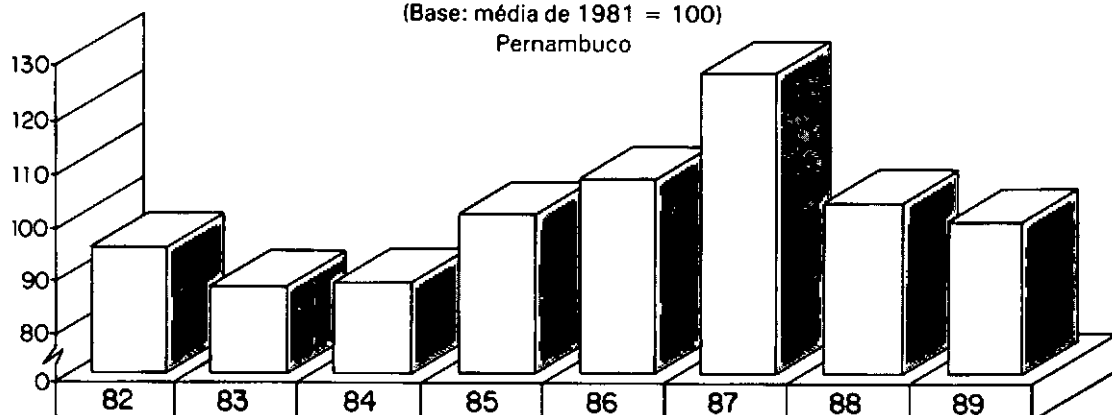


GRÁFICO 5  
NÍVEL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL PRIMEIRO SEMESTRE – 1982-89  
(Base: média de 1981 = 100)

Pernambuco



mente, e situa-se no mesmo patamar do primeiro semestre de 1985. Estes dados apontam para uma grande retração da atividade industrial oriunda, principalmente, do fraco desempenho da agroindústria neste estado.

#### Bahia

A indústria da Bahia registrou em junho um declínio de  $-5,2\%$  relativamente a igual mês do ano anterior, acumulando no primeiro semestre do ano uma queda de  $-2,7\%$  e em doze meses uma taxa negativa de  $-5,2\%$ .

O resultado do indicador mensal em junho, embora situado acima do de maio ( $-7,8\%$ ), se coloca em nível muito inferior ao do acumulado no primeiro quadrimestre do ano ( $-0,8\%$ ) – Tabela F.

A diminuição do nível de produção frente a junho de 1988 pode ser explicada pela fraca performance dos gêneros de produtos alimentares ( $-36,1\%$ ) e química ( $-4,4\%$ ),

F – INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS GÊNEROS  
1989

(Base: igual período do ano anterior = 100)  
Bahia

GÊNEROS	JANEIRO/ ABRIL	MAIO	JUNHO
Indústria geral .....	99,2	92,2	94,8
Extrativa mineral .....	95,4	97,9	96,6
Minerais não-metálicos....	79,0	104,2	98,0
Metalúrgica .....	85,9	109,1	121,2
Material elétrico e de comunicações.....	76,8	72,0	95,1
Borracha .....	107,7	106,1	119,5
Química .....	104,1	89,1	95,7
Perfumaria, sabões e velas	74,5	136,7	127,8
Produtos alimentares .....	96,0	90,5	63,9
Bebidas .....	103,0	105,3	117,6

os mais importantes do parque industrial baiano, tendo como principais produtos responsáveis por tal desempenho manteiga de cacau e óleo diesel, respectivamente. Vale ressaltar, que neste último há forte influência de sua base de comparação que está elevada. Por outro lado, o gênero metalúrgica ( $21,2\%$ ) foi o que mais contribuiu positivamente na formação da taxa global,

devido à crescente procura de seus principais produtos pelo mercado consumidor.

Em junho, apenas dois setores apresentaram níveis de produção inferiores à média de 1981: produtos alimentares (-23,0%) e minerais não-metálicos (-15,1%), cabendo salientar, que o primeiro foi fortemente influenciado pela sazonalidade do período — entressafra do cacau.

O indicador acumulado dos seis primeiros meses do ano aponta uma retração de -2,7%, superando o do mês anterior (-2,2%). Em grande parte, essa diminuição deve-se a produtos alimentares (-11,3%) e minerais não-metálicos (-13,8%), cujos produtos determinantes foram manteiga de cacau e chapas e telhas de fibrocimento, respectivamente. Destaca-se, ainda, por sua relevância na indústria local, a fraca evolução do ramo de extrativa mineral (-4,0%), prejudicada recentemente pelas fortes chuvas e as mudanças de temperatura ocorridas, afetando a extração de petróleo.

O acumulado doze meses assinala um recuo de -5,2%, mais significativo do que o verificado em maio último (-4,5%). Os maiores impactos ocorreram por conta dos setores ligados, em grande parte, à produção de bens de consumo: material elétrico e de comunicações (-23,0%), perfumaria, sabões e velas (-9,4%) e produtos alimentares (-9,2%). Somente foram observados movimentos positivos, em borracha (18,6%) e bebidas (1,8%), sendo que esta boa performance deve-se quase que exclusivamente aos segmentos pneumáticos e cervejas, respectivamente.

### Minas Gerais

Após dois meses consecutivos de taxas mensais positivas, a indústria mineira registra em junho uma queda de -2,6% determinada, basicamente, pela diminuição de -25,4% em produtos alimentares. Em consequência dessa contração as comparações acumulada (-1,9%) e acumulada 12 meses (-0,6%) encerram o semestre com variações negativas. Vale notar que esse último indicador vinha apresentando crescimento desde abril de 1984.

O resultado do índice mensal foi decréscimo, essencialmente, do desempenho de produtos alimentares (Tabela G). Esse gênero teve em junho sua maior diminuição dos últimos sete meses, influenciado (Tabela H) pela performance de açúcar cristal (-38,7%) e melaço (-39,4%). O movimento desses produtos pode ser explicado

### G – INDICADOR MENSAL, SEGUNDO OS GÊNEROS Junho de 1989 Minas Gerais

GÊNEROS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Produtos alimentares.....	74,65	-4,07
Demais gêneros.....	101,70	1,43
Indústria geral.....	97,36	-2,64

### H – PRODUTOS ALIMENTARES – INDICADOR MENSAL Junho de 1989 Minas Gerais

PRODUTOS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Açúcar cristal.....	61,28	-15,78
Melaço.....	60,58	-5,29
Demais produtos.....	94,90	-4,28
Total do gênero.....	74,65	-25,35

pela menor safra de cana-de-açúcar, sendo que uma proporção maior desta foi destinada à produção de álcool (anidro e hidratado). Por causa disso a retração nesse último segmento foi bem menor (-18,2%). Os demais setores da indústria que tiveram decréscimo em junho foram: química (-6,0%), metalúrgica (-4,7%) e minerais não-metálicos (-0,6%), todos com quedas bem menores do que as de produtos alimentares (-25,4%).

Comparando-se a evolução da indústria nos dois primeiros trimestres deste ano (Tabela I), nota-se que os índices negativos de junho não impediram que o desempenho do parque fabril mineiro em abril/junho fosse, em quase todos os gêneros, superior ao de janeiro/março. As exceções foram material de transporte, com -4,1% contra 6,0% no primeiro trimestre, devido às greves no setor de autopeças em São Paulo, e produtos alimentares, com -15,4% contra -4,1%. Em termos de ganhos em pontos percentuais, o destaque cabe a fumo que passa de

I – EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA NO 1º SEMESTRE DE 1989  
(Base: igual período do ano anterior = 100)  
Minas Gerais

CLASSES E GÊNEROS	TRIMESTRE		SEMESTRE	
	Janeiro/ março	Abril/ junho	Janeiro/ junho	Composição da taxa
Indústria geral .....	96,06	100,02	98,10	- 1,90
Extrativa mineral .....	100,32	104,03	102,20	0,16
Indústrias de transformação .....	95,73	99,72	97,78	- 2,06
Minerais não-metálicos .....	92,53	99,54	96,03	- 0,42
Metalúrgica .....	92,51	98,00	95,23	- 1,59
Material elétrico e de comunicações .....	78,62	98,83	89,37	- 0,35
Material de transporte .....	105,98	95,92	100,73	0,07
Papel e papelão .....	98,16	102,54	100,43	0,02
Química .....	105,93	106,86	106,43	0,70
Produtos de matérias plásticas .....	71,90	105,44	88,14	- 0,06
Têxtil .....	100,33	111,66	106,07	0,41
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	101,97	114,47	108,62	0,19
Produtos alimentares .....	95,90	84,57	89,24	- 1,07
Bebidas .....	91,87	118,92	104,22	0,05
Fumo .....	83,14	124,12	101,24	0,03

- 16,9% para 24,1% devido a maior produção de cigarro, na esteira da boa safra de fumo em folha.

No acumulado do semestre (- 1,9%), os gêneros que tiveram maior impacto no resultado final (Tabela I) foram metalúrgica (- 4,8%) e produtos alimentares (- 10,8%), no campo negativo, e química (6,4%) no sentido positivo. Os produtos de maior influência foram ferro e aço fundido em formas e peças, açúcar cristal e gasolina, respectivamente. O indicador acumulado 12 meses também registra uma queda (- 0,6%), em virtude, sobretudo, de produtos alimentares que acentua sua contração, passado de - 3,8% em maio, para - 9,8% em junho.

#### Rio de Janeiro

A indústria do Rio de Janeiro cresceu em junho 6,4%, com relação a igual mês do ano anterior, atingindo pela terceira vez consecutiva taxa positiva. Com isto, o setor fecha o segundo trimestre do ano com expansão de 4,9%, resultado idêntico ao do terceiro trimestre do ano passado (Tabela J), quando a atividade industrial experimentou um certo reaquecimento. O Gráfico 6 mostra que tanto naquele trimestre como neste último, a indústria fluminense registrou crescimento em todos os meses do período, o que são exceções a partir do segundo trimestre de 1987.

Os maiores impactos na formação da taxa mensal ficaram por conta de material plásti-

co (33,3%), química (4,9%), minerais não-metálicos (16,3%) e extrativa mineral (10,3%). Entretanto, as mais altas taxas de expansão em junho se estabeleceram em geral em segmentos predominantemente produtores de bens de consumo não-duráveis, como em bebidas (48,2%), matérias plásticas (33,3%), perfumaria, sabões e velas (27,9%) e fumo (15,1%). Além destes, sobressaíram, também, este mês as performances de têxtil (12,5%) e da farmacêutica (7,0%) — este último por se tratar do seu primeiro resultado positivo este ano. Já produtos alimentares se coloca como destaque negativo, no sentido de que o decréscimo de - 2,2% em junho ocorre depois de dois resultados bastante favoráveis (15,8% em abril e 11,8% em maio). O desempenho deste gênero foi afetado pela retração das atividades da agroindústria açucareira, atingindo a produção de açúcar cristal e melado.

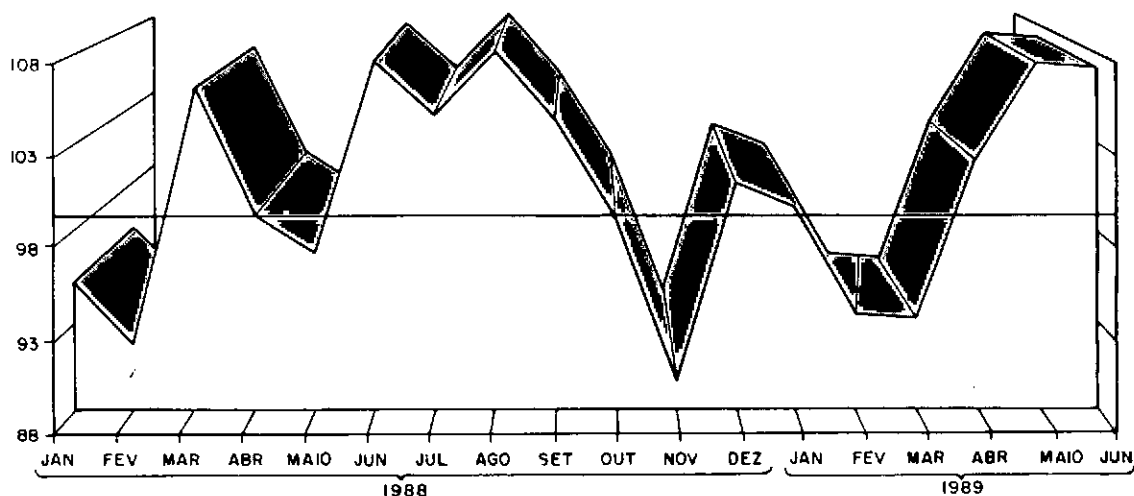
Com relação ao resultado para o trimestre que se encerra, as maiores contribuições na taxa global se originam de matérias plásticas, química e extrativa mineral, como ocorreu na formação da taxa mensal e, ainda, de material elétrico e de comunicações (14,6%). Apenas quatro setores apresentaram queda de produção no período: metalúrgica (- 6,6%), material de transporte (- 10,0%) — como consequência do fraco desempenho de maio motivado por greve — papel e papelão (- 2,7%) e farmacêutica (- 2,8%).

J – INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – ÍNDICE TRIMESTRAL (1), SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS

CLASSES E GÊNEROS	1988				1989		
	Jan./mar.	Abr./jun.	Jul./set.	Out./dez.	Jan./mar.	Abr./jun.	Composição da taxa Abr./jun.
Indústria geral.....	97,35	100,51	104,95	96,09	95,03	104,85	4,85
Extrativa mineral.....	105,08	92,35	93,64	88,45	87,40	107,85	0,67
Indústrias de transformação.....	96,58	101,33	106,03	96,86	95,86	104,58	-
Minerais não-metálicos.....	88,33	99,44	95,49	96,35	93,83	108,83	0,49
Metalgúrgica.....	103,64	109,08	103,82	86,07	91,75	93,40	-1,42
Material elétrico e de comunicações.....	138,35	152,29	164,90	154,92	126,73	114,58	1,14
Material de transporte.....	126,25	137,90	143,70	119,43	114,56	90,01	-0,54
Papel e papelão.....	80,16	79,32	96,28	91,77	91,38	97,27	-0,06
Química.....	102,05	103,52	103,57	94,26	90,10	105,67	1,03
Farmacêutica.....	88,05	85,35	88,77	88,19	83,14	97,19	-0,16
Perfumaria, sabões e velas.....	84,21	91,40	102,81	96,23	95,79	120,03	0,36
Produtos de matérias plásticas.....	71,58	94,41	123,62	94,74	112,19	133,22	1,61
Têxtil.....	74,35	71,58	87,29	70,28	75,39	102,06	0,09
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	84,72	91,61	102,78	89,28	92,72	105,85	0,25
Produtos alimentares.....	88,36	87,59	93,52	103,56	93,76	107,24	0,56
Bebidas.....	97,77	103,43	104,31	109,34	108,65	142,12	0,60
Fumo.....	94,19	82,77	94,30	87,63	85,54	119,42	0,23

(1) Base: igual trimestre do ano anterior = 100.

GRÁFICO 6  
INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL EVOLUÇÃO DO ÍNDICE MENSAL – 1988-89  
Rio de Janeiro



Entre o primeiro e o segundo trimestre, as maiores elevações nos índices de desempenho ocorreram, pela ordem, em fumo, bebidas, têxtil, perfumaria, matérias plásticas e extrativa mineral, todos com aumento acima de 20 pontos percentuais (Tabela J), fato que comprova, mais uma vez, a forte aceleração das atividades em segmentos relacionados à categoria dos bens não-duráveis, nos últimos três meses. Na verdade, os únicos setores que registraram perda de ritmo na produção foram material elétrico e de comunicações e material de transporte, justamente aqueles cuja exce-

lente performance no decorrer de 1988 evitou um maior retrocesso na atividade industrial fluminense.

O indicador acumulado no ano manteve a sua trajetória ascendente, aumentando entre maio e junho 1,4 ponto percentual, com a produção do primeiro semestre atingindo a taxa de 0% de crescimento contra -5,0% do período janeiro/março. Este mês mais dois gêneros apresentam crescimento (minerais não-metálicos e fumo), perfazendo ao todo oito segmentos industriais com resultado positivo neste indicador.

O índice acumulado dos últimos 12 meses, no entanto, situou-se no mesmo patamar do de maio, alcançando a taxa de 0,3% de expansão. O pequeno acréscimo entre março e junho, de pouco mais de um ponto percentual, é natural neste tipo de indicador que amortece os efeitos dos últimos resultados.

### São Paulo

O parque fabril do Estado de São Paulo mantém em junho o bom desempenho já verificado no mês anterior, revelando no índice mensal crescimento de 3,9% e atenuando as quedas no indicador acumulado no ano (-3,7%) e no de últimos doze meses (-2,2%).

Quanto ao comportamento da indústria no último trimestre (abril/junho), tem-se que, mesmo diante da contração da atividade industrial característica dos primeiros meses do ano, o crescimento deste trimestre face ao trimestre anterior (janeiro/março) alcança em 1989 a maior taxa (18,8%) já registrada nos últimos cinco anos (Tabela L). Por outro lado, ao se comparar o se-

L — INDÚSTRIA GERAL — COMPARAÇÃO TRIMESTRAL — 1985-89 (Abril/junho) São Paulo

ANO	TRIMESTRE IMEDIATAMENTE ANTERIOR = 100	IGUAL TRIMESTRE DO ANO ANTERIOR = 100
1985 .....	102,8	100,5
1986 .....	110,5	115,9
1987 .....	105,8	105,7
1988 .....	107,0	94,3
1989 .....	118,8	101,1

gundo trimestre com o mesmo período do ano anterior, os resultados revelam certa estabilidade na produção industrial (1,1%). É interessante observar ainda que esta última comparação, para o ano de 1988, assinala uma taxa negativa de -5,7%. Estes resultados só fazem confirmar as análises anteriores que apontavam queda generalizada da produção industrial no primeiro trimestre em face da necessária adaptação dos agentes econômicos ao Plano Verão. Ocorre a partir do segundo trimestre um ajustamento da produção, frente a premência de reposição dos estoques do comércio e da indústria consumidos ante-

riormente, na esteira do congelamento de preços.

No que se refere ao indicador mensal, os maiores acréscimos estão em gêneros, de alguma forma vinculados ao setor de bens de consumo não-duráveis — produtos de matérias plásticas (29,9%), bebidas (27,8%), vestuário, calçados e artefatos de tecido (13,5%) e fumo (13,4%). No ramo de produtos de matérias plásticas destaca-se o incremento de 116,8% em artigos de matérias plásticas para uso doméstico, que revela ainda o maior impacto positivo (13,3 pontos percentuais) na expansão do gênero.

O comportamento dos ramos metalúrgica (12,0%), mecânica (11,7%) e material elétrico e de comunicações (11,5%) merece destaque em face da alta participação de 32% que estes gêneros, em conjunto, representam no valor da transformação industrial do estado. Para os dois primeiros observa-se uma crescente elevação dos índices mensais, enquanto que se reverte a trajetória descendente em material elétrico e de comunicações, que alcança a primeira taxa positiva dos últimos nove meses e a maior em dois anos e quatro meses.

Por outro lado, os maiores impactos negativos ficam por conta de produtos alimentares (-19,1%), química (-3,7%), borracha (-3,0%) e, ainda, material de transporte (-1,6%).

Em produtos alimentares, a produção de açúcar cristal registra decréscimo de -44,0%, contribuindo com -14,1 pontos percentuais para o resultado do gênero. O déficit de álcool combustível no mercado e a necessidade de se garantir o abastecimento interno fez com que a política governamental vinculasse o período inicial da safra de cana-de-açúcar do estado à produção de álcool hidratado em detrimento de açúcar cristal.

No gênero química, a redução no índice mensal deve-se, sobretudo, às taxas negativas obtidas para os itens fertilizantes compostos NPK (-27,5%) e gasolina (-25,4%). Os preços dos fertilizantes ficaram congelados a partir de janeiro, sendo que as expectativas de descongelamento, por parte dos produtores rurais, se fazem sentir nos meses de abril e maio, que se caracterizam pelo aquecimento da demanda



por estes produtos. Deste modo, os resultados para o mês de junho, que tradicionalmente reflete um período de entressafra para este item, estão ainda mais comprimidos frente a antecipação das compras do setor rural.

No que se refere ao setor material de transporte, observa-se que a retração no índice mensal de junho (-1,6%) é bem inferior à registrada em maio (-11,3%). O segmento de caminhões lidera esta queda, contribuindo com -4,8 ponto percentual para o resultado negativo do gênero. Por outro lado, a produção de automóveis para passageiros, com incremento de 4,7% na comparação mensal, sinaliza certa recuperação no setor ao contribuir com 1,2 ponto percentual para o resultado deste mês.

Finalmente, um balanço dos resultados auferidos pela indústria paulista no primeiro semestre deste ano aponta uma queda de -3,7% em relação ao mesmo período do ano passado. Dentre os dezesseis gêneros pesquisados, cinco registraram desempenhos favoráveis — bebidas (15,0%), produtos de matérias plásticas (14,0%), papel e papelão (6,4%), fumo (3,3%) e vestuário, calçados e artefatos de tecido (3,1%), sendo comum entre eles a articulação direta ou indireta com o setor de bens não-duráveis de consumo. Todavia os decréscimos revelados em material de transporte (-11,5%) e mecânica (-10,0%) determinam, com os impactos negativos de -1,45 e -1,23 pontos percentuais, respectivamente, o baixo índice registrado na indústria geral.

#### Paraná

A indústria paranaense termina o primeiro semestre com taxas positivas em todos os indicadores: 9,5% no mensal, 2,3% no acumulado e 3,5% no acumulado 12 meses. Este resultado, o melhor dentre as regiões pesquisadas, está influenciado pelo recente aquecimento do mercado interno.

O expressivo incremento no indicador mensal foi determinado (Tabela M) pelo crescimento de têxtil (126,9%), com destaque (Tabela N) para os produtos derivados diretamente do algodão (130,8%). A explicação desse desempenho está no deslocamento da safra algodoeira, que em 1989 terminou em junho e em 1988 em maio,

#### M — DESEMPENHO DA INDÚSTRIA INDICADOR MENSAL Junho de 1989 Paraná

GÊNEROS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Têxtil.....	226,88	8,01
Demais gêneros.....	101,61	1,51
Indústria geral.....	109,52	9,52

#### N — DESEMPENHO DO GÊNERO TÊXTIL INDICADOR MENSAL Junho de 1989 Paraná

SEGMENTOS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Produtos derivados do algodão...	230,83	126,47
Demais produtos.....	112,17	0,41
Total têxtil.....	226,88	126,88

portanto a base de comparação está agora extremamente deprimida. Vale, notar, que no acumulado do ano, o gênero em questão está com produção idêntica à de 1988, o que demonstra que a alteração ocorrida foi apenas na distribuição dessa produção ao longo dos meses do ano. Também tiveram significativo impacto sobre a indústria, o crescimento da mecânica (45,2%) e o de minerais não-metálicos (26,3%), devidos, principalmente, à expansão em refrigeradores para uso doméstico elétricos e cimento comum. No primeiro caso, o setor se beneficia do aumento das vendas do comércio de bens duráveis estimulado pela defasagem ainda existente no preço dos refrigeradores. No segundo gênero está havendo uma elevação da produção de cimento comum (157,6%), que é de uso generalizado, em detrimento do pozolânico (-84,4%), refletindo o aquecimento na construção civil. Comparando-se a evolução da indústria em bases trimestrais (Tabela O), nota-se que quase todos os segmentos melhoram seu desempenho ao longo de 1989, em especial têxtil, cuja evolução já foi analisada. Apenas produtos de matérias plásticas e alimentares obtiveram no segundo trimestre (1,2% e -2,4%) resultados abaixo dos verificados em janeiro/março (10,3% e 3,1%, respectivamente). Este último setor foi muito influenciado pela má performance de café solúvel e açúcar cristal. No acumulado do semestre (2,3%), os setores que tiveram

O – DESEMPENHO DA INDÚSTRIA NO 1º SEMESTRE DE 1989 – SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS  
(Base: igual período do ano anterior = 100)  
Paraná

CLASSES E GÊNEROS	TRIMESTRE		SEMESTRE	
	Janeiro/ março	Abril/ junho	Janeiro/ junho	Composição da taxa
Indústria geral .....	93,31	109,86	102,31	2,31
Indústrias de transformação.....	93,31	109,86	102,31	2,31
Minerais não-metálicos .....	85,80	112,12	98,65	-0,13
Mecânica.....	103,10	125,42	114,61	1,15
Papel e papelão.....	102,73	112,67	107,76	0,30
Química .....	97,17	103,33	100,71	0,21
Perfumaria, sabões e velas.....	79,96	114,84	97,47	-0,01
Produtos de matérias plásticas .....	110,26	101,15	105,32	0,10
Têxtil.....	52,78	132,47	99,31	-0,08
Produtos alimentares .....	103,09	97,65	100,10	0,02
Bebidas .....	92,05	125,48	106,67	0,11
Fumo .....	74,22	137,44	102,39	0,04

maior influência no resultado final da indústria foram mecânica (14,6%) e papel e papelão (7,8%). Vale mencionar que química (0,7%) e alimentares (0,1%), gêneros de maior peso no estado, estão com sua produção praticamente estabilizada, em relação a igual período do ano anterior.

### Santa Catarina

Em junho de 1989, a indústria de Santa Catarina apresenta crescimento de 7,8% frente a igual mês do ano anterior, e situa-se 5,1% acima do nível de produção registrado em maio último. Tomando-se como parâmetro a média de 1981, tem-se este mês expansão de 41,9%, sendo este o melhor resultado alcançado desde novembro-87. Com contração figuram apenas extrativa mineral (-14,2%) e bebidas (-18,6%).

Na comparação mensal, os setores que mais influenciaram na formação da taxa este mês foram: mecânica (37,8%), fumo (119,6%) e matérias plásticas (20,7%). O desempenho favorável destes setores foi determinado, principalmente, pelo incre-

mento na produção de refrigeradores elétricos domésticos, fumo em folha beneficiado e mangueiras, canos, tubos e conexões de material plástico, respectivamente. Vale destacar, também, o comportamento da metalúrgica com crescimento de 9,9%, que registra sua primeira taxa mensal positiva dos últimos nove meses, em função, basicamente, do aumento na produção de ferro e aço fundido. Por outro lado, com retração figuram extrativa mineral (-30,2%), material elétrico (-16,4%), papel e papelão (-0,3%), química (-22,5%) e têxtil (-2,0%).

O resultado deste segundo trimestre (Tabela P), 6,2% de crescimento contra igual período do ano passado, configura-se no melhor desempenho trimestral desde o segundo trimestre de 1987. A nível de setores industriais, entretanto, extrativa mineral (-29,5%), material elétrico (-11,3%) e química (-14,7%) permanecem com significativas retrações. Entre o resultado do primeiro trimestre (-12,8%) e o do segundo (6,2%), a indústria catarinense eleva seu desempenho em 19,0 pontos percentuais,

P – INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – ÍNDICES TRIMESTRAIS, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS – 1988-89  
(Base: igual trimestre do ano anterior = 100)  
Santa Catarina

CLASSES GÊNEROS	1988				1989	
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre
Indústria geral.....	97,66	93,37	99,33	87,36	87,17	106,22
Extrativa mineral.....	153,61	111,32	119,04	99,89	75,74	70,49
Indústrias de transformação.....	96,59	92,89	98,75	86,96	87,52	107,36
Minerais não-metálicos.....	109,83	104,16	106,97	72,19	95,60	106,02
Metalúrgica.....	89,88	95,45	95,44	90,60	85,45	100,51
Mecânica.....	79,58	82,05	100,44	84,18	104,44	134,34
Material elétrico e de comunicações.....	121,65	88,10	115,61	79,46	72,24	88,66
Papel e papelão.....	94,57	91,28	100,00	93,39	94,86	101,67
Química.....	126,80	106,53	114,50	118,36	69,75	85,27
Matérias plásticas.....	92,17	85,21	98,00	93,78	66,56	115,45
Têxtil.....	99,85	92,15	101,86	90,45	85,77	101,02
Vestuário.....	86,33	99,63	96,64	95,33	83,76	103,49
Alimentares.....	98,85	90,11	79,20	75,63	83,89	101,37
Bebidas.....	86,48	117,68	102,24	96,93	99,97	119,37
Fumo.....	90,01	97,32	312,57	329,22	126,90	160,84

sendo registrados maiores acréscimos em matérias plásticas (que passa de -33,4% para 15,5%), fumo (de 26,9% para 60,8%), mecânica (de 4,4% para 34,3%), vestuário (de -16,2% para 3,5%) e bebidas (de crescimento nulo para 19,4%).

Ainda assim, o indicador acumulado neste primeiro semestre revela queda de -3,3%. Contribuíram de maneira decisiva para este resultado os setores material elétrico (-20,0%), química (-21,3%) e alimentares (-8,0%). Os produtos que mais influenciaram nestes recuos foram quadros, painéis, cubículos e subestações de distribuição e controle, farelo de soja pelletizado e açúcar refinado, respectivamente. Somente minerais não-metálicos (0,8%), mecânica (19,8%), bebidas (10,5%) e fumo (44,3%) ampliaram os níveis de produção em relação ao mesmo período do ano passado.

Em termos de comparação anualizada, a atividade industrial, apesar de ainda registrar redução (-5,0%), dá continuidade à trajetória de recuperação iniciada em abril último quando atingiu queda de -7,5%. O

segmento alimentar (-16,0%) mais uma vez exerce forte influência na formação da taxa anualizada, contribuindo este mês com -2,7 pontos percentuais. Ainda neste indicador, somente extrativa mineral (-8,6%), material elétrico (-11,6%) e química (-3,4%) se retraem frente ao resultado registrado até o mês passado.

#### Rio Grande do Sul

A indústria gaúcha repete em junho o bom desempenho revelado no mês de maio, atingindo expansão de 8,7% no indicador mensal. Com este resultado, a produção acumulada de janeiro a junho, praticamente, se iguala à do mesmo período do ano passado.

Dentre os quatorze gêneros pesquisados, apenas três ostentam taxas negativas no índice mensal de junho: química (-13,4%), perfumaria (-6,0%) e produtos alimentares (-4,6%). O primeiro, de forte participação na indústria local, teve como produtos responsáveis pela queda, fertilizantes compostos e tintas à base de plástico.

Com relação aos segmentos que cresceram, o destaque cabe à mecânica (58,7%), cuja contribuição decisiva na formação da taxa global da indústria (6,8 pontos percentuais) pode ser explicada pelo aumento da produção de transportadores mecânicos de correia ou esteira (141,5%) e de colhedoras agrícolas (82,8%). A despeito do menor nível de produção verificado em junho/88, o crescimento no mês corrente traduz o começo da retomada das vendas de máquinas agrícolas, não só pela proximidade da colheita da safra de alguns produtos, mas também, pela própria instabilidade na remuneração dos ativos financeiros.

A tabela Q, a seguir, fornece uma mostra do impacto positivo que este segmento tem apresentado durante este ano.

Dentre os três principais ramos da indústria gaúcha, é a partir de abril, com as elevadas taxas de crescimento obtidas pela mecânica, que o setor industrial começa a crescer, apesar das taxas negativas dos demais gêneros (química e produtos alimentares). O mês de maio representa o melhor de-

sempenho não só como função da performance de mecânica mas, principalmente, pelos resultados obtidos nos segmentos incluídos na categoria *outros*.

No indicador acumulado até junho, o gênero produtos alimentares é aquele com contribuição negativa mais significativa, principalmente como decorrência do menor número de abates (carne de bovino congelada com redução de -18,2%), em função de desajustes de preços provocados pelo Plano Verão. Isto fica claro pela evolução dos índices mensais de março, abril e maio, com reduções mais acentuadas na produção, enquanto junho demonstra uma desaceleração da queda (-4,6%) neste indicador. A indústria química, por sua vez, reforça o desempenho negativo do primeiro semestre, devido à retração na produção de tintas à base de plástico e de fertilizantes compostos.

Todavia, com este crescimento no indicador mensal de junho, o Parque Industrial do Rio Grande do Sul apresenta o segundo melhor resultado no país, situando-se apenas um ponto percentual abaixo da performance do Estado do Paraná (8,7% contra 9,5% do último).

Q — TAXA DE CRESCIMENTO E  
COMPOSIÇÃO DE TAXAS PARA ALGUNS  
GÊNEROS SELECIONADOS — 1989  
(Base: igual mês do ano anterior = 100)  
Rio Grande do Sul

MESES	TAXA DE CRESCIMENTO (%)				
	Mecânica	Química	Alimentares	Outros	Total
Janeiro.....	3,4	-14,2	5,3	-3,5	-1,7
Fevereiro.....	-2,0	-23,0	-7,3	-16,7	-12,9
Março.....	3,0	-4,5	-10,1	-11,8	-8,1
Abril.....	25,4	-4,5	-12,8	1,5	1,6
Maio.....	19,1	17,3	-13,9	11,7	9,4
Junho.....	58,7	-13,4	-4,6	9,4	8,7

MESES	COMPOSIÇÃO DA TAXA				
	Mecânica	Química	Alimentares	Outros	Total
Janeiro.....	0,6	-1,5	1,0	-1,8	-1,7
Fevereiro.....	-0,4	-2,2	-1,2	-9,1	-12,9
Março.....	0,6	-0,4	-1,7	-6,6	-8,1
Abril.....	3,6	-0,7	-2,1	0,8	1,6
Maio.....	2,6	2,8	-2,3	6,3	9,4
Junho.....	6,8	-2,5	-0,7	5,1	8,7

## DEFINIÇÃO DOS ÍNDICES DIVULGADOS

*Índice base fixa:* reflete o desempenho do mês de referência do índice, em relação à produção média mensal do ano-base de comparação (1981).

*Índice acumulado de 12 meses:* reflete o desempenho da produção acumulada nos últimos 12 meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior.

*Índice acumulado:* reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

*Índice mensal:* reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação igual mês do ano anterior.

### 1 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
Indústria geral.....	108,75	121,53	132,75	97,58	105,40	104,39
Extrativa mineral.....	177,47	192,56	189,46	95,65	107,94	106,54
Indústrias de transformação.....	106,67	119,38	131,04	97,68	105,27	104,30
Minerais não-metálicos.....	98,89	109,38	111,57	99,16	109,95	109,62
Metalúrgica.....	117,71	132,88	136,22	97,65	105,36	108,52
Metalúrgica básica.....	121,37	130,16	135,24	96,28	102,24	105,31
Outros produtos metalúrgicos.....	111,86	137,24	137,79	100,13	110,49	113,97
Mecânica.....	100,11	114,81	129,36	90,67	107,66	118,65
Material elétrico e de comunicações.....	115,41	132,23	144,47	93,32	101,95	105,22
Material de transporte.....	86,73	99,93	128,36	79,47	89,02	101,28
Autoveículos.....	88,02	108,48	139,93	72,09	85,26	98,59
Outros produtos de transporte.....	84,19	83,06	105,53	100,76	100,42	109,07
Papel e papelão.....	142,01	150,08	151,19	104,36	109,72	108,74
Borracha.....	125,62	139,84	143,48	89,93	99,82	96,75
Química.....	111,88	130,21	140,12	102,43	105,33	95,14
Petroquímica, refino e destilação do carvão-do-pedra.....	115,73	121,59	115,73	101,13	102,88	93,72
Outros produtos químicos.....	109,35	135,88	156,14	103,35	106,82	95,85
Farmacêutica.....	112,15	126,19	145,86	102,93	107,72	110,08
Perfumaria, sabões e velas.....	165,55	179,54	187,79	104,57	124,13	123,25
Produtos de matérias plásticas.....	133,34	146,56	158,86	115,69	125,42	124,07
Têxtil.....	104,81	113,58	118,33	100,86	105,06	105,19
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	81,88	90,14	98,15	99,32	107,29	107,61
Produtos alimentares.....	82,89	86,61	112,18	100,95	99,03	87,49
Bebidas.....	133,79	148,25	155,06	110,89	133,67	124,32
Fumo.....	214,21	220,78	200,94	111,22	123,93	129,50

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
Indústria geral.....	94,09	96,40	97,87	96,92	97,82	98,07
Extrativa mineral.....	95,80	98,11	99,46	97,29	98,12	98,67
Indústrias de transformação.....	94,00	96,31	97,79	96,91	97,81	98,04
Minerais não-metálicos.....	91,48	95,15	97,60	95,10	96,30	96,92
Metalúrgica.....	94,59	96,78	98,76	96,84	97,63	98,55
Metalúrgica básica.....	94,12	95,72	97,31	99,67	100,01	100,34
Outros produtos metalúrgicos.....	95,46	98,70	101,34	92,07	93,60	95,48
Mecânica.....	85,94	90,22	94,98	89,21	90,85	93,41
Material elétrico e de comunicações.....	95,48	96,87	98,42	98,54	99,48	100,18
Material de transporte.....	89,49	89,40	91,59	103,75	102,55	101,51
Autoveículos.....	86,29	86,08	88,38	101,99	100,34	99,31
Outros produtos de transporte.....	98,94	99,23	101,07	108,77	108,89	107,77
Papel e papelão.....	100,92	102,69	103,72	100,88	102,20	103,00
Borracha.....	91,83	93,50	94,09	99,32	98,66	97,77
Química.....	97,05	98,91	98,11	97,37	98,21	97,28
Petroquímica, refino e destilação do carvão-do-pedra.....	99,17	99,90	98,84	100,00	100,26	98,86
Outros produtos químicos.....	95,33	98,16	97,61	95,88	97,05	96,37
Farmacêutica.....	85,99	90,44	94,13	86,71	88,37	90,33
Perfumaria, sabões e velas.....	88,27	94,97	99,63	89,27	92,35	94,22
Produtos de matérias plásticas.....	100,77	105,70	109,01	100,52	104,13	106,01
Têxtil.....	95,56	97,49	98,83	95,54	96,76	97,42
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	94,42	97,04	98,95	96,32	97,61	98,10
Produtos alimentares.....	97,22	97,57	95,34	99,22	99,02	96,59
Bebidas.....	101,83	107,66	110,50	103,96	106,54	106,54
Fumo.....	93,15	99,36	103,87	96,94	100,07	103,13

2 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, COM AJUSTAMENTO SAZONAL,  
SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1988-89  
Base fixa mensal

CLASSES E GÊNEROS	DEZEMBRO	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO
Indústria geral.....	117,11	114,23	109,79	114,71	118,74	122,48	128,17
Extrativa mineral.....	181,17	186,64	183,95	184,37	181,52	190,84	194,19
Indústrias de transformação.....	115,17	112,04	107,55	112,61	116,84	120,41	126,18
Minerais não-metálicos.....	93,02	91,54	90,27	97,43	104,45	108,20	114,15
Metalúrgica.....	128,03	121,93	118,60	115,80	123,31	128,94	135,02
Metalúrgica básica.....	128,18	127,49	125,28	119,70	127,19	129,02	135,80
Outros produtos metalúrgicos.....	127,78	113,03	107,90	109,54	117,10	128,79	133,76
Mecânica.....	104,70	99,68	93,67	101,14	103,44	113,67	126,43
Material elétrico e de comunicação.....	129,73	120,40	120,13	124,88	120,61	124,77	131,70
Material de transporte.....	121,32	116,85	109,06	97,83	97,17	98,14	117,28
Autoveículos.....	133,83	130,98	120,84	101,40	101,41	103,09	124,03
Outros produtos de transporte.....	96,60	88,94	85,79	90,76	88,79	88,35	103,96
Papel e papelão.....	142,47	138,21	132,31	141,63	144,51	149,27	151,25
Borracha.....	134,80	132,10	113,25	128,00	129,71	140,21	138,60
Química.....	125,25	123,30	117,43	130,32	133,95	134,15	131,42
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	127,66	122,68	117,66	123,43	121,85	122,10	116,92
Outros produtos químicos.....	123,67	123,70	117,28	134,84	141,89	142,06	140,94
Farmacêutica.....	104,95	102,25	90,83	111,21	117,09	123,99	127,84
Perfumaría, sabões e velas.....	145,72	138,92	125,89	143,38	165,22	178,06	186,21
Produtos de matérias plásticas.....	122,44	118,61	108,44	125,54	142,07	149,71	161,22
Têxtil.....	103,47	104,17	102,99	105,17	110,17	112,09	115,30
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	85,24	88,25	80,37	86,45	89,51	92,53	97,87
Produtos alimentares.....	101,87	100,96	101,04	105,60	109,47	106,97	108,97
Bebidas.....	128,55	123,04	123,63	131,17	141,96	152,30	159,48
Fumo.....	125,57	125,08	120,60	111,72	142,87	151,74	161,89

3 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO – 1989

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
Bens de capital.....	86,25	98,95	116,23	83,20	94,86	105,79
Bens intermediários.....	119,53	130,97	139,24	99,10	105,82	103,20
Bens de consumo.....	105,15	118,43	129,91	100,69	107,71	104,55
Duráveis.....	113,51	130,50	148,48	91,85	101,97	105,48
Não-duráveis.....	103,40	115,90	126,02	102,97	109,15	104,32

CATEGORIAS DE USO	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
Bens de capital.....	86,65	88,32	91,40	94,69	94,65	95,17
Bens intermediários.....	95,20	97,36	98,42	97,71	98,51	98,56
Bens de consumo.....	95,90	98,32	99,49	98,02	99,22	99,32
Duráveis.....	97,80	98,68	99,96	103,03	103,63	103,80
Não-duráveis.....	95,44	98,23	99,37	96,86	98,20	98,29

#### 4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS - 1989

(continua)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
Extração de minerais metálicos .....	119,42	143,35	130,93	94,87	112,32	107,93
Extração de petróleo e gás natural .....	257,75	265,73	265,87	99,07	109,14	107,27
Extração de carvão mineral .....	77,41	89,64	96,42	73,41	83,01	86,26
Cimento .....	86,55	95,88	98,61	98,10	114,31	110,50
Vidro e artefatos de vidro .....	116,04	128,70	124,45	104,36	108,48	106,79
Artefatos de cimento e concreto .....	92,93	109,95	116,09	92,58	107,95	111,71
Tijolos e artefatos de barro .....	119,06	126,71	126,73	103,09	108,05	109,20
Gusa .....	187,35	175,37	174,35	111,98	104,85	98,39
Aço, ferroliga - em forma primária .....	170,25	168,43	160,02	107,85	104,63	94,26
Laminados de aço .....	122,10	127,35	134,15	95,09	103,04	117,43
Fundidos e forjados de aço .....	91,76	104,81	118,27	79,72	88,26	92,92
Trefilados .....	106,52	118,21	127,69	101,10	112,77	112,73
Motores e bombas .....	93,36	125,74	139,81	77,51	109,14	108,36
Máquinas agrícolas .....	103,78	139,79	132,66	123,73	165,03	190,38
Tratores e máquinas rodoviárias .....	72,39	97,75	131,68	69,10	85,97	121,11
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar .....	143,69	164,43	185,10	99,20	122,39	115,82
Equipamentos para energia elétrica .....	109,85	134,17	129,25	81,17	112,83	88,42
Condutores elétricos .....	87,69	103,11	129,38	80,56	90,07	119,69
Material elétrico - exclusivo para veículos .....	120,81	131,30	147,34	95,85	110,84	106,06
Material elétrico para veículos .....	123,43	128,14	148,19	97,77	96,43	104,28
Motores e aparelhos elétricos .....	107,36	125,02	142,17	84,31	99,52	104,55
Receptores de televisão, rádio e som .....	127,60	143,91	149,63	95,68	99,67	97,94
Automóveis e camionetas .....	99,69	114,63	154,07	79,47	86,14	104,97
Caminhões e ônibus .....	75,28	93,85	118,49	67,55	84,28	90,85
Motores e autopeças .....	96,73	123,69	150,83	75,45	90,67	103,75
Indústria naval .....	55,22	28,22	59,75	103,97	57,43	100,81
Celulose e pasta mecânica .....	142,21	142,22	142,02	101,56	107,23	104,50
Papel e papelão .....	162,18	175,30	170,39	100,77	106,37	103,91
Artefatos de papel e papelão .....	131,22	139,65	145,83	113,48	116,67	118,40
Pneumáticos .....	119,14	132,86	134,15	88,37	100,08	96,00
Refino de petróleo .....	109,61	114,79	110,32	101,16	102,89	92,89
Petroquímica .....	154,17	164,72	150,43	101,36	103,15	98,46
Resinas, fibras e elastômeros .....	146,17	155,87	152,51	100,43	102,21	101,64
Pigmentos e tintas .....	136,12	159,95	165,36	120,11	133,27	125,17
Adubos e fertilizantes .....	103,63	125,61	121,18	100,42	102,46	82,08
Laminados plásticos .....	148,62	160,99	176,28	118,24	123,59	122,03
Fiação e tecelagem têxteis naturais .....	106,17	113,64	119,09	103,93	107,59	107,82
Fiação e tecelagem têxteis artificiais .....	103,05	114,50	119,99	96,34	102,84	101,13
Calçados .....	101,28	111,91	117,25	103,85	108,52	108,23
Moagem de trigo .....	112,14	131,78	135,46	104,64	124,40	118,91
Abate e preparo de carne .....	85,86	90,74	99,63	80,43	75,25	89,54
Abate e preparo de aves .....	133,84	146,04	148,80	105,67	104,33	100,82
Laticínios .....	115,70	108,90	91,50	104,84	100,68	92,96
Usinas de açúcar .....	1,52	0,00	109,23	466,97	100,00	61,62
Refino de açúcar .....	76,08	84,35	82,02	90,03	87,73	76,17
Refino de óleos e gorduras para alimentos .....	127,14	127,52	131,82	110,71	113,37	113,39
Preparo de alimentos para animais .....	93,32	105,09	109,06	100,45	108,24	100,82
Cervejas, chope e malte .....	138,67	150,13	149,08	109,70	123,43	132,77
Refrigerantes .....	155,89	158,25	137,18	124,27	150,33	143,25

#### 4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS – 1989

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
Extração de minerais metálicos .....	101,22	103,47	104,19	104,95	105,35	105,53
Extração de petróleo e gás natural .....	96,25	98,68	100,06	95,90	97,18	97,89
Extração de carvão mineral .....	71,93	74,17	76,26	91,38	88,91	87,51
Cimento .....	93,49	97,53	99,75	98,64	100,27	100,01
Vidro e artefatos de vidro .....	88,62	92,73	95,10	85,50	87,32	88,91
Artefatos de cimento e concreto .....	79,25	84,83	89,28	85,00	86,34	87,90
Tijolos e artefatos de barro .....	98,68	100,60	102,05	101,83	102,00	102,25
Gusa .....	106,82	106,44	105,08	108,53	108,20	106,82
Aço, ferroliga – em forma primária .....	100,04	100,91	99,81	106,73	106,30	104,41
Laminados de aço .....	94,17	95,89	99,17	98,32	98,60	100,18
Fundidos e forjados de aço .....	85,78	86,28	87,45	101,74	100,57	99,38
Trefilados .....	87,94	92,84	96,34	86,95	89,72	91,88
Motores e bombas .....	79,13	85,12	89,36	83,20	86,02	87,98
Máquinas agrícolas .....	100,77	111,09	120,34	82,80	88,04	95,02
Tratores e máquinas rodoviárias .....	59,79	65,29	74,62	80,82	79,79	82,04
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar .....	93,84	99,54	102,67	96,05	98,71	100,09
Equipamentos para energia elétrica .....	90,91	95,30	93,94	96,38	99,08	97,68
Condutores elétricos .....	83,07	84,54	90,35	94,65	92,66	94,01
Material elétrico – exclusive para veículos .....	87,91	92,28	94,80	89,39	91,95	93,37
Material elétrico para veículos .....	96,63	96,58	98,01	96,59	96,36	96,80
Motores e aparelhos elétricos .....	85,23	88,07	90,99	96,20	97,32	98,35
Receptores de televisão, rádio e som .....	106,44	104,88	103,52	101,94	102,75	102,63
Automóveis e camionetas .....	94,37	92,69	94,94	109,42	107,57	107,11
Caminhões e ônibus .....	74,30	76,26	78,99	93,60	92,34	90,50
Motores e autopeças .....	91,27	91,15	93,40	101,83	100,82	100,54
Indústria naval .....	108,41	98,67	99,07	115,66	112,50	109,99
Celulose e pasta mecânica .....	101,34	102,47	102,80	102,48	102,41	102,11
Papel e papelão .....	98,19	99,86	100,54	100,67	101,41	101,50
Artefatos de papel e papelão .....	106,02	108,21	109,99	101,80	104,67	106,86
Pneumáticos .....	93,16	94,59	94,84	100,27	99,81	98,93
Refino de petróleo .....	98,66	99,49	98,35	99,61	100,00	98,40
Petroquímica .....	101,66	101,97	101,39	101,99	101,60	101,20
Resinas, fibras e elastômeros .....	97,47	98,45	98,98	100,78	101,33	101,24
Pigmentos e tintas .....	97,49	104,75	108,47	100,30	103,84	105,11
Adubos e fertilizantes .....	80,96	86,29	85,32	85,51	86,08	83,57
Laminados plásticos .....	109,56	112,50	114,30	108,14	110,72	111,17
Fiação e tecelagem têxteis naturais .....	96,50	98,71	100,28	93,63	95,26	96,60
Fiação e tecelagem têxteis artificiais .....	94,67	96,36	97,21	98,31	99,15	98,56
Calçados .....	100,95	102,55	103,58	101,91	102,80	102,89
Moagem de trigo .....	95,05	100,79	103,94	98,34	101,37	102,18
Abate e preparo de carne .....	85,94	83,51	84,56	98,17	93,91	91,79
Abate e preparo de aves .....	101,67	102,23	101,97	101,74	101,66	100,73
Laticínios .....	99,41	99,64	98,69	95,51	95,60	95,27
Usinas de açúcar .....	124,55	124,55	85,74	101,43	101,43	92,90
Refino de açúcar .....	80,22	81,66	80,69	81,58	80,55	78,13
Refino de óleos e gorduras para alimentos .....	97,22	100,67	102,97	101,97	103,12	103,13
Preparo de alimentos para animais .....	99,23	101,08	101,03	94,10	95,57	95,48
Cerveja, chope e malte .....	103,74	107,34	111,02	106,08	107,70	108,35
Refrigerantes .....	104,81	111,85	115,72	98,33	102,89	105,30

(conclusão)



5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS  
DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
<b>PERNAMBUCO</b>						
Indústria geral.....	89,99	99,77	98,41	97,42	109,88	105,28
Indústrias de transformação.....	89,99	99,77	98,41	97,42	109,88	105,28
Minerais não-metálicos.....	83,93	87,17	77,08	89,30	98,20	87,69
Metalúrgica.....	125,97	133,73	143,03	104,32	122,31	121,93
Material elétrico e de comunicações.....	135,01	160,63	157,24	137,36	248,33	193,94
Papel e papelão.....	112,54	121,93	129,09	110,58	116,39	130,17
Química.....	132,33	152,07	145,14	96,65	109,17	101,78
Perfumaria, sabões e velas.....	90,37	103,93	111,95	122,89	105,44	113,81
Produtos de matérias plásticas.....	83,56	94,93	108,34	83,14	96,38	112,98
Têxtil.....	77,40	84,42	82,66	95,96	95,53	98,83
Produtos alimentares.....	49,84	55,46	53,58	79,88	84,54	77,25
Bebidas.....	89,44	88,55	88,54	125,86	126,33	113,18
Fumo.....	116,49	135,41	126,71	100,05	123,07	109,40

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho

## PERNAMBUCO

Indústria geral.....	93,32	96,14	97,50	91,92	94,02	94,58
Indústrias de transformação.....	93,32	96,14	97,50	91,92	94,02	94,58
Minerais não-metálicos.....	78,43	82,00	82,86	84,99	85,58	84,91
Metalúrgica.....	100,22	104,44	107,42	101,56	104,90	107,02
Material elétrico e de comunicações.....	97,27	115,47	125,77	85,77	98,54	109,57
Papel e papelão.....	86,69	92,47	98,34	89,27	92,37	96,41
Química.....	101,61	102,86	102,71	97,05	98,67	97,97
Perfumaria, sabões e velas.....	95,18	97,18	99,88	84,33	86,85	86,95
Produtos de matérias plásticas.....	73,05	77,57	83,19	94,58	94,29	93,79
Têxtil.....	93,65	94,04	94,84	95,84	96,48	96,93
Produtos alimentares.....	93,76	92,37	90,29	85,87	86,28	85,02
Bebidas.....	101,46	105,24	106,39	100,03	103,50	103,97
Fumo.....	81,03	88,38	91,65	92,46	94,76	95,16

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS  
DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maior	Junho	Abril	Maior	Junho
<b>SÃO PAULO</b>						
Indústria geral.....	97,12	113,14	128,99	94,47	104,33	103,89
Indústrias de transformação.....	97,12	113,14	128,99	94,47	104,33	103,89
Minerais não-metálicos.....	106,04	115,29	115,63	100,60	106,49	107,23
Metalúrgica.....	97,72	117,13	121,54	92,19	106,52	112,02
Mecânica.....	83,93	98,66	111,15	87,18	104,70	111,74
Material elétrico e de comunicações.....	87,72	106,31	124,73	87,86	97,28	111,54
Material de transporte.....	86,20	110,87	138,47	71,64	88,73	98,39
Papel e papelão.....	151,33	162,66	163,96	108,89	112,43	112,11
Borracha.....	127,12	145,01	144,82	88,70	100,69	97,02
Química.....	99,57	124,43	144,96	99,16	105,63	96,26
Farmacêutica.....	122,19	139,74	157,55	107,10	111,35	109,20
Perfumaria, sabões e velas.....	171,83	178,53	186,70	104,97	124,66	122,27
Produtos de matérias plásticas.....	138,09	147,94	161,97	124,20	129,49	129,94
Têxtil.....	102,32	111,27	116,73	101,24	103,66	106,02
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	75,58	82,31	90,96	100,48	109,27	113,48
Produtos alimentares.....	75,29	76,15	122,21	109,73	102,20	80,91
Bebidas.....	123,34	140,69	151,89	115,93	140,20	127,79
Fumo.....	64,66	74,32	72,92	109,45	125,36	113,42

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho

**SÃO PAULO**

Indústria geral.....	91,88	94,45	96,26	96,54	97,59	97,78
Indústrias de transformação.....	91,88	94,45	96,26	96,54	97,59	97,78
Minerais não-metálicos.....	89,85	93,26	95,63	94,92	95,61	96,12
Metalúrgica.....	94,51	96,91	99,40	97,40	99,01	100,63
Mecânica.....	80,81	85,53	90,05	85,08	86,58	88,43
Material elétrico e de comunicações.....	88,91	90,73	94,51	94,04	94,48	96,13
Material de transporte.....	85,64	86,26	88,49	103,24	101,99	100,52
Papel e papelão.....	103,28	105,15	106,35	103,39	105,13	106,17
Borracha.....	90,01	92,25	93,10	98,75	98,43	97,47
Química.....	95,67	97,92	97,55	97,42	98,78	97,91
Farmacêutica.....	86,34	91,45	94,82	85,00	87,14	88,93
Perfumaria, sabões e velas.....	88,84	95,44	99,85	88,41	91,66	93,43
Produtos de matérias plásticas.....	105,79	110,54	114,02	102,74	106,70	109,22
Têxtil.....	94,98	96,77	98,38	95,83	96,78	97,34
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	98,45	100,72	103,06	99,95	101,83	102,45
Produtos alimentares.....	97,47	98,43	93,34	102,67	102,75	98,45
Bebidas.....	106,07	112,25	114,99	104,94	108,40	108,99
Fumo.....	95,74	101,28	103,33	103,21	105,50	105,88

## 5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maió	Junho	Abril	Maió	Junho
<b>REGIÃO NORDESTE</b>						
Indústria geral.....	99,92	103,47	107,89	99,79	99,93	102,60
Extrativa mineral.....	142,40	149,01	146,36	98,30	99,98	100,82
Indústrias de transformação.....	94,04	97,17	102,57	100,11	99,92	102,96
Minerais não-metálicos.....	83,30	90,01	94,45	91,84	103,11	107,48
Metalúrgica.....	134,55	150,48	159,77	107,26	120,52	133,90
Material elétrico e de comunicações.....	114,61	137,62	142,18	101,32	139,62	125,68
Papel e papelão.....	108,33	115,82	119,61	101,14	100,27	110,08
Borracha.....	111,46	142,75	152,87	93,82	101,29	114,79
Química.....	109,05	101,96	108,80	102,53	88,04	97,95
Perfumaria, sabões e velas.....	99,04	121,48	129,13	104,66	108,63	118,35
Produtos de matérias plásticas.....	91,80	107,36	114,37	86,41	108,03	109,22
Têxtil.....	88,22	92,67	94,38	106,34	105,97	99,13
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	110,84	120,47	131,77	96,14	108,66	109,08
Produtos alimentares.....	53,33	57,51	60,65	89,82	92,87	83,89
Bebidas.....	106,54	102,44	108,31	125,24	118,90	118,49
Fumo.....	106,03	125,30	120,99	99,01	123,43	114,49

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
<b>REGIÃO NORDESTE</b>						
Indústria geral.....	99,96	99,96	100,38	96,22	96,41	96,45
Extrativa mineral.....	102,69	102,13	101,92	101,56	101,12	100,88
Indústrias de transformação.....	99,46	99,54	100,08	95,30	95,59	95,67
Minerais não-metálicos.....	87,46	90,41	93,13	93,98	94,66	95,35
Metalúrgica.....	98,07	102,50	107,48	94,06	96,54	100,09
Material elétrico e de comunicações.....	81,02	90,18	95,58	78,08	82,51	86,66
Papel e papelão.....	90,60	92,56	95,37	92,33	93,47	95,19
Borracha.....	100,30	100,52	103,01	106,27	105,15	106,33
Química.....	104,55	101,38	100,85	96,11	94,79	94,29
Perfumaria, sabões e velas.....	77,38	83,08	88,41	83,86	85,42	86,05
Produtos de matérias plásticas.....	76,96	82,86	87,25	91,38	92,86	93,38
Têxtil.....	112,93	111,49	109,22	113,00	113,73	112,52
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	94,84	97,82	99,68	94,51	95,99	97,06
Produtos alimentares.....	99,14	98,26	96,22	88,76	88,96	87,61
Bebidas.....	103,13	105,69	107,57	100,66	103,16	104,00
Fumo.....	78,47	86,25	90,57	89,35	92,03	93,27

### 5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
<b>MINAS GERAIS</b>						
Indústria geral.....	119,91	127,86	138,37	101,82	101,34	97,36
Extrativa mineral.....	107,33	131,83	124,47	94,38	111,78	105,58
Indústrias de transformação.....	120,96	127,53	139,53	102,42	100,53	96,80
Minerais não-metálicos.....	96,42	103,38	103,92	95,27	104,03	99,40
Metalúrgica.....	134,21	136,62	131,39	100,57	98,18	95,34
Material elétrico e de comunicações.....	120,06	153,73	162,11	69,27	121,70	114,66
Material de transporte.....	140,56	128,45	192,52	96,33	80,56	109,50
Papel e papelão.....	171,26	180,40	179,13	100,20	101,31	106,21
Química.....	138,48	164,70	170,42	128,72	106,73	94,00
Produtos de matérias plásticas.....	104,21	123,44	131,95	85,08	112,93	120,78
Têxtil.....	121,86	130,78	130,72	111,20	113,75	110,07
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	83,57	96,39	101,44	111,57	111,93	119,61
Produtos alimentares.....	80,31	81,14	136,59	102,92	88,76	74,65
Bebidas.....	145,93	153,25	145,09	115,86	119,50	121,54
Fumo.....	161,84	171,07	176,84	116,07	128,80	127,74

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
<b>MINAS GERAIS</b>						
Indústria geral.....	97,46	98,27	98,10	100,95	100,50	99,42
Extrativa mineral.....	98,83	101,50	102,20	104,66	105,10	104,71
Indústrias de transformação.....	97,36	98,01	97,78	100,67	100,17	99,03
Minerais não-metálicos.....	93,21	95,34	96,03	95,93	96,89	96,66
Metalúrgica.....	94,46	95,21	95,23	105,15	103,66	101,78
Material elétrico e de comunicações.....	75,74	84,17	89,37	97,96	99,95	99,94
Material de transporte.....	103,58	98,66	100,73	97,84	96,13	98,27
Papel e papelão.....	98,69	99,25	100,43	102,18	99,46	97,77
Química.....	110,87	109,89	106,43	103,09	102,79	101,84
Produtos de matérias plásticas.....	75,22	82,15	88,14	74,73	78,06	82,59
Têxtil.....	103,01	105,22	106,07	98,75	100,39	101,40
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	104,44	106,15	108,62	99,14	100,58	101,82
Produtos alimentares.....	97,58	95,65	89,24	97,87	96,23	90,22
Bebidas.....	97,17	101,27	104,22	95,90	97,54	97,57
Fumo.....	90,11	96,60	101,24	92,42	95,50	97,81

**5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS  
DE INDÚSTRIA – 1989**

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
<b>RIO DE JANEIRO</b>						
Indústria geral.....	110,94	115,44	127,20	101,37	106,62	106,43
Extrativa mineral.....	521,07	529,37	534,13	98,48	116,12	110,31
Indústrias de transformação.....	102,89	107,32	119,21	101,66	105,79	106,11
Minerais não-metálicos.....	93,27	102,91	107,13	95,04	116,37	116,30
Metalúrgica.....	125,73	134,35	145,90	88,00	94,65	97,38
Material elétrico e de comunicações.....	155,05	155,84	165,01	114,80	121,13	108,83
Material de transporte.....	51,15	26,00	55,76	106,06	58,55	101,35
Papel e papelão.....	74,33	84,16	85,62	91,09	104,80	96,16
Química.....	116,44	127,73	128,19	104,47	107,56	104,94
Farmacêutica.....	92,59	108,48	140,21	87,16	95,26	107,00
Perfumaria, sabões e velas.....	130,25	147,73	166,98	110,27	121,06	127,89
Produtos de matérias plásticas.....	179,49	184,25	199,60	129,18	137,31	133,29
Têxtil.....	69,79	80,66	95,82	89,97	102,68	112,50
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	66,75	75,12	79,59	103,64	112,26	102,16
Produtos alimentares.....	93,61	97,03	112,68	115,79	111,83	97,78
Bebidas.....	143,19	147,98	133,49	125,77	155,99	148,17
Fumo.....	116,94	128,36	132,78	114,53	129,50	115,09

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
<b>RIO DE JANEIRO</b>						
Indústria geral.....	96,60	98,57	99,97	99,43	100,26	100,26
Extrativa mineral.....	90,05	94,50	96,92	90,17	92,61	93,90
Indústrias de transformação.....	97,30	98,99	100,28	100,37	101,02	100,89
Minerais não-metálicos.....	94,17	98,61	101,65	95,78	97,84	98,73
Metalúrgica.....	90,81	91,58	92,58	95,37	94,61	93,66
Material elétrico e de comunicações.....	123,55	123,06	120,31	145,40	143,12	138,01
Material de transporte.....	112,38	102,12	101,97	125,62	120,11	115,35
Papel e papelão.....	91,31	93,96	94,35	90,28	92,63	94,23
Química.....	93,55	96,40	97,88	98,55	98,93	98,50
Farmacêutica.....	84,16	86,52	90,54	86,83	86,88	89,45
Perfumaria, sabões e velas.....	99,36	103,76	108,07	98,19	101,63	103,53
Produtos de matérias plásticas.....	116,75	120,98	123,28	109,33	114,01	115,57
Têxtil.....	78,90	83,55	88,62	77,82	80,36	83,19
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	95,49	98,98	99,60	95,96	97,64	97,53
Produtos alimentares.....	98,57	101,09	100,43	96,74	98,81	99,02
Bebidas.....	112,63	119,67	123,47	109,00	113,56	115,38
Fumo.....	92,00	98,67	101,48	90,61	94,67	95,97

### 5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
<b>BAHIA</b>						
Indústria geral .....	114,25	112,50	115,52	100,79	92,24	94,79
Extrativa mineral .....	104,81	111,88	106,85	94,22	97,87	96,57
Indústrias de transformação.....	115,85	112,61	116,98	101,87	91,35	94,52
Minerais não-metálicos.....	76,10	79,81	84,95	93,83	104,22	97,95
Metalúrgica .....	115,37	121,54	112,89	108,26	109,08	121,23
Material elétrico e de comunicações.....	138,15	131,88	188,70	83,84	71,95	95,14
Borracha .....	141,28	207,59	211,87	93,10	108,14	119,49
Química .....	127,27	119,40	123,11	103,43	89,07	95,65
Perfumaria, sabões e velas .....	126,09	159,72	158,28	117,91	136,71	127,83
Produtos alimentares .....	59,13	68,22	77,01	87,76	90,48	63,90
Bebidas.....	149,66	136,88	155,35	123,09	105,25	117,57

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
<b>BAHIA</b>						
Indústria geral .....	99,21	97,79	97,28	96,66	95,54	94,83
Extrativa mineral .....	95,39	95,90	96,02	98,50	97,94	97,52
Indústrias de transformação.....	99,80	98,08	97,48	98,38	95,18	94,43
Minerais não-metálicos.....	78,95	83,69	86,19	92,85	95,17	94,39
Metalúrgica .....	85,92	90,60	95,03	87,83	88,38	91,58
Material elétrico e de comunicações.....	78,83	75,80	79,10	82,04	77,53	78,98
Borracha .....	107,67	107,30	109,47	119,97	117,58	118,59
Química .....	104,09	100,94	100,06	97,63	98,14	95,59
Perfumaria, sabões e velas .....	74,46	85,12	91,61	86,05	89,53	90,62
Produtos alimentares .....	96,02	95,12	88,72	97,84	96,53	90,80
Bebidas.....	103,01	103,41	105,57	100,77	101,31	101,76

### 5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
<b>PARANÁ</b>						
Indústria geral.....	136,86	140,75	138,45	107,72	112,38	109,52
Indústrias de transformação.....	136,86	140,75	138,45	107,72	112,38	109,52
Minerais não-metálicos.....	92,00	102,91	116,67	98,31	111,91	126,33
Mecânica.....	160,80	174,10	188,72	122,22	111,62	145,23
Papel e papelão.....	167,51	170,02	171,59	113,02	110,80	114,24
Química.....	115,20	113,92	103,32	113,50	116,55	84,35
Perfumaria, sabões e velas.....	149,20	176,99	164,85	145,37	109,28	101,14
Produtos de matérias plásticas.....	101,80	110,04	113,44	98,44	104,60	100,41
Têxtil.....	341,71	352,94	273,11	105,30	123,54	226,88
Produtos alimentares.....	113,78	116,88	136,15	97,31	98,56	97,16
Bebidas.....	145,99	151,37	125,03	111,91	133,05	135,33
Fumo.....	340,59	356,40	328,63	126,65	145,95	140,99

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
<b>PARANÁ</b>						
Indústria geral.....	97,43	100,71	102,31	102,82	103,38	103,54
Indústrias de transformação.....	97,43	100,71	102,31	102,82	103,38	103,54
Minerais não-metálicos.....	88,84	93,29	98,65	93,48	94,42	96,29
Mecânica.....	107,90	108,75	114,61	98,38	98,11	102,77
Papel e papelão.....	105,32	106,45	107,76	100,95	101,75	102,83
Química.....	102,06	105,31	100,71	109,61	111,26	108,39
Perfumaria, sabões e velas.....	92,71	96,61	97,47	113,13	109,50	102,53
Produtos de matérias plásticas.....	107,01	106,48	105,32	112,57	112,84	111,18
Têxtil.....	72,95	85,73	99,31	88,43	89,96	98,29
Produtos alimentares.....	101,50	100,86	100,10	105,33	103,89	102,22
Bebidas.....	96,65	102,76	106,67	101,15	103,71	104,83
Fumo.....	85,99	96,15	102,39	91,30	98,61	103,87

### 5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maior	Junho	Abril	Maior	Junho
<b>SANTA CATARINA</b>						
Indústria geral .....	123,91	134,95	141,88	100,02	110,76	107,84
Extrativa mineral .....	48,07	94,76	85,84	49,45	90,87	69,85
Indústrias de transformação .....	126,76	136,46	143,99	101,50	111,40	109,18
Minerais não-metálicos .....	140,20	148,93	145,26	102,33	107,24	108,52
Metalúrgica .....	137,24	160,30	176,58	94,36	96,84	109,86
Mecânica .....	175,12	197,44	220,99	110,83	160,73	137,27
Material elétrico e de comunicações .....	210,38	240,28	253,04	76,21	111,66	83,65
Papel e papelão .....	133,84	145,82	139,55	99,59	105,68	99,72
Química .....	138,56	126,47	125,08	95,34	83,88	77,49
Produtos de matérias plásticas .....	114,20	128,56	146,54	104,85	120,34	120,65
Têxtil .....	92,01	98,25	101,11	104,04	101,46	98,00
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	72,76	83,01	105,70	92,85	106,53	109,70
Produtos alimentares .....	108,26	118,78	122,34	100,63	102,17	101,24
Bebidas .....	251,87	97,11	81,45	103,22	151,36	155,38
Fumo .....	356,36	348,83	313,97	135,76	152,90	219,57

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
<b>SANTA CATARINA</b>						
Indústria geral .....	90,35	94,35	96,71	92,55	93,95	95,02
Extrativa mineral .....	69,41	73,81	73,04	96,76	95,76	91,38
Indústrias de transformação .....	90,99	94,98	97,45	92,42	93,90	95,13
Minerais não-metálicos .....	97,28	99,30	100,80	94,26	94,50	94,94
Metalúrgica .....	87,80	89,88	93,54	92,34	91,85	93,35
Mecânica .....	106,20	115,82	119,84	93,75	100,19	105,01
Material elétrico e de comunicações .....	73,18	79,16	79,97	86,87	89,45	88,37
Papel e papelão .....	96,02	97,97	98,26	95,64	96,95	97,46
Química .....	77,44	78,97	78,67	102,13	100,24	96,64
Produtos de matérias plásticas .....	75,60	84,01	90,46	87,62	90,83	93,21
Têxtil .....	89,90	92,20	93,21	94,03	94,62	94,78
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	85,87	89,74	93,49	93,70	94,32	94,88
Produtos alimentares .....	87,48	90,25	92,05	82,89	82,92	84,01
Bebidas .....	101,42	106,67	110,52	99,08	102,89	105,58
Fumo .....	129,58	134,44	144,27	139,80	148,18	161,44



### 5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
<b>RIO GRANDE DO SUL</b>						
Indústria geral .....	129,43	141,34	144,63	101,61	109,40	108,73
Extrativa mineral .....	107,41	132,44	137,34	79,36	94,87	100,05
Indústrias de transformação .....	129,56	141,39	144,67	101,75	109,49	108,78
Minerais não-metálicos .....	102,88	122,75	121,96	120,28	134,23	144,12
Metalúrgica .....	119,76	141,17	149,54	97,19	106,75	110,63
Mecânica .....	185,30	171,97	201,80	125,39	119,12	158,72
Material elétrico e de comunicações .....	116,59	145,27	133,04	97,69	133,66	110,12
Material de transporte .....	115,97	130,51	127,15	112,87	120,50	103,20
Papel e papelão .....	140,44	118,48	155,14	103,16	103,48	123,62
Borracha .....	104,72	123,93	136,37	95,05	110,98	112,18
Química .....	116,24	144,54	130,10	95,51	117,32	88,59
Perfumaria, sabões e velas .....	129,42	131,78	137,07	95,47	88,55	94,01
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	92,78	102,40	104,53	102,04	103,48	100,95
Produtos alimentares .....	97,95	101,72	106,43	87,20	86,09	95,42
Bebidas .....	139,91	180,34	220,27	90,41	125,16	106,26
Fumo .....	408,10	410,89	348,97	104,04	109,64	112,45

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
<b>RIO GRANDE DO SUL</b>						
Indústria geral .....	94,78	97,91	99,87	96,90	97,90	98,64
Extrativa mineral .....	72,31	76,94	80,82	91,00	88,51	88,11
Indústrias de transformação .....	94,93	98,06	100,00	96,94	97,96	98,71
Minerais não-metálicos .....	109,15	114,64	119,61	102,20	105,15	109,85
Metalúrgica .....	89,82	93,40	96,47	91,84	93,03	94,65
Mecânica .....	106,68	108,86	115,54	101,64	102,94	108,27
Material elétrico e de comunicações .....	91,34	99,20	101,07	86,68	90,53	94,36
Material de transporte .....	75,87	84,76	88,17	98,22	100,78	98,92
Papel e papelão .....	97,04	98,18	102,29	100,93	101,62	102,97
Borracha .....	106,86	107,78	108,65	113,13	113,22	112,06
Química .....	89,96	97,48	94,74	88,34	91,19	89,09
Perfumaria, sabões e velas .....	80,78	82,55	84,64	88,02	86,31	85,11
Vestuário, calçados e artefatos de tecido .....	98,08	99,23	99,54	99,18	99,31	99,09
Produtos alimentares .....	93,65	92,04	92,61	98,78	97,68	97,37
Bebidas .....	91,21	98,59	100,42	107,36	107,00	102,36
Fumo .....	91,70	96,03	98,76	99,97	98,99	99,73

### 5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(conclusão)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
<b>REGIÃO SUL</b>						
Indústria geral.....	124,77	136,00	140,47	101,34	110,55	106,71
Extrativa mineral.....	83,66	94,41	103,28	74,75	83,03	88,82
Indústrias de transformação.....	125,38	136,61	141,02	101,69	110,93	106,94
Minerais não-metálicos.....	110,57	123,57	132,28	98,98	111,72	122,59
Metalúrgica.....	132,94	152,32	162,68	95,61	106,40	114,24
Mecânica.....	161,41	173,49	188,31	116,97	131,16	137,76
Material elétrico e de comunicações.....	143,47	166,79	178,00	91,55	119,19	97,93
Papel e papelão.....	151,78	153,72	159,77	104,95	105,98	108,21
Química.....	104,99	116,51	105,70	101,47	113,80	84,49
Perfumaria, sabões e velas.....	131,99	137,87	139,24	106,87	100,66	97,40
Produtos de matérias plásticas.....	117,01	135,03	146,50	102,62	114,92	112,73
Têxtil.....	122,73	131,33	136,82	101,95	103,49	101,42
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	95,73	104,44	110,05	101,60	106,20	103,92
Produtos alimentares.....	104,81	111,09	120,22	95,05	96,13	98,58
Bebidas.....	144,46	174,03	207,10	97,40	127,90	111,85
Fumo.....	363,27	364,98	308,47	110,31	123,51	134,61
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Janeiro/ junho	Até abril	Até maio	Até junho
<b>REGIÃO SUL</b>						
Indústria geral.....	95,04	98,26	99,79	96,73	97,94	98,58
Extrativa mineral.....	73,91	75,76	78,00	92,83	90,18	89,00
Indústrias de transformação.....	95,34	98,57	100,09	96,78	98,05	98,71
Minerais não-metálicos.....	93,46	97,05	101,15	93,84	94,69	96,60
Metalúrgica.....	89,32	92,90	96,58	91,36	92,38	94,49
Mecânica.....	107,44	111,92	116,14	99,16	102,27	106,81
Material elétrico e de comunicações.....	87,30	92,79	93,73	95,28	97,98	98,51
Papel e papelão.....	100,86	101,89	102,97	100,24	100,95	101,52
Química.....	92,22	97,50	94,51	95,71	97,76	95,32
Perfumaria, sabões e velas.....	86,64	89,70	91,13	94,67	93,92	91,95
Produtos de matérias plásticas.....	89,67	94,81	98,10	97,60	99,78	100,36
Têxtil.....	93,00	95,09	96,20	94,90	95,73	95,96
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	96,69	98,63	99,59	98,93	99,59	99,70
Produtos alimentares.....	95,75	95,83	96,32	96,98	96,42	96,15
Bebidas.....	93,59	100,76	103,21	106,69	107,38	104,08
Fumo.....	95,16	101,38	106,20	101,35	104,68	109,15

# SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

## RESULTADOS PARA O BRASIL E PARA AS REGIÕES

O SINAPI – Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – apresentou, no mês de junho de 1989, o custo de NCz\$ 372,55 por metro quadrado, para o Brasil, o que significou uma variação mensal de 43,48%, a mais alta desde maio de 1987, quando se iniciou a série atual. A variação acumulada no ano foi igual a 180,88%, atingindo nos últimos doze meses a 1 025,00%.

Os resultados regionais, em junho, indicaram para a Região Norte e Região Nordeste, o maior e menor custo médio, respectivamente iguais a NCz\$ 401,77 e NCz\$ 325,88. Quanto às variações mensais, a mais elevada foi a registrada na Região Sul, igual a 50,14%, sendo a menor, 35,57%, observada na Região Nordeste. Na Região Sul, foram observadas as mais altas variações no ano e nos últimos doze meses (191,26% e 1 099,91%). As menores variações nos mesmos períodos, ocorreram na Região Norte (157,10% e 931,48%).

A participação dos materiais na composição do custo médio, para o Brasil, foi de

## PARTICIPAÇÃO DOS INSUMOS NO CUSTO Junho de 1989

GRANDES REGIÕES	MATERIAIS		MÃO-DE-OBRA	
	Em NCz\$/m <sup>2</sup>	Variação mensal (%)	Em NCz\$/m <sup>2</sup>	Variação mensal (%)
Norte .....	339,39	44,88	62,38	11,39
Nordeste.....	268,90	38,42	56,98	23,57
Sudeste.....	292,07	49,36	92,17	33,02
Sul.....	287,75	50,41	100,22	49,40
Centro-Oeste.....	271,96	44,94	73,28	23,01

NCz\$ 288,57, variando no mês 47,25%; a participação da mão-de-obra correspondeu a NCz\$ 83,98, resultando em uma variação mensal igual a 31,90%.

Com exceção da Região Sul, na qual as parcelas de material e mão-de-obra apresentaram variações mensais aproximadas, nas demais regiões a parcela relativa aos materiais tiveram aumentos bem acima da mão-de-obra. Esta diferença se mostrou mais acentuada na Região Norte, que registrou a menor variação (11,39%) quanto à mão-de-obra, sendo a maior observada na Região Sul (49,40%).

No que diz respeito à participação dos materiais, a Região Sul acusou a variação mensal mais alta (50,41%), cabendo a menor taxa à Região Nordeste (38,42%).

---

### RESULTADOS PARA AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

---

Destacamos, primeiramente, os custos mais altos em junho, por região: Roraima (NCz\$ 529,14); Sergipe (NCz\$ 366,39); São Paulo (NCz\$ 421,66); Paraná (NCz\$ 400,92) e Mato Grosso do Sul (NCz\$ 391,49). E quanto aos custos mais baixos, foram registrados no Acre (NCz\$ 355,98); em Pernambuco (NCz\$ 283,79); no Espírito Santo (NCz\$ 294,37); no Rio Grande do Sul (NCz\$ 373,73); e em Goiás (NCz\$ 303,61).

Os demais custos médios podem ser vistos na Tabela 2.

Quanto às variações percentuais, mensal, no ano e em doze meses, são destacados os valores máximos e mínimos por região, na Tabela 3.

---

### RESULTADOS DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA O BRASIL E MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

---

Para o Brasil, a categoria bombeiro hidráulico foi a que apresentou o maior aumento em junho (49,33%), elevando o salário-hora para NCz\$ 1,12. A menor variação mensal foi registrada para a categoria

servente (28,00%), sendo o salário-hora igual a NCz\$ 0,64.

Dentre os municípios, as variações salariais mais acentuadas, segundo as categorias, ocorreram em João Pessoa, para armador (76,47%); carpinteiro de formas (64,71%); eletricitista (76,47%); ladrilheiro (76,36%); mestre-de-obras (76,36%); pedreiro (75,00%) e pintor (76,47%). Em São Paulo foi registrado o maior aumento salarial para a categoria bombeiro hidráulico (82,35%), em Porto Alegre para servente (77,78%) e em Campo Grande para carpinteiro de esquadrias (66,13%).

---

### NOTAS EXPLICATIVAS

---

1 — A manutenção da base teórica do SINAPI é hoje uma competência conjunta do IBGE e CEF — Caixa Econômica Federal.

2 — As séries mensais de salários médios são produzidas a partir dos salários coletados nas empresas construtoras, considerando-se:

a) o salário-hora bruto, ou seja, não é subtraído qualquer desconto de responsabilidade do empregado;

b) o valor contratado com o empregado, ou seja, não é incluído qualquer encargo social de responsabilidade do empregador; e

c) o valor referente à jornada normal de trabalho, ou seja, não são consideradas as horas extras.

3 — O SINAPI considera quatro padrões de acabamento: alto, normal, baixo e mínimo. São apresentados os custos dos projetos residenciais nos padrões normal e mínimo.

Na nomenclatura dos projetos, Rp e Cp significam, respectivamente, projeto residencial e projeto comercial com p pavimentos; nQ indica o nº de quartos da unidade residencial. Para os projetos comerciais, LA significa lojas e salas autônomas; e LC, lojas e andar corrido, P significa que o primeiro pavimento é em pilotis, e T que o primeiro pavimento é térreo. Por último, é indicada a área total da construção do projeto.

O custo médio de cada Área Geográfica é a média ponderada dos custos dos 21 projetos residenciais, considerando-se apenas o padrão normal de acabamento.

4 – As séries mensais de custos e índices de custos referem-se ao custo do metro quadrado de uma construção no canteiro de obras. Não se incluem as despesas com projeto em geral, licenças, seguros, instalações provisórias, depreciações dos equipamentos, compra de terreno, administração, financiamentos, nem com os equipamentos mecânicos (elevadores, compactadores, exaustores e outros) e não estão envolvidos os lucros da construtora e da incorporadora.

5 – Para o cálculo do Orçamento Final por metro quadrado (OF), deverão ser acrescidos ao Custo SINAPI os custos relativos a alguns itens para os quais o SINAPI, dadas suas características, não dispõe de informações. Estes itens são os seguintes:

- Fundações profundas e especiais;
- Equipamentos (elevadores, compactadores, interfone, etc.);
- Complementos (jardins, decorações, etc.); e
- Máquinas e Equipamentos de Obra.

O Orçamento Final por metro quadrado (OF), incluindo todos os custos do empreen-

dimento, será calculado adotando-se a seguinte fórmula:

$$OF = C \text{ SINAPI} + \frac{(OFe - OFd) + OE + OC}{S}$$

onde:

- OF = Orçamento Final por metro quadrado
- C SINAPI = Custo do metro quadrado do projeto, estimado com base nos custos do SINAPI
- OFe = Orçamento das Fundações especiais ou profundas
- OFd = Orçamento das Fundações diretas (já consideradas nos projetos de casas)
- OE = Orçamento de Equipamentos
- OC = Orçamento dos Complementos
- S = Área de Construção do Projeto em Estudo

Ao Orçamento Final por metro quadrado, deverão ser acrescidos os custos financeiros, taxa de administração e lucro da empresa.

## 1 – EVOLUÇÃO DO CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÃO MENSAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Brasil

Período de referência: janeiro-88/junho-89

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	CUSTO MÉDIO (Cz\$)	NÚMERO ÍNDICE	VARIAÇÃO MENSAL (%)
<b>1988</b>			
Janeiro.....	14 194,98	210,63	18,65
Fevereiro.....	16 418,07	243,62	15,66
Março.....	19 746,82	293,02	20,27
Abril.....	22 980,66	341,00	16,37
Maió.....	27 310,20	405,25	18,84
Junho.....	33 115,37	491,39	21,25
Julho.....	39 718,55	589,37	19,93
Agosto.....	49 324,87	731,91	24,18
Setembro.....	61 785,03	916,81	25,26
Outubro.....	78 477,36	1 164,50	27,01
Novembro.....	102 656,93	1 523,29	30,81
Dezembro.....	132 634,97	1 968,12	29,20
<b>1989</b>			
Janeiro.....	187,16	2 777,20	41,10
Fevereiro.....	194,90	2 892,05	4,13
Março.....	204,41	3 033,17	4,87
Abril.....	225,13	3 340,62	10,13
Maió.....	259,64	3 852,71	15,32
Junho.....	372,55	5 528,14	43,48

NOTA – Para informações, dirigir-se ao Departamento de Índices de Preços (DESIP), Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 264-3547, CEP 20 941, Mangueira, Rio de Janeiro, RJ, ou à Delegacia do IBGE de sua capital.

2 – CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÕES PERCENTUAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL,  
SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Mês de referência: Junho-89

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CUSTO MÉDIO (NCz \$/m <sup>2</sup> )	NÚMERO ÍNDICE (maio-87 = 100)	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
			Mensal	No ano	Em doze meses
NORTE .....	401,77	5 102,66	38,41	157,10	931,48
Rondônia .....	368,19	4 529,11	30,69	144,16	914,69
Acre .....	355,98	4 678,03	34,08	154,51	918,49
Amazonas .....	406,10	5 120,90	43,09	155,78	908,72
Roraima .....	529,14	4 951,51	35,90	189,69	897,56
Pará .....	399,25	5 201,10	37,13	156,01	959,78
Amapá .....	402,50	5 924,65	27,73	171,19	1 014,70
NORDESTE .....	325,88	5 526,14	35,57	164,44	985,87
Maranhão .....	355,96	5 725,50	36,96	160,89	933,01
Piauí .....	305,60	5 105,12	36,67	146,83	901,49
Ceará .....	349,32	5 699,95	37,76	186,64	1 044,15
Rio Grande do Norte .....	355,62	5 770,67	35,06	137,66	921,79
Paraíba .....	355,38	5 717,96	34,59	167,90	982,43
Pernambuco .....	283,79	5 262,42	34,40	143,44	905,37
Alagoas .....	319,86	5 858,94	26,04	162,60	1 011,37
Sergipe .....	366,39	6 288,40	34,85	180,68	1 158,96
Bahia .....	314,78	5 316,98	36,41	170,55	1 009,48
SUDESTE .....	384,24	5 464,69	45,08	184,00	1 022,71
Minas Gerais .....	301,58	5 476,37	40,38	181,65	1 052,75
Espírito Santo .....	294,37	5 427,49	33,74	160,53	998,32
Rio de Janeiro .....	354,79	5 359,84	41,74	153,97	910,68
São Paulo .....	421,66	5 497,85	47,60	196,54	1 058,39
SUL .....	387,97	5 809,01	50,14	191,26	1 099,91
Paraná .....	400,92	6 015,81	53,51	202,26	1 104,02
Santa Catarina .....	391,63	5 745,97	47,76	200,50	1 222,95
Rio Grande do Sul .....	373,73	5 628,92	47,67	177,08	1 051,95
CENTRO-OESTE .....	345,24	5 853,64	39,65	187,64	1 060,12
Mato Grosso do Sul .....	391,49	5 359,50	45,50	213,30	1 033,94
Mato Grosso .....	327,92	4 727,42	34,95	165,66	1 041,00
Goiás .....	303,61	5 724,62	27,77	186,94	1 016,49
Distrito Federal .....	360,33	6 287,72	44,83	187,66	1 087,54

### 3 – QUADRO DEMONSTRATIVO DAS VARIAÇÕES PERCENTUAIS NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO, COM VARIAÇÕES MÁXIMAS E MÍNIMAS, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES

Mês de referência: junho-89

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	Mensal	No ano	Em doze meses
NORTE.....	38,41	157,10	931,48
Amazonas – variação máxima.....	43,09		
Roraima – variação máxima.....		189,69	
Amapá – variação máxima.....			1 014,70
Amapá – variação mínima.....	27,73		
Rondônia – variação mínima.....		114,16	
Roraima – variação mínima.....			897,56
NORDESTE.....	35,57	164,44	985,87
Ceará – variação máxima.....	37,76	186,64	
Sergipe – variação máxima.....			1 158,96
Alagoas – variação mínima.....	26,04		
Rio Grande do Norte – variação mínima.....		137,66	
Piauí – variação mínima.....			901,49
SUDESTE.....	45,08	184,00	1 022,71
São Paulo – variação máxima.....	47,60	196,54	1 058,39
Espirito Santo – variação mínima.....	33,74		
Rio de Janeiro – variação mínima.....		153,97	910,68
SUL.....	50,14	191,26	1 099,91
Paraná – variação máxima.....	53,51	202,26	
Santa Catarina – variação máxima.....			1 222,95
Rio Grande do Sul – variação mínima.....	47,67	177,08	1 051,95
CENTRO-OESTE.....	39,65	187,64	1 060,12
Mato Grosso do Sul – variação máxima.....	45,50	213,30	
Distrito Federal – variação máxima.....			1 087,54
Goiás – variação mínima.....	27,77		1 016,49
Mato Grosso – variação mínima.....		165,66	

#### 4 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1989

Mês de referência: junho-89

(continua)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS			
	R1 - 2Q (46)	R1 - 2Q (40)	R1 - 2Q (62)	R1 - 3Q (104)
Rondônia.....	448,12	492,88	415,79	325,00
Acre.....	447,44	494,54	405,00	315,89
Amazonas.....	537,26	590,96	494,21	384,00
Roraima.....	613,81	670,07	584,33	456,27
Pará.....	504,49	552,29	474,28	364,99
Amapá.....	553,51	606,60	513,28	398,68
Maranhão.....	466,05	510,95	437,80	342,15
Piauí.....	418,80	459,92	384,65	302,18
Ceará.....	490,51	539,36	455,68	356,88
Rio Grande do Norte.....	456,37	499,46	430,56	336,47
Paraíba.....	441,34	482,06	417,37	328,62
Pernambuco.....	419,99	460,19	393,78	313,58
Alagoas.....	441,35	483,80	415,01	327,72
Sergipe.....	498,72	545,62	478,37	371,21
Bahia.....	448,41	489,83	423,80	332,20
Minas Gerais.....	455,01	500,04	424,36	334,84
Espírito Santo.....	480,19	529,03	446,13	352,56
Rio de Janeiro.....	511,02	560,75	476,82	377,31
São Paulo.....	564,26	617,04	535,82	421,97
Paraná.....	558,50	612,27	530,06	416,12
Santa Catarina.....	536,27	586,42	504,97	398,72
Rio Grande do Sul.....	528,76	581,04	492,43	389,61
Mato Grosso do Sul.....	473,19	518,37	442,63	350,08
Mato Grosso.....	411,54	450,85	383,76	302,98
Goiás.....	405,28	444,77	376,59	297,46
Distrito Federal.....	493,94	545,69	452,39	354,56

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS					
	R1 - 4Q (122)	R1 - 1Q (30)	R2 - 3Q (56)	R2 - 2Q (81)	R5 - 2QT (2 125)	R4 - 2QT (1 433)
Rondônia.....	303,53	576,01	356,11	319,42	269,53	313,25
Acre.....	294,38	580,90	348,03	305,65	266,61	302,08
Amazonas.....	359,19	691,65	425,44	381,50	320,29	370,65
Roraima.....	431,21	775,31	499,67	447,11	372,31	452,41
Pará.....	343,34	636,39	405,19	354,53	304,39	362,89
Amapá.....	374,01	708,19	448,81	398,83	367,41	421,25
Maranhão.....	322,44	584,20	375,35	334,36	285,95	339,66
Piauí.....	283,66	532,52	329,54	295,53	261,29	298,99
Ceará.....	336,32	618,21	392,81	353,20	314,23	360,52
Rio Grande do Norte.....	319,38	568,15	374,03	333,34	303,12	355,44
Paraíba.....	311,68	550,14	357,72	319,47	286,26	341,49
Pernambuco.....	295,89	528,19	336,05	302,59	270,56	317,21
Alagoas.....	309,40	556,27	353,36	316,81	289,73	320,08
Sergipe.....	352,21	617,28	413,00	360,33	320,58	388,47
Bahia.....	315,58	557,76	364,69	319,40	287,57	341,91
Minas Gerais.....	316,30	568,57	366,13	329,47	280,90	331,70
Espírito Santo.....	333,16	603,21	383,19	349,20	285,47	334,97
Rio de Janeiro.....	357,23	635,96	405,35	363,56	315,03	367,06
São Paulo.....	401,97	692,80	460,82	410,64	354,69	429,59
Paraná.....	395,60	685,91	454,99	403,31	348,96	423,88
Santa Catarina.....	379,57	658,57	434,42	386,91	347,94	411,15
Rio Grande do Sul.....	369,70	654,93	419,40	375,51	332,32	382,10
Mato Grosso do Sul.....	331,88	585,54	380,27	341,94	296,27	348,53
Mato Grosso.....	285,80	513,70	334,09	303,60	280,92	324,57
Goiás.....	281,15	509,09	327,81	294,25	259,72	303,06
Distrito Federal.....	334,18	628,74	394,98	352,94	303,53	347,62



## 4 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1989

Mês de referência: junho-89

(conclusão)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R4 - 3QT (2 264)	R4 - 2QP (1 643)	R4 - 3QP (2 520)	R6 - 3QP (7 181)	R8 - 2QP (2 620)
Rondônia.....	271,38	276,55	245,15	216,58	297,11
Acre.....	262,67	262,85	236,23	207,22	283,26
Amazonas.....	321,67	326,27	290,01	260,62	349,92
Roraima.....	388,67	397,90	349,74	307,63	428,77
Pará.....	304,12	315,56	271,25	231,14	341,46
Amapá.....	362,00	369,38	325,96	287,42	398,74
Maranhão.....	294,34	299,39	265,51	234,07	321,21
Piauí.....	258,43	260,22	231,11	203,44	280,82
Ceará.....	312,17	316,11	280,46	247,98	340,39
Rio Grande do Norte.....	304,56	310,70	272,85	238,89	336,10
Paraíba.....	296,02	299,48	266,06	235,79	322,34
Pernambuco.....	275,53	279,51	248,15	219,33	299,98
Alagoas.....	276,71	280,97	248,23	219,03	302,35
Sergipe.....	327,72	342,09	293,99	250,73	368,97
Bahia.....	292,22	298,66	261,48	228,72	322,37
Minas Gerais.....	287,19	289,89	257,64	227,74	312,45
Espírito Santo.....	291,85	294,84	262,72	230,60	317,48
Rio de Janeiro.....	318,33	322,19	286,29	252,96	345,81
São Paulo.....	371,27	377,78	334,50	294,78	405,97
Paraná.....	364,33	372,77	328,20	284,16	400,98
Santa Catarina.....	357,17	361,33	321,92	283,36	388,15
Rio Grande do Sul.....	333,39	332,60	298,54	266,35	358,02
Mato Grosso do Sul.....	303,73	306,10	273,78	241,34	328,88
Mato Grosso.....	284,85	285,67	257,15	229,32	307,33
Goias.....	264,06	266,05	237,86	208,79	286,80
Distrito Federal.....	301,82	304,36	271,37	240,39	328,45

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS					
	R8 - 3QP (4 266)	R8 - 3QP (3 176)	R12 - 2QP (3 597)	R12 - 3QP (6 013)	R12 - 4QP (4 050)	R18 - 4QP (5 870)
Rondônia.....	252,77	242,88	310,62	257,75	235,92	235,41
Acre.....	242,49	233,84	296,02	246,65	227,77	226,93
Amazonas.....	298,06	287,43	365,38	303,44	278,38	278,01
Roraima.....	361,56	348,96	447,85	368,66	342,08	342,13
Pará.....	280,80	264,87	356,49	286,24	259,54	259,93
Amapá.....	336,85	322,48	417,11	343,58	315,69	315,19
Maranhão.....	273,72	263,68	336,38	278,98	255,23	254,81
Piauí.....	238,52	228,99	293,66	243,15	221,32	221,24
Ceará.....	290,33	280,82	356,23	296,48	272,57	271,94
Rio Grande do Norte.....	283,36	274,71	351,82	289,55	267,69	267,90
Paraíba.....	274,51	265,62	336,74	279,79	258,84	258,61
Pernambuco.....	255,68	247,32	313,33	260,56	240,13	239,57
Alagoas.....	256,38	248,07	315,75	261,38	241,04	240,92
Sergipe.....	304,66	285,79	385,15	310,84	278,09	278,90
Bahia.....	270,39	260,11	336,79	275,73	253,36	253,57
Minas Gerais.....	265,60	254,85	326,47	270,60	247,45	247,49
Espírito Santo.....	271,84	262,39	332,28	277,61	253,58	253,11
Rio de Janeiro.....	294,75	284,18	361,22	300,33	275,54	274,72
São Paulo.....	344,50	331,87	423,62	350,80	323,42	323,24
Paraná.....	338,40	321,38	418,40	344,69	313,84	313,73
Santa Catarina.....	331,70	321,57	405,44	337,99	312,18	311,39
Rio Grande do Sul.....	307,84	299,32	374,29	313,75	291,00	290,41
Mato Grosso do Sul.....	282,15	273,20	343,56	287,52	265,59	264,91
Mato Grosso.....	265,87	259,27	321,69	271,44	249,64	249,12
Goias.....	245,90	239,05	300,09	250,95	231,14	230,67
Distrito Federal.....	280,46	270,07	343,83	286,21	263,24	262,83

5 – CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO MÍNIMO DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1989

Mês de referência: junho-89

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS						
	R1 – 2Q (46)	R1 – 2Q (40)	R1 – 2Q (62)	R1 – 1Q (30)	R2 – 3Q (56)	R2 – 2Q (81)	R5 – 2QT (2 125)
Rondônia .....	241,45	252,18	234,40	300,94	191,70	183,33	186,53
Acre .....	239,37	252,81	228,07	294,82	189,08	177,16	177,65
Amazonas .....	269,69	280,61	261,15	334,42	216,00	205,20	212,07
Roraima .....	317,93	325,46	317,69	392,55	256,70	246,33	242,05
Pará .....	278,75	287,79	271,04	346,80	215,94	200,79	196,95
Amapá .....	320,40	337,24	306,81	400,95	257,93	239,92	251,55
Maranhão .....	247,91	255,54	243,24	303,26	197,31	188,72	192,45
Piauí .....	232,35	244,63	221,23	285,63	178,47	166,31	165,85
Ceará .....	276,97	289,82	266,39	340,57	219,86	206,96	216,85
Rio Grande do Norte .....	255,07	263,62	248,86	312,54	204,29	191,38	199,70
Paraíba .....	251,99	260,64	246,42	308,52	199,62	188,88	190,45
Pernambuco .....	241,60	252,39	234,12	297,48	189,64	179,96	181,68
Alagoas .....	236,52	245,14	231,66	290,96	185,94	176,35	173,76
Sergipe .....	271,59	276,19	268,37	342,03	214,67	203,45	210,26
Bahia .....	258,30	266,19	251,46	318,73	203,07	188,66	190,13
Minas Gerais .....	249,91	260,31	240,60	308,03	195,66	184,38	181,39
Espírito Santo .....	257,16	269,01	249,25	317,97	202,29	195,21	192,51
Rio de Janeiro .....	300,68	314,10	290,35	368,01	231,98	220,46	215,72
São Paulo .....	325,78	335,69	320,37	398,47	256,82	244,58	239,20
Paraná .....	325,83	336,90	319,99	399,12	255,25	241,28	236,13
Santa Catarina .....	320,35	332,20	311,18	389,60	251,30	237,77	239,07
Rio Grande do Sul .....	317,13	333,40	305,38	382,56	246,70	229,62	227,56
Mato Grosso do Sul .....	270,30	281,29	262,33	328,42	211,92	201,20	200,18
Mato Grosso .....	230,24	240,19	223,58	277,92	185,92	178,06	190,18
Goiás .....	219,06	228,34	212,36	267,61	176,05	166,92	171,66
Distrito Federal .....	263,98	278,45	253,32	326,47	211,87	197,29	206,09

## 6 - VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Mês de referência: junho-89

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL .....	32,43	49,33	32,43	30,26	45,00
Porto Velho .....	0,00	0,00	15,22	0,00	0,00
Rio Branco .....	43,90	39,58	25,00	12,20	37,21
Manaus .....	14,81	18,52	10,71	16,36	10,34
Boa Vista .....	55,56	20,69	20,69	20,69	20,69
Belém .....	5,17	5,17	5,17	5,17	5,17
Macapá .....	6,67	7,79	0,00	0,00	0,00
São Luís .....	3,92	3,92	0,00	3,92	9,80
Teresina .....	10,00	10,87	10,87	10,87	10,87
Fortaleza .....	25,49	20,75	25,49	25,49	25,45
Natal .....	28,26	36,96	28,26	28,26	45,65
João Pessoa .....	76,47	76,36	22,00	64,71	76,47
Recife .....	43,75	43,75	43,75	43,75	43,75
Maceió .....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Aracaju .....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Salvador .....	21,67	26,15	33,33	26,67	26,15
Belo Horizonte .....	51,56	31,25	42,65	27,94	31,25
Vitória .....	15,15	8,75	13,24	15,15	10,61
Rio de Janeiro .....	24,05	23,17	24,10	24,05	22,89
São Paulo .....	33,72	82,35	36,47	33,33	65,31
Curitiba .....	46,34	54,76	41,18	50,00	48,89
Florianópolis .....	40,43	34,95	38,95	35,71	44,68
Porto Alegre .....	47,62	47,62	48,65	49,40	72,50
Campo Grande .....	48,21	31,75	66,13	38,98	44,29
Cuiabá .....	16,07	10,17	9,26	39,29	6,78
Goiânia .....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Brasília .....	33,82	33,82	33,82	33,82	28,17

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Ladriheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL .....	29,63	33,47	29,33	38,67	28,00
Porto Velho .....	0,00	34,31	11,11	0,00	2,70
Rio Branco .....	35,29	0,00	29,17	30,65	28,21
Manaus .....	9,09	3,13	23,64	17,86	10,81
Boa Vista .....	14,08	11,72	14,08	36,25	33,33
Belém .....	5,17	12,50	5,17	5,17	5,00
Macapá .....	3,23	11,29	0,00	0,00	0,00
São Luís .....	0,00	31,78	3,92	3,92	0,00
Teresina .....	10,87	12,09	0,00	13,64	2,78
Fortaleza .....	25,49	0,00	33,33	25,49	16,22
Natal .....	28,26	26,40	28,26	28,26	0,00
João Pessoa .....	76,36	76,36	75,00	76,47	54,05
Recife .....	43,75	44,88	43,75	43,75	48,65
Maceió .....	0,00	5,74	0,00	0,00	0,00
Aracaju .....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Salvador .....	8,33	5,94	21,67	21,67	0,00
Belo Horizonte .....	31,25	29,67	25,00	46,97	20,45
Vitória .....	9,86	22,22	15,15	15,15	27,91
Rio de Janeiro .....	27,16	13,99	24,05	25,32	21,57
São Paulo .....	37,86	46,37	31,11	50,00	31,67
Curitiba .....	46,34	60,31	50,00	57,83	50,00
Florianópolis .....	24,78	18,69	38,95	33,66	41,82
Porto Alegre .....	18,92	23,33	50,68	54,76	77,78
Campo Grande .....	51,90	27,42	31,75	23,88	46,67
Cuiabá .....	0,00	47,69	33,33	16,07	8,11
Goiânia .....	0,00	8,78	0,00	0,00	0,00
Brasília .....	33,82	27,44	33,82	33,82	34,09

**7 – SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS,  
SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS**

Mês de referência: junho-89

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL .....	0,98	1,12	0,98	0,99	1,16
Porto Velho .....	0,47	0,47	0,53	0,45	0,50
Rio Branco .....	0,59	0,67	0,60	0,46	0,59
Manaus .....	0,62	0,64	0,62	0,64	0,64
Boa Vista .....	0,98	0,70	0,70	0,70	0,70
Belém .....	0,61	0,61	0,61	0,61	0,61
Macapá .....	0,96	0,83	0,93	0,93	0,90
São Luís .....	0,53	0,53	0,51	0,53	0,56
Teresina .....	0,55	0,51	0,51	0,51	0,51
Fortaleza .....	0,64	0,64	0,64	0,64	0,69
Natal .....	0,59	0,63	0,59	0,59	0,67
João Pessoa .....	0,90	0,97	0,61	0,84	0,90
Recife .....	0,69	0,69	0,69	0,69	0,69
Maceió .....	0,60	0,85	0,63	0,63	0,85
Aracaju .....	0,58	0,58	0,58	0,58	0,59
Salvador .....	0,73	0,82	0,80	0,76	0,82
Belo Horizonte .....	0,97	0,84	0,97	0,87	0,84
Vitória .....	0,76	0,87	0,77	0,76	0,73
Rio de Janeiro .....	0,98	1,01	1,03	0,98	1,02
São Paulo .....	1,15	1,55	1,16	1,20	1,62
Curitiba .....	1,20	1,30	1,20	1,20	1,34
Florianópolis .....	1,32	1,39	1,32	1,33	1,36
Porto Alegre .....	1,24	1,24	1,10	1,24	1,38
Campo Grande .....	0,83	0,83	1,03	0,82	0,01
Cuiabá .....	0,65	0,65	0,59	0,78	0,63
Goiânia .....	0,72	0,72	0,72	0,72	0,72
Brasília .....	0,91	0,91	0,91	0,91	0,91

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Ledrilheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL .....	1,05	3,31	0,97	1,04	0,64
Porto Velho .....	0,50	1,37	0,50	0,47	0,38
Rio Branco .....	0,46	1,80	0,62	0,81	0,50
Manaus .....	0,60	1,65	0,68	0,66	0,41
Boa Vista .....	0,81	1,62	0,81	1,09	0,52
Belém .....	0,61	1,53	0,61	0,81	0,42
Macapá .....	0,96	1,38	0,96	0,93	0,68
São Luís .....	0,51	1,41	0,53	0,53	0,37
Teresina .....	0,51	1,02	0,50	0,50	0,37
Fortaleza .....	0,64	1,27	0,68	0,64	0,43
Natal .....	0,59	1,58	0,59	0,59	0,37
João Pessoa .....	0,97	1,94	0,84	0,90	0,57
Recife .....	0,69	2,97	0,69	0,69	0,55
Maceió .....	0,63	1,29	0,60	0,60	0,39
Aracaju .....	0,58	1,59	0,58	0,58	0,38
Salvador .....	0,78	2,14	0,73	0,73	0,37
Belo Horizonte .....	0,84	2,36	0,85	0,97	0,53
Vitória .....	0,78	2,20	0,76	0,76	0,55
Rio de Janeiro .....	1,03	3,34	0,98	0,99	0,62
São Paulo .....	1,42	5,24	1,18	1,29	0,79
Curitiba .....	1,20	2,10	1,20	1,31	0,87
Florianópolis .....	1,41	2,35	1,32	1,35	0,78
Porto Alegre .....	0,88	1,85	1,10	1,30	0,80
Campo Grande .....	1,20	2,37	0,83	0,83	0,66
Cuiabá .....	0,56	1,92	0,72	0,65	0,40
Goiânia .....	0,72	2,23	0,72	0,72	0,39
Brasília .....	0,91	3,53	0,91	0,91	0,59

# ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

---

## PRODUÇÃO DAS LAVOURAS EM JULHO E DA PRODUÇÃO ANIMAL EM JUNHO DE 1989

---

### Lavouras

#### Situação de julho em relação a junho

Em relação aos dados divulgados no mês anterior, a situação da produção das lavouras em julho apresentou poucas modificações, com apenas cinco produtos merecendo comentários: arroz, com variação positiva na produção de 1,01%; a cana-de-açúcar, com 2,12%; a cebola com 4,54%; a mamona, com 14,29% e o trigo, único dos produtos com decréscimo na estimativa de produção, de 1,65%.

As estimativas mais favoráveis para o arroz deveram-se à verificação, já no encerramento das colheitas, de excelentes níveis de produtividade ou rendimento médios obtidos, tanto nos cultivos irrigados do Rio Grande do Sul quanto nos de sequeiro do Centro-Oeste brasileiro.

O acréscimo nas estimativas de produção da cana-de-açúcar, por outro lado, se deve, em sua totalidade, aos resultados do último levantamento realizado pelo IBGE em São

Paulo, com significativos aumentos na área e na produção esperada.

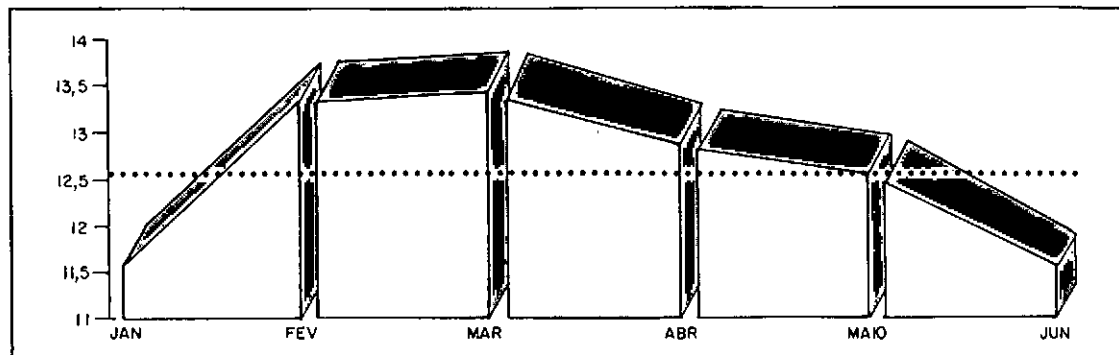
### PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR (Junho/julho-89) São Paulo

MESES	ÁREA	QUANTIDADE
Junho.....	1 583 254	126 718 140
Julho.....	1 633 880	131 705 167

As estimativas da produção de cana-de-açúcar, aliás, devem ainda sofrer variações bem acentuadas ao longo do ano, em vista do quadro de indefinições que cerca a atividade álcool-açucareira no país. De um lado, os fornecedores da matéria-prima que alegam defasagem nos preços ao redor de 35%; de outro, as usinas produtoras de álcool que reivindicam ao redor de 30% de reposição nos preços de álcool (Gráfico 1). Para conturbar mais o quadro, a safra nordestina que se inicia normalmente em setembro — está virtualmente dependente das cotações de preço do açúcar no mercado internacional, tradicionalmente um mercado disputado e sujeito a rápidas inversões de tendência. Observe-se que os atuais dados não incluem a produção de Alagoas.

Quanto à cebola, terceiro produto a apresentar modificações significativas na pro-

GRÁFICO 1  
 CANA-DE-AÇÚCAR  
 PREÇO REAL JANEIRO/JUNHO — 1989  
 (Base: junho-89)  
 Brasil



Média.....

FONTE — Fundação Getúlio Vargas, Preços Recebidos, IGP/DI

dução de julho (maior área plantada e a produção obtida), há problemas localizados de comercialização, especialmente no Estado de São Paulo, com deterioração sensível dos preços recebidos pelos produtores.

O mesmo quadro pode se configurar para a mamona, cuja produção dinamizada pelo programa de incentivo à cultura lançado recentemente pelo governo, talvez sofra forte concorrência, no parque moageiro, das milhares de toneladas de soja obtidas no corrente ano. Mas é ainda prematura qualquer opinião sobre o cultivo, já que as regiões do sertão pernambucano e de Irecê na Bahia, maiores responsáveis pelo acréscimo nas estimativas de produção, estão apenas iniciando a colheita do produto.

O levantamento sistemático da produção agrícola relativo ao mês de julho prevê, ainda, uma queda na produção do trigo devido, basicamente, às condições climáticas desfavoráveis ocorridas em áreas paranaenses. Fortes geadas no norte e oeste do estado afetaram lavouras já em estágio de espigamento, notadamente na região de Campo Mourão. Espera-se que, com o desenrolar da colheita, poucas modificações possam ocorrer nas atuais estimativas.

#### Situação das lavouras em relação à produção obtida em 1988

Em relação à produção obtida em 1988, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA — de julho apresenta, como fato positivo, estimativas de crescimento na produção para mais dois produtos: cebola e mamona. Assim, seis produtos (contra quatro nas estimativas de junho) apre-

sentam crescimento na produção: cebola (3,93%); fumo (8,39%), mamona (2,30%), mandioca (7,78%), milho (6,85%) e soja (32,22%).

Os demais produtos apresentam decréscimos: algodão herbáceo (24,90%), amendoim — 1ª safra (10,08%), arroz (5,99%), batata-inglesa — 1ª safra (21,85%), cana-de-açúcar (0,24%), feijão — 1ª safra (32,57%), tomate (0,80%) e trigo (9,73%).

Dos produtos com crescimento na produção e já em período de comercialização ou desenvolvimento da safra, devem ser destacados o milho, soja e trigo.

O primeiro por ter claramente alcançado um novo patamar de produção em três anos consecutivos, superior a vinte quatro milhões de toneladas; o segundo e o terceiro por apresentarem problemas específicos na comercialização da corrente safra que certamente afetarão a renda agrícola e as intenções de plantio das safras subsequentes.

A comercialização de soja vem transcorrendo de forma lenta, refletindo até certo ponto expectativas e perplexidade dos produtores quanto ao comportamento dos preços internacionais. O recente relatório de safra divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (U.S.D.A.), apontando a recuperação da safra norte-americana, influencia as cotações internacionais para baixo, apesar da demanda continuar a ser expressiva nos mercados. O volume de soja colhida no Brasil, e ainda não comercializado, pode se transformar então num problema sério para o setor produtivo do país.

Similarmente, o trigo vem enfrentando problemas em sua comercialização, se bem que devido a fatores de ordem interna. As pressões do crédito rural (comercialização) sobre o orçamento geral da União têm sido consideradas inaceitáveis pelo governo que sugere a privatização da comercialização, com a aquisição do grão pelos atacadistas e industriais. Estes por sua vez estimam a sua capacidade de compra do produto em apenas 20% da produção. O quadro se agrava mais ainda com as periódicas importações de produto calcadas em acordos internacionais, aumentando a oferta interna e forçando os preços para baixo (Gráfico 2).

Apesar de todas as dificuldades, o total da produção dos cereais, leguminosas e oleaginosas mais importantes para o país continua sendo recorde, com cerca de 71,5 milhões de toneladas contra 65,8 milhões, obtidos em 1988.

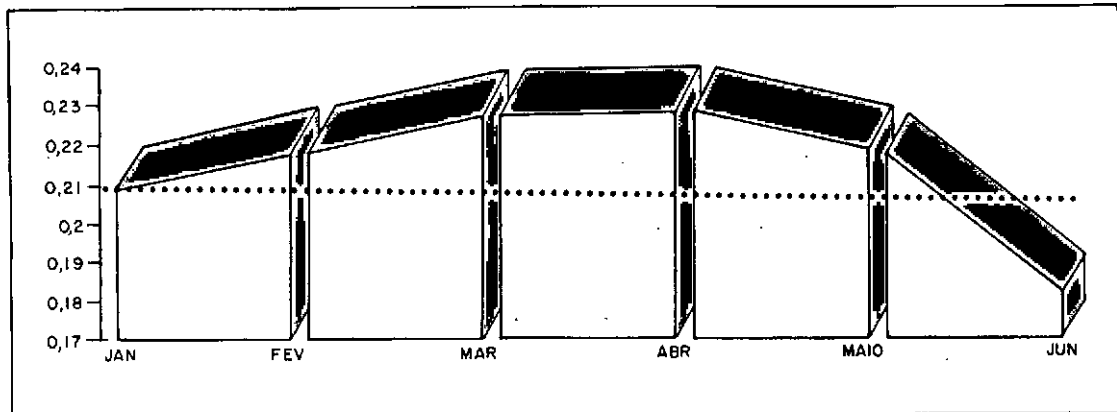
**Produção animal**

Os resultados da pesquisa de abate de animais e produção de leite relativos a junho permitem um balanço nada satisfatório para o desempenho do subsetor no primeiro semestre. Com efeito, os números obtidos em junho, à exceção de frangos de corte, mostraram-se cadentes de modo generalizado, para os principais produtos de origem animal, confirmando a tendência declinante de alguns produtos (carne suína e leite) já

explicita no início do período e, até mesmo, acentuando-a para a carne bovina e leite.

Considerando a fase de safra, a alta de preços dos produtos animais verificada no primeiro semestre (safra), pode ser considerada algo inusitado, já que, em razão da maior oferta de carne bovina (produto que em geral lidera o movimento de preços das carnes e dos ovos), os preços declinam no período. A explicação para o fato está nos níveis de preços tremendamente baixos que prevaleceram no âmbito da pecuária no biênio 1987-88, após o malogro do Plano Cruzado. De certo modo, pode-se apontar também o Plano Verão como agente causal do fenômeno, já que lançado em janeiro e semelhantemente ao ocorrido em 1986, desencadeou um processo de majoração dos preços dos animais de reposição (bezerro e boi magro) que induziram os invernistas a um movimento de resistência às medidas de congelamento, no que, por idênticas razões, foram seguidos por suinocultores e avicultores. Os dados constantes na Tabela A, ratificam as assertivas ao revelar que, em 1988, os preços médios do bezerro, boi magro, boi gordo, frango, ovos e leite foram respectivamente, 60,5%, 54,0%, 37,9%, 44,5%, 37,2%, 33,0% e 14,7%, menores do que em 1986. Ressalte-se também que os níveis de preços de 1988 foram os mais baixos dos últimos cinco anos, fato que além de ser responsável pela intensificação do abate de matrizes bovinas, levou outros criadores a diminuir o plantel de ani-

GRÁFICO 2  
TRIGO EM GRÃO  
PREÇO REAL JANEIRO/JUNHO – 1989  
(Base: junho-89)  
Brasil



Média .....

mais de reprodução (suinocultores) ou a produção de pintos (avicultores) (Tabela A). No caso do leite, o fato de se constituir no único produto cujos preços são realmente controlados pelo governo, explica o pequeno diferencial constatado no período. Não surpreende, pois, a forte majoração dos preços observada no primeiro semestre de 1989, mesmo num contexto de aviltamento do poder de compra das classes assalariadas do país. Os produtos que acusaram maiores altas no período do Plano Verão, foram os que em janeiro situavam-se em patamares mais baixos, como o bezerro (alta de 113,3%), boi magro (88,1%); ou os que tinham mais facilidade de burlar o congelamento, como ovos (alta de 120,0%); ou ainda aqueles que tiveram sua oferta nitidamente reduzida, como suínos (alta de 95,1%) (Tabela A).

Particularmente, o fluxo de bovinos para os matadouros em junho se assemelhou ao do mês anterior, dando prosseguimento ao processo de retenção de matrizes, cujo abate caiu 13,0% em relação ao mesmo período de 1988. A tendência de queda no sacrifício de matrizes iniciada em abril, deriva precipuamente de dois fatos: 1) o aumento nítido dos preços dos produtos pecuários, notadamente dos animais de reposição, o que pode estar a sinalizar uma entrada no ramo ascendente do ciclo pecuário; 2) a necessidade evidente de recomposição do rebanho, em face da escassez de matrizes, derivada da intensa matança desde maio de 1987. No que concerne à oferta de carne, o balanço do semestre revela um total de 1,39 milhão de t de carcaças, correspondendo a menos 1,1% em relação à performance semestral de 1988 (Tabela B).

A — PREÇOS REAIS<sup>1</sup> RECEBIDOS PELOS PRODUTOS DE BEZERRO, BOI MAGRO, BOI GORDO, SUÍNO, LEITE E OVOS — 1984-87 (MÉDIAS ANUAIS), 1988 (MÉDIA ANUAL E DO PRIMEIRO SEMESTRE) E 1989 (JANEIRO, JUNHO E MÉDIA DO PRIMEIRO SEMESTRE)  
Brasil

ITEM	PREÇOS REAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES								
	1984	1985	1986	1987	1988 (médias)		1989 (média)		
	(média)	(média)	(média)	(média)	Anual	1º semestre	Janeiro	Junho	1º semestre
Bezerro (NCz\$/cab)	167,49	165,73	233,29	175,74	92,05	92,38	99,16	211,52	151,42
Boi magro (NCz\$/cab)	319,19	306,23	425,42	340,86	195,76	188,50	209,83	394,65	292,01
Boi gordo (NCz\$/arroba)	40,39	34,47	42,12	38,38	26,16	23,13	27,77	44,65	32,47
Suíno (NCz\$/arroba)	28,54	25,42	28,81	18,33	15,98	14,76	20,20	39,41	27,99
Frango (NCz\$/kg)	1,80	1,55	1,80	1,41	1,13	1,06	1,23	2,06	1,60
Leite (NCz\$/litro)	0,37	0,35	0,34	0,40	0,29	0,30	0,28	0,28	0,30
Ovos (NCz\$/dúzia)	1,20	0,90	1,06	0,83	0,71	0,71	0,70	1,54	1,04

FONTES — Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Agrícolas.

1 — Corrigidos pelo Índice Geral de Preços — IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para junho de 1989.

B — ABATE DE BOVINOS, SEGUNDO PERÍODOS  
(Janeiro a junho e junho — 1988-89)

PERÍODOS	ABATE DE BOVINOS											
	Total			Bois			Vacas			Vitelos		
	1988	1989	Variação (%)	1988	1989	Variação (%)	1988	1989	Variação (%)	1988	1989	Variação (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)												
Janeiro/junho .....	6 641	6 716	1,1	4 126	4 115	- 0,3	2 496	2 582	3,5	19	19	0,0
Junho.....	1 168	1 152	- 1,4	716	760	6,2	448	390	- 13,0	4	2	50,0
Peso das carcaças (1 000 t)												
Janeiro/junho .....	1 401,1	1 386,1	- 1,1	966,7	942,1	- 2,6	433,0	443,4	2,20	1,42	1,59	11,6
Junho.....	244,4	241,6	- 1,2	166,3	175,1	5,3	77,9	86,3	- 14,90	0,26	0,21	- 17,8



Quanto ao volume de leite recebido pelas indústrias, os resultados de junho assinalam a maior queda do ano (- 11,5%), fazendo subir em um ponto percentual o decréscimo acumulado do semestre (Tabela C). Esse desempenho insatisfatório da pecuária leiteira, decorre dos baixos níveis de preços estabelecidos pelo governo para o produto. De fato, o leite de vaca foi o produto de origem animal que apresentou a menor variação no período 1984-89. Ainda assim, a média de 1987, quando o governo temporariamente e para evitar maiores despesas com a importação de produtos lácteos, concedeu reajustes mais estimulantes à atividade (Tabela A) foi bem baixa.

**C – PRODUÇÃO DE LEITE DESTINADO ÀS INDÚSTRIAS**  
(Janeiro a junho e junho – 1988-89)

PERÍODOS	PRODUÇÃO DE LEITE (1 000 l)			Var. (%)
	Total			
	1988	1989		
Janeiro/junho ..	4 762 779	4 496 814	- 5,6	
Junho .....	665 396	588 627	- 11,5	

No que concerne à suinocultura, o envio de animais para abate em junho revelou um certo abrandamento na forte tendência declinante (na casa de 20% desde outubro do ano passado), ao registrar um decréscimo de 15,2%. No acumulado do semestre, porém, a oferta de carne suína apresentou um déficit de 18,9% (Tabela D), em relação ao mesmo período de 1988, configurando perspectivas pouco favoráveis para o restante do exercício. A forte recuperação de preços verificada no primeiro semestre pode estar indicando, porém, a retomada da produção a médio prazo.

Embora sem nenhum destaque de vulto (o número de animais abatidos decresceu no semestre), o desempenho dos criatórios avícolas foi o único a aumentar a produção em termos de carcaça. Em junho, alcançou 120,2 mil t, representando um acréscimo de 2,4% em relação ao mesmo mês de 1988. O aumento relativo dos preços de frango (67,5%) foi o menor dos produtos pecuários, mas a flexibilidade estrutural dos

criatórios permitiu a retomada da produção para suprir o aumento da demanda no semestre, derivada da alta mais acentuada dos preços das carnes bovina e suína nos centros urbanos. No acumulado do semestre, a oferta de carne avícola equivaleu a 666,6 mil t, 2,2% a mais do que o mesmo período de 1988 (Tabela E).

**D – ABATE DE SUÍNOS**  
(Janeiro a junho e junho – 1988-89)  
Brasil

PERÍODOS	ABATE DE SUÍNOS		
	1988	1989	Variação (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)			
Janeiro/junho .....	5 370	4 386	- 18,3
Junho .....	942	799	- 15,2
Peso das carcaças (t)			
Janeiro/junho .....	354 528	287 449	- 18,9
Junho .....	62 809	54 217	- 13,7

**E – ABATE DE AVES**  
(Janeiro a junho e junho – 1988-89)  
Brasil

PERÍODOS	ABATE DE AVES		
	1988	1989	Variação (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)			
Janeiro/junho .....	402 370	404 704	- 0,4
Junho .....	72 149	71 096	- 1,5
Peso das carcaças (t)			
Janeiro/junho .....	652 308	666 557	2,2
Junho .....	117 354	120 197	2,4

**Produto real da agricultura**

Com as informações disponíveis até esta data estima-se um crescimento do produto real da agropecuária em 1989, da ordem de 1,02%, em relação a 1988. Contribuem para este resultado um crescimento das lavouras de 3,85% e um decréscimo de 3,40% para a produção animal.

1 — ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO — CONFRONTO  
DAS ESTIMATIVAS JUNHO/JULHO  
Brasil

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Junho	Julho	Variação (%)
Total .....	43 783 633	43 890 468	0,24
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 542 532	1 535 927	- 0,43
Amendoim (em casca) 1.ª safra .....	62 032	62 040	0,01
Arroz (em casca) .....	5 278 403	5 272 919	0,10
Batata-inglesa — 1.ª safra.....	88 709	88 013	- 0,78
Cana-de-açúcar.....	(1) 3 513 747	(1) 3 564 194	1,44
Cebola.....	71 551	74 169	3,66
Feijão (em grão) 1.ª safra .....	2 672 829	2 675 420	0,10
Fumo (em folha) .....	277 981	278 363	0,14
Mamona .....	226 533	259 595	14,59
Mandioca.....	(1) 1 798 751	(1) 1 797 423	- 0,07
Milho (em grão) .....	12 902 621	12 889 574	- 0,10
Soja (em grão).....	12 237 641	12 225 416	- 0,10
Tomate.....	63 143	64 590	2,29
Trigo (em grão).....	3 047 160	3 102 825	1,83

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Junho	Julho	Variação (%)	Junho	Julho	Variação (%)
Total .....	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 826 642	1 829 166	0,14	1 184	1 191	0,59
Amendoim (em casca) 1.ª safra .....	116 145	116 190	0,04	1 872	1 873	0,05
Arroz (em casca) .....	10 987 877	11 099 124	1,01	2 082	2 105	1,10
Batata-inglesa — 1.ª safra.....	1 102 847	1 096 252	- 0,60	12 432	12 456	0,19
Cana-de-açúcar.....	234 705 832	239 678 677	2,12	66 796	67 246	0,67
Cebola.....	751 115	785 243	4,54	10 498	10 587	0,85
Feijão (em grão) 1.ª safra .....	1 156 800	1 154 168	- 0,23	433	431	- 0,46
Fumo (em folha) .....	444 033	444 926	0,20	1 597	1 598	0,06
Mamona .....	130 216	148 820	14,29	575	573	- 0,35
Mandioca.....	22 725 399	22 718 363	- 0,03	12 634	12 639	0,04
Milho (em grão) .....	26 282 313	26 444 683	0,62	2 037	2 052	0,74
Soja (em grão).....	23 812 467	23 826 825	0,06	1 946	1 949	0,15
Tomate.....	2 390 137	2 387 438	- 0,11	37 853	36 963	- 2,35
Trigo (em grão).....	5 161 141	5 076 123	- 1,65	1 694	1 636	- 3,42

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).

NOTA — Além das Unidades da Federação que ainda não forneceram a 1.ª estimativa para a safra de 1989, foram excluídas aquelas que passaram a informar em julho para fins de comparação como segue: cana-de-açúcar (Amazonas, Alagoas); fumo (Bahia); mandioca (Amazonas); trigo (Santa Catarina). (1) Área destinada à colheita.

2 — ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO — CONFRONTO  
DAS SAFRAS/88 E DAS ESTIMATIVAS PARA 1989  
Brasil

Julho/89

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra/88)	Plantada (safra/89)	Variação (%)
Total .....	44 682 093	44 046 888	- 1,42
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 823 208	1 535 927	- 15,76
Amendoim (em casca) 1.ª safra.....	71 672	62 040	- 13,44
Arroz (em casca) .....	5 960 984	5 272 919	- 11,54
Batata-inglesa — 1.ª safra.....	106 017	88 013	- 16,98
Cana-de-açúcar.....	3 692 785	(1) 3 567 419	- 3,39
Cebola.....	69 560	74 169	6,63
Feijão (em grão) 1.ª safra.....	3 422 484	2 675 420	- 21,83
Fumo (em folha) .....	255 368	278 363	9,00
Mamona .....	274 030	259 595	- 5,27
Mandioca.....	1 757 076	(1) 1 853 658	5,50
Milho (em grão) .....	13 181 987	12 889 574	- 2,22
Soja (em grão).....	10 523 629	12 225 416	16,17
Tomate.....	62 875	64 590	2,73
Trigo (em grão).....	3 480 418	3 199 785	- 8,06

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Obtida (safra/88)	Esperada (safra/89)	Variação (%)	Obtido (safra/88)	Esperado (safra/89)	Variação (%)
Total .....	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço).....	2 435 774	1 829 166	- 24,90	1 336	1 191	- 10,85
Amendoim (em casca) 1.ª safra.....	129 211	116 190	- 10,08	1 803	1 873	3,88
Arroz (em casca) .....	11 806 451	11 099 124	- 5,99	1 981	2 105	6,26
Batata-inglesa — 1.ª safra.....	1 402 832	1 096 252	- 21,85	13 232	12 456	- 5,86
Cana-de-açúcar.....	240 468 426	239 882 639	- 0,24	65 118	67 243	3,26
Cebola.....	755 574	785 243	3,93	10 862	10 587	- 2,53
Feijão (em grão) 1.ª safra.....	1 711 662	1 154 168	- 32,57	500	431	- 13,80
Fumo (em folha) .....	410 475	444 926	8,39	1 607	1 598	- 0,56
Mamona .....	145 478	148 820	2,30	531	573	7,91
Mandioca.....	21 611 540	23 293 163	7,78	12 300	12 566	2,16
Milho (em grão) .....	24 749 550	26 444 683	6,85	1 878	2 052	9,27
Soja (em grão).....	18 020 677	23 826 825	32,22	1 712	1 949	13,84
Tomate.....	2 406 752	2 387 438	- 0,80	38 278	36 963	- 3,44
Trigo (em grão).....	5 751 219	5 191 842	- 9,73	1 852	1 623	- 1,76

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).  
NOTA — Não foram computados, nos totais referentes à safra/88, as Unidades da Federação que, ainda, não forneceram a 1.ª estimativa para a safra/89, da forma como segue: cana-de-açúcar (Alagoas); fumo (Bahia).  
(1) Área destinada à colheita.

3 – COMPARAÇÃO ENTRE A SAFRA/88 E AS ESTIMATIVAS PARA 1989  
Brasil, Centro-sul e Norte-Nordeste

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)		
	Centro-sul e Rondônia		
	Safra/88	Safra/89	Varição (%)
Arroz .....	9 471	9 062	- 4,32
Feijão – 1ª safra .....	1 077	740	- 31,29
Milho – 1ª e 2ª safra .....	22 346	24 050	7,63
Algodão herbáceo.....	1 363	1 074	- 21,20
Amendoim – 1ª safra.....	125	112	- 10,40
Mamona .....	34	27	- 20,59
Soja .....	17 610	23 203	31,76
Total .....	52 026	58 268	12,00
Feijão – 2ª safra.....	586	593	1,19
Feijão – 3ª safra.....	147	154	4,76
Trigo .....	5 751	5 192	- 9,72
Aveia, centeio e cevada.....	264	515	95,08
Sorgo .....	253	231	- 8,70
Algodão arbóreo.....	-	-	.
Amendoim – 2ª safra.....	34	30	- 11,76
Total .....	7 035	6 715	- 4,55
Total .....	59 061	64 983	10,03

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)					
	Norte-Nordeste			Total		
	Safra/88	Safra/89	Varição (%)	Safra/88	Safra/89	Varição (%)
Arroz.....	2 335	2 037	- 12,76	11 806	11 099	- 5,99
Feijão – 1ª safra.....	634	414	- 34,70	1 711	1 154	- 32,55
Milho – 1ª e 2ª safra.....	2 403	2 395	- 0,33	24 749	26 445	6,85
Algodão herbáceo.....	342	206	- 39,77	1 705	1 280	- 24,93
Amendoim – 1ª safra.....	5	5	-	130	117	- 10,00
Mamona .....	112	122	8,93	146	149	2,05
Soja .....	410	624	52,20	18 020	23 827	32,23
Total .....	6 241	5 803	- 7,02	58 267	64 071	9,96
Feijão – 2ª safra.....	456	681	49,34	1 042	1 274	22,26
Feijão – 3ª safra.....	-	-	-	147	154	4,76
Trigo .....	-	-	-	5 751	5 192	- 9,72
Aveia, centeio e cevada.....	-	-	-	264	515	95,08
Sorgo .....	43	34	- 20,93	296	265	- 10,47
Algodão arbóreo.....	70	80	14,29	70	80	14,29
Amendoim – 2ª safra.....	8	8	-	42	38	- 9,52
Total .....	577	803	39,17	7 612	7 518	- 1,23
Total .....	6 818	6 606	- 3,11	65 879	71 589	8,67

NOTA – Para as Unidades da Federação que ainda não forneceram a 1ª estimativa, foram repetidos os dados da safra/88, para efeito de cálculo, como segue: amendoim – 2ª safra (Mato Grosso do Sul); feijão – 2ª safra (Piauí, Rio Grande do Norte).

4 – ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E OVOS  
Janeiro/junho de 1988 e de 1989

ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E OVOS	QUANTIDADE				
	Junho-88	Maio-89	Junho-89	Janairo/ junho-88	Janairo/ junho-89
LEITE (1) (2).....	665 396	677 857	588 627	4 762 779	4 496 814
Pasteurizado					
Vendido ao público.....	278 635	279 332	253 173	1 785 166	1 679 128
Industrializado na empresa .....	271 810	300 352	255 066	2 163 213	2 102 342
Resfriado ou não					
Vendido ao público.....	107	303	275	816	1 241
Vendido a outras empresas.....	114 844	97 870	80 113	813 584	714 103
ABATE (3)					
Bovinos.....	244 443	245 398	241 578	1 401 136	1 386 089
Suínos .....	62 809	48 732	54 217	354 528	287 449
Aves.....	117 354	116 364	120 197	652 308	666 557
OVOS (4) (5).....	-	-	-	295 512	290 781

ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E OVOS	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)		
	$\frac{\text{Junho-89}}{\text{Junho-88}}$	$\frac{\text{Junho-89}}{\text{Maio-89}}$	$\frac{\text{Janairo/junho-89}}{\text{Janairo/junho-88}}$
LEITE (1) (2).....	- 11,5	- 13,2	- 5,6
Pasteurizado			
Vendido ao público.....	- 9,1	- 9,4	- 5,9
Industrializado na empresa .....	- 6,2	- 15,1	- 2,8
Resfriado ou não			
Vendido ao público.....	157,0	- 9,2	52,1
Vendido a outras empresas.....	- 30,2	- 18,1	- 12,2
ABATE (3)			
Bovinos.....	- 1,2	- 1,16	- 1,1
Suínos .....	- 13,7	11,3	- 18,9
Aves.....	2,4	3,3	2,2
OVOS (4) (5).....	-	-	- 1,6

(1) Leite beneficiado e industrializado. (2) Mil litros. (3) Peso total das carcaças (t). (4) Quantidade produzida em mil dúzias. (5) Janeiro/março.

# ALGUMAS INDICAÇÕES SOBRE A MORTALIDADE INFANTIL NO NORDESTE, NOS PRIMEIROS ANOS DA DÉCADA DE 80

Celso da Silva Simões\*  
Luiz Antonio Pinto de Oliveira\*

---

## INTRODUÇÃO

---

Este informe pretende, com base nas informações das PNADs realizadas em 1984 e 1986, fornecer algumas estimativas preliminares da mortalidade infantil para a Região Nordeste. Estimativas com base nas estatísticas do registro civil também foram efetuadas, objetivando, na medida do possível, determinar as tendências daquele indicador no decorrer do período que vai de 1980 a 1986, último ano em que as informações sobre nascimentos e óbitos são disponíveis.

Esclarece-se que neste estudo, as estimativas indiretas que se apresentam sobre a mortalidade infantil foram obtidas a partir da aplicação de técnicas à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1984 a 1986, as quais por pressupostos metodológicos, fornecem valores que se referem, aproximadamente a 3 ou 4 anos antes da realização de cada pesquisa. Estas esti-

mativas foram obtidas a partir das equações de regressão de Trussell, modelo sul (1), interpolando os valores finais nas Tábuas de Mortalidade Modelo Brasil (2).

---

## AS ESTIMATIVAS DA MORTALIDADE INFANTIL

---

Em trabalhos anteriores (3) foi mostrada a evolução histórica da mortalidade infantil no Nordeste até 1984, onde se observava ser esta Região a que apresentava, ao longo das décadas, os mais elevados valores desse indicador, quando comparada com outras regiões do país.

Apesar de historicamente, a mortalidade infantil vir declinando, a velocidade do declínio foi mais acentuada no resto das regiões do país, em especial no Centro-sul de forma que, ampliou-se a diferença entre a mortalidade do Nordeste em relação à média nacional. Enquanto em 1935/1940 a diferença se situava em torno de apenas 8%, em 1975/1980 já havia alcançado a 41%.

---

\* Demógrafos do Departamento de Estatísticas e Indicadores Sociais — IBGE.

A maior velocidade do declínio de mortalidade nas Regiões Centro-sul do país está relacionada, em grande parte, ao fato destas regiões terem ao longo das últimas décadas concentrado parte substancial das atividades econômicas e a maioria dos investimentos na produção de bens e serviços à população. Quando se considera, por exemplo, os indicadores de saneamento e os serviços de saúde (4) que vêm tendo um papel fundamental no descenso da mortalidade infantil, constata-se sua concentração nas regiões mais desenvolvidas, e a precariedade de sua presença no Nordeste, com reflexos diretos nos níveis mais elevados de mortalidade infantil.

A partir de 1980, o processo de declínio da mortalidade continuou em todas as regiões brasileiras, conforme mostram as estimativas elaboradas com base nas informações da PNAD 84 e apresentadas na Tabela 1.

Observa-se claramente, que a queda da mortalidade infantil no período, foi mais intensa nas regiões mais desenvolvidas, ampliando-se, desta forma, as diferenças entre as mortalidades destas áreas e a que prevalece no Nordeste. A sobremortalidade

nordestina chega a ser 114,5% superior à do Sul. Em termos de números absolutos de óbitos infantis, o montante chega a uma cifra em torno de 155 000 óbitos por ano, só no Nordeste. Ou seja, do total de óbitos infantis ocorridos no Brasil, tomando-se a média do período 1980/81, mais de 50% dos mesmos eram de crianças nordestinas.

Aprofundando um pouco mais, a questão da mortalidade infantil no Nordeste, apresenta-se, a seguir, a Tabela 2, que incorpora, além das informações obtidas a partir do suplemento anticoncepção da PNAD-86, as estimativas para as áreas urbana e rural da região.

Como as estimativas, devido à metodologia utilizada, referem-se, em média, a 3 ou 4 anos antes da realização de cada pesquisa, a tabela reflete a situação da mortalidade, até os anos em torno de 1982/83, quando se considera os cálculos efetuados para a PNAD-86.

Pelas estimativas encontradas, há indícios de que ocorreram reduções no ritmo de declínio da mortalidade infantil na Região Nordeste, durante os primeiros anos da presente década.

#### 1 — TAXAS DE MORTALIDADE INFANTIL, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES 1980-1984

GRANDES REGIÕES	TAXAS DE MORTALIDADE INFANTIL (‰)		
	1980	1984	Variação (%)
BRASIL .....	87,9	68,1	- 22,5
Nordeste .....	124,5	105,1	- 15,6
Sudeste.....	71,6	49,1	- 31,4
Sul.....	80,9	45,6	- 43,6
Centro-Oeste.....	73,3	53,7	- 26,7

FONTE — IBGE, Censo Demográfico e PNAD.

#### 2 — TAXAS DE MORTALIDADE INFANTIL, NA REGIÃO NORDESTE, SEGUNDO A SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO — 1980-1986

SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO	TAXAS DE MORTALIDADE DO INFANTIL (‰)		
	1980	1984	1986
Total.....	124,5	105,1	101,4
Urbana.....	127,0	94,8	90,8
Rural.....	122,1	116,0	114,2

FONTE — IBGE, Censo Demográfico e Resultados Preliminares das PNADs de 1984 e 1986.

Por outro lado, a mortalidade infantil na área urbana que era superior à da rural, em cerca de 4%, com base nas estimativas do censo de 1980, registrou uma brusca diminuição nos anos seguintes, de forma a inverter toda uma tendência histórica na região, onde sempre prevaleceu uma mortalidade infantil urbana superior à rural.

Tomando como base os dados das duas PNADs, em 1984 a mortalidade infantil na área urbana havia se tornado 22,4% inferior à da rural, subindo esta diferença para 25,8%, já com os resultados da PNAD-86. Essa situação, em linhas gerais, pode estar refletindo uma melhoria na oferta de serviços públicos, como saneamento e saúde, campanhas de vacinações, oferta de medicamentos e outras formas de intervenção institucional sobre as condições de vida e reprodução do conjunto da população.

Já, na área rural, ao contrário, os níveis de mortalidade infantil praticamente mantiveram-se inalterados ao longo desses primeiros anos, o que pode estar em parte, associados às secas que atingiram as populações rurais de alguns estados da região, com as conseqüentes quebras de safras e outros efeitos agravantes das condições de vida e em parte devido à própria manutenção dos rígidos padrões de estrutura fundiária que caracterizam a região.

Finalmente, com base nas informações sobre nascimentos e óbitos do Registro Civil, foi possível fazer uma melhor avaliação sobre o comportamento da mortalidade infantil na Região Nordeste, durante os primeiros 6 anos da década de 80 (5).

Os dados refletem, claramente, três momentos distintos na evolução das taxas. No primeiro, que vai até 1982, o coeficiente de mortalidade infantil apresenta tendência declinante. No período seguinte, que vai de 1983 a 1986, inverte-se esta tendência, chegando a mortalidade infantil a subir até 113,7%. Já no último período, retoma-se a tendência de redução da mortalidade infantil, sendo de 74,7% a estimativa para 1986.

Alguns estudos têm associado os aumentos da mortalidade infantil, a partir de 1982, à crise econômica que atingiu o país, a partir de finais desse ano até 1984. É bem verdade que, esta crise afetou principalmente os setores mais modernos da economia na-

cional, concentrados em determinadas áreas do Centro-sul do país. No entanto, a existência de uma boa infra-estrutura de saneamento, hospitais, profissionais de saúde, etc., existente nestas regiões, fez com que os efeitos da crise sobre a mortalidade fossem minimizados, a ponto de não terem alterado significativamente as tendências históricas de declínio no Centro-sul.

No Nordeste, entretanto, o aumento observado na mortalidade infantil parece estar mais associado à precariedade da referida infra-estrutura ainda, e, agravado pelo período de secas acentuadas ocorridas durante os primeiros anos de 1980. No tocante à infra-estrutura de saneamento básico — que tem impacto direto sobre a mortalidade infantil — durante o período de crise houve, inclusive, no Nordeste, redução do número de pessoas residindo em domicílios com saneamento adequado.

No entanto, se em vez de trabalharmos com valores pontuais — que podem estar afetados por flutuações no Registro dos dados — calcularmos médias por períodos de três anos, observa-se que a mortalidade infantil no Nordeste esteve estável, em torno de 100%, durante os anos de 1982 a 1984 e baixando, para 90%, no ano seguinte, conforme pode ser visualizado, ainda, na Tabela 3.

3 — TAXAS DE MORTALIDADE INFANTIL  
NA REGIÃO NORDESTE  
1980-1986

ANOS	TAXAS DE MORTALIDADE INFANTIL	
	( <sup>0</sup> /100)	Média ( <sup>0</sup> /100)
1980.....	120,1	114,7
1981.....	109,3	106,8
1982.....	91,1	100,5
1983.....	101,1	102,0
1984.....	113,7	98,8
1985.....	81,6	90,8
1986.....	74,7	

FONTES — IBGE, Estatística do Registro Civil  
NOTA — Tabela extraída do trabalho de SIMÕES, Celso e ORTIZ, Luiz. "A Mortalidade..." op. cit. p. 25.



---

**CONCLUSÕES**

---

Em síntese, os dados aqui apresentados, revelam que, apesar de a Região Nordeste, ter tido ao longo dos anos diminuições nos níveis de mortalidade infantil, seus níveis atuais ainda se encontram em patamares bastantes elevados, quando se comparam com as regiões mais desenvolvidas no país.

Neste sentido, a ação dos órgãos públicos redirecionando num primeiro momento os investimentos em saneamento básico, melhoria e ampliação da rede de serviços hospitalares, maior cobertura de vacinas, etc., teria conseqüências imediatas na redução desses elevados níveis de mortalidade infantil. As carências de organização institucional e sobretudo as condições difíceis em que subsiste a maior parte de sua população, tornam, ainda, o Nordeste sujeito a graves oscilações conjunturais, que em determinados momentos podem fazer refluir a trajetória longa e penosa de diminuição da mortalidade, sobretudo a mortalidade infantil.

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

- 1 — UNITED NATIONS, "Indirect Technics for Demographic Estimation" Manual X, New York, 1983.
- 2 — FRIAS, Luiz A. de M. e RODRIGUES, P. "Tábuas Modelo de Mortalidade e População Estáveis", Rio de Janeiro, IBGE, 1981.
- 3 — Vide entre outros: SIMÕES, Celso e OLIVEIRA, Luiz: "Aspectos sócio-econômicos da Mortalidade Infantil em Áreas Urbanas": Perfil Estatístico de Crianças e Mães no Brasil. Rio de Janeiro. Convênio IBGE/UNICEF, 1986.
- 4 — Vide a respeito: SIMÕES, Celso e ORTIZ, Luiz: "A Mortalidade Infantil no Brasil nos Anos 80". Trabalho apresentado no Seminário sobre Ajuste Econômico e a Infância no Brasil (USP) — Patrocinado pelo UNICEF e organizado pela FEA-USP.
- 5 — Para detalhes sobre a metodologia utilizada para determinar o sub-registro de nascimentos e óbitos infantis, vide trabalho de: SIMÕES, Celso e ORTIZ, Luiz "A Mortalidade...." Op. Cit. p. 18 a 20.

# A PRODUÇÃO AGRÍCOLA NACIONAL EM 1988

Jairo Augusto Silva\*

---

## ANTECEDENTES

---

Os últimos anos têm-se mostrado como dos mais férteis em termos de criação de idéias e experiências no campo da economia teórica e prática. Ao lado de sugestões beirantes ao *nonsense*, vigorosas formulações de políticas econômicas vingaram nos meios acadêmicos e do governo. As idéias ditas heterodoxas por destoarem do receituário habitual no tratamento dos fenômenos econômicos trouxeram lições claras e novos enfoques, nada ou só parcialmente avaliadas. O Brasil, como vários outros países, vem aplicando estas experiências que passam, via de regra e em tese, por um congelamento inicial de preços, medidas de contenção de gastos governamentais e paulatinos ajustes nos preços relativos dos produtos ou serviços. Após três experiências de tratamento heterodoxo, em 1986, 1987 e 1989, os resultados não têm sido favoráveis na obtenção do seu objetivo pri-

meiro, ou seja, o controle da inflação. Dentre as inúmeras justificativas para tais insucessos, afora as puramente teóricas, está o comportamento do setor agropecuário, pelas suas próprias características de atividade de risco, estrutura oligopsônica (produtos) ou oligopolística (insumos) em alguns mercados e, principalmente, pela marcante sazonalidade da produção, todas características passíveis de incompatibilização com uma política de preços congelados.

Apesar da discussão do papel do setor agropecuário ou dos efeitos dos planos heterodoxos na produção e na renda do setor agropecuário não ser o objetivo deste trabalho, deve-se reconhecer que os efeitos dessas políticas no setor foram marcantes e certamente influenciaram ou até determinaram os níveis de produção obtidos no ano de 1988. Assim, uma rápida análise do comportamento do produto real do setor e da renda gerada dos últimos anos e por grupos de produtos poderá responder a questões importantes: foi o setor agropecuário beneficiado pelos planos de estabilização

---

\* Economista do Departamento de Agropecuária da Diretoria de Pesquisas do IBGE.  
Agradeço à Kátia Fátima Dias a colaboração na sistematização dos dados.

econômica no período? Como foi distribuída a renda gerada pelos produtores? Como as situações se refletiram na boa safra colhida em 1988?

### PRODUTO REAL DA AGROPECUÁRIA

A primeira observação que se deve fazer ao analisar-se uma série de produto real da agropecuária *vis à vis* políticas implantadas ou fatos ocorridos é de cunho estatístico. Na verdade, o produto das lavouras é uma variável de estoque, com exceções, enquanto que o produto da pecuária é um conjunto de variáveis de fluxo. Em outras palavras, o grosso da produção das lavouras já está determinado bem antes da sua obtenção, modificando-se em função das condições climáticas ou fitossanitárias em geral e, muito excepcionalmente, por condições puramente econômicas. A produção da pecuária, por sua vez, é claramente afetada por acontecimentos e situações perfeitamente conjunturais acompanhando o interesse do produtor, quer seja econômico quer seja puramente político. Assim, o pecuarista pode perfeitamente postergar o envio dos seus animais para o matadouro em função quase totalmente da sua situação financeira, o produtor de aves ou ovos em pouco tempo pode expandir ou restringir a sua produção e o produtor de leite pode simplesmente desviar sua produção para o consumo em atividade de cria.

A segunda observação é que as nossas séries de *produto real* não consideram um elemento de alto peso, especialmente na

pecuária, que é a variação nos estoques. No Brasil, em especial, em que a maior parte da exploração da pecuária bovina é extensiva, um decréscimo no produto real da atividade pode significar um grande aumento nos estoques de animais e, portanto, um grande aumento do *produto real* do subsetor. Mas na impossibilidade atual de se avaliar a variação nos estoques dos subsetores lavouras e pecuária veja Tabela 1 a seguir<sup>1</sup>:

Os decréscimos ocorridos na produção agropecuária e nas lavouras, em 1986, foram os maiores desde 1980, em grande parte devido à brutal queda na produção de café, cerca de 49%, e na de soja, cerca de 27%. Nunca é demais repetir que a produção de soja, normalmente colhida nos quatro primeiros meses do ano, é plantada nos últimos meses do ano anterior (1985) e, portanto, não tendo sido afetada pelas medidas do Plano Cruzado (janeiro de 86). Quanto ao café, as péssimas condições climáticas no ano (geadas, granizos, etc.) explicam em sua quase totalidade a diminuição do volume produzido. O decréscimo na produção pecuária resta, então, como o único elemento claramente contestador da atividade às medidas econômicas então vigentes, mas na produção global do setor é pouco significante, desde que, sem a consideração da soja e do café, o *produto real* das lavouras, seria positivo, ao redor de 1%, com a agropecuária mantendo-se no mesmo nível de 1985.

Em 1987, já sob o incentivo das políticas do Plano Cruzado para a safra de verão, o produto real da agropecuária foi, disparado, o maior dos últimos dez anos, com as lavouras crescendo 16,6% e a pecuária 11,8%.

1 — TAXAS DE CRESCIMENTO DO PRODUTO REAL DO SETOR  
AGROPECUÁRIO, POR SUBSETORES — 1986-88  
(Brasil)

ANOS	SUBSETORES		
	Lavouras	Pecuária	Agropecuária
1986.....	- 11,0	- 2,1	- 7,5
1987.....	16,6	11,8	14,7
1988.....	- 1,02	1,2	- 0,6

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre o Cálculo do Produto Real da Agropecuária ver: Ensaio sobre o Produto Real da Agropecuária — Textos para Discussão nº 9, IBGE, 1988.

É bem verdade que o ano-base para o cálculo dessas taxas (1986) foi um ano atípico, mas mesmo em relação ao ano de 1985, o crescimento da produção foi significativo e bem superior à média histórica do setor.

O ano de 1988, por sua vez, foi um ano marcado por tensões, em que os diversos segmentos da sociedade se movimentavam em torno da Assembléia Nacional Constituinte e viram, ou não, seus esforços recompensados na nova Constituição Brasileira promulgada ao final do ano. Apesar disto, a produção agropecuária apresentou um bom desempenho, com o produto real situando-se ao redor do obtido no ano anterior, a pecuária apresentando resultado positivo, de 1,2%, e as lavouras com um decréscimo na produção ao redor de 1%. Este resultado negativo deveu-se, no entanto, à grande diminuição na produção de café (38,6%), com os demais produtos apresentando acréscimo ao redor de 5,5% na produção.

Se a análise do comportamento do *produto real* da agropecuária é um importante indicador do desempenho da situação econômico-social de uma parcela significativa da população — produtores, intermediários, consumidores — não menos importante é a verificação do que ocorreu com a renda desse fundamental setor da economia e como ela se distribuiu pelos diversos produtores de produtos de consumo interno, industrializáveis, de exportação, etc. A tese usualmente divulgada é que o setor nos últimos quatro anos se capitalizou fortemente em relação aos anos anteriores devido às mudanças nas políticas de financiamento da produção e ao alto nível de renda real obtida. Isto explicaria a manutenção dos seguidos recordes de produção de grãos que, apesar da inconveniência do nome, representam um grupo de produtos importantes na geração de renda do setor.

---

## A RENDA AGRÍCOLA

---

Como *proxy* da renda agrícola será utilizado o valor bruto real da produção, utilizando-se os preços recebidos pelo produtor, levantados pelo Centro de Estudos

Agrícolas (CEA) da Fundação Getúlio Vargas, inflacionados para dezembro de 1988, segundo o IGP-DI da mesma Fundação. Os produtos considerados foram os utilizados rotineiramente no cálculo do produto real das lavouras, com exceção da banana e da pimenta-do-reino. A não consideração dos produtos pecuários deveu-se a dificuldades metodológicas no levantamento de preços pela FGV e na utilização de um ponderador eficiente para a atividade.

A Tabela 2, a seguir, mostra a evolução da renda real da produção das lavouras.

Como se observa, houve um decréscimo acentuado na geração de renda das lavouras, superior a 20% nos dois últimos anos em relação a 1986. Como se explicaria então o relativo bom desempenho do sub-setor e o alegado aumento de renda real dos produtores?

Uma simples decomposição da renda obtida por produtos pode proporcionar uma boa explicação para esta pergunta.

Como produtos de consumo preponderantemente interno, foram considerados o algodão, arroz, cana, fumo, milho, trigo, uva, batata, cebola, feijão, mandioca e tomate. Como de exportação, apenas os produtos *tradicionais* (cacau e café) e os *modernos* (soja e laranja).

A Tabela 3 levanta mais questões do que explica, mas é transparente o grande crescimento dos produtos de exportação *modernos* entre 1988 e os demais anos, assim como o decréscimo acentuado dos produtos para o consumo interno e dos produtos *tradicionais* de exportação. Na verdade, o decréscimo da renda real obtida pela atividade é explicada pelo decréscimo acentuado nos preços reais dos produtos, especialmente nos de consumo interno, como se pode ver nos Gráficos. Os produtos de exportação ditos modernos, por sua vez, foram beneficiados pela alta de preços internacionais, como se verá a seguir.

---

## A PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM 1988

---

A recém finda estimativa da produção agrícola em 1988 reflete ainda os efeitos de uma série de medidas de política agrícola tomadas nos anos anteriores, assim como

2 – RENDA REAL DO SUBSETOR LAVOURAS – 1986-88  
(Brasil)

ESPECIFICAÇÃO	RENDA REAL		
	1986	1987	1988
	Milhões de cruzados novos		
Renda real a preços de dezembro de 1988.....	17 321	13 611	13 046
Número índice.....	100,00	78,58	75,32

FONTES – IBGE – Fundação Getúlio Vargas, Centro de Estudos Agrícolas.

3 – RENDA REAL OBTIDA, SEGUNDO OS GRUPOS DE PRODUTOS – 1986-88  
(Brasil)

GRUPOS DE PRODUTOS	RENDA REAL OBTIDA		
	1986	1987	1988
	Milhões de cruzados novos		
Produtos de consumo interno.....	10 679	8 350	8 006
Produtos de exportação.....	6 642	5 261	5 040
Laranja e soja.....	3 005	2 909	4 009
Cacau e café.....	3 637	2 352	1 031
Total.....	17 321	13 611	13 046

uma cadeia de fatores não necessariamente econômicos ocorridos no período.

Como destacado anteriormente, o produtor rural planta em função, basicamente, da sua expectativa de renda futura, parcialmente delineada pelas políticas relativas ao setor e pelos preços de insumos e produtos ocorridos, vigentes ou esperados. Eventuais mudanças em suas expectativas poderão influenciar o rendimento físico dos seus cultivos devido à eliminação de práticas culturais, etc., mas dificilmente a extensão de sua área cultivada. Tudo isto em termos gerais, é claro.

Na realização da produção agrícola de 1988, alguns fatos tiveram relevante papel no aumento da produção ou na mudança do *mix* de produtos. Sem qualquer ordem de importância podem-se citar:

- 1 – Garantia de preços mínimos plurianuais para alguns produtos (Decreto nº 95.768 de 03-03-88);
- 2 – Sistematização da intervenção governamental no mercado de produtos agrícolas (Decreto nº 95.768 de 03-03-88);
- 3 – Fim da moratória externa;

- 4 – Assembléia Nacional Constituinte; e
- 5 – Ocorrência de seca nos Estados Unidos.

As duas primeiras políticas adotadas pelo governo estão dentro da atual filosofia de minimizar a intervenção estatal no mercado, iniciada com a extinção ou diminuição do subsídio ao crédito rural, diminuição do subsídio à produção e consumo de trigo e outras medidas. Ademais, dentro da atual filosofia ou norma de política, o governo pretende respeitar um antigo pleito do setor que é a manutenção de uma política estável, com regras claras e não sujeitas a mudanças devido ao aparecimento de urgências puramente conjunturais.

As medidas relativas à intervenção governamental no mercado mereceram especiais críticas por, especialmente, conflitarem com os usuais procedimentos de governos passados de *desovarem* os estoques governamentais de produtos agrícolas, a fim de recuperarem alguns pontos nos índices de inflação e sem a menor preocupação com os níveis de *renda permanente* exigida pela atividade.

Assim, é interessante transcrever os principais itens desta regulamentação:

Artigo 5º — "O governo intervirá nos mercados agrícolas através da compra e venda dos estoques e da liberação das importações, quando os preços de mercado extrapolarem uma faixa de preços previamente definida, denominada faixa de livre mercado";

Art. 1 e 2 — "A faixa de livre mercado terá como preço-piso os preços mínimos... e como preço-teto o preço... obtido pela média dos últimos sessenta meses de preços reais a nível de atacado, contados até noventa dias antes do início do plantio, acrescida de uma margem percentual para cada produto ou região"; e

Artigo 6º — "O governo acionará a venda de seus estoques ou a liberação das importações cada vez que o preço de mercado superar o preço de referência pelo espaço de duas semanas consecutivas, dando início às vendas na terceira semana".

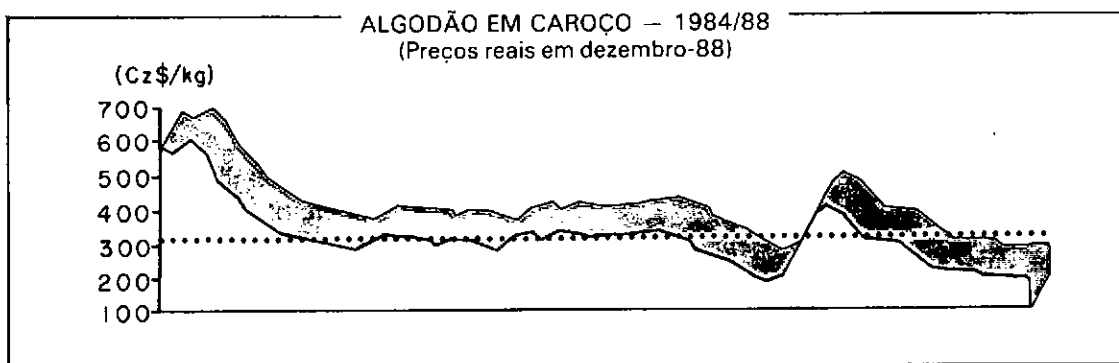
Os efeitos práticos dessa sistemática se fizeram presentes já no meio do ano, com o arroz e outros produtos *puxando* a taxa de inflação, favorecendo claramente aos intermediários da produção e onerando cada vez mais os elevados estoques governamentais. Pareceu claro, na ocasião, que ou os preços-teto estipulados estavam em níveis muito elevados, ou o prazo (duas semanas)

determinado para a sua vigência estava excessivo, ou realmente a renda dos consumidores não estava compatível com o nível médio de preços vigentes nos cinco anos anteriores.

Quanto aos demais fatos importantes para a atividade no ano que passou, tanto o retorno do Brasil ao mercado financeiro internacional quanto a seca ocorrida nos EUA, tiveram certamente um forte impacto nos níveis de produção obtidos de alguns produtos de exportação e mesmo nos custos de internação de alguns produtos fortemente demandados pela indústria nacional (milho). Como a inesperada seca americana afetou mais fortemente a soja, com impressionante desfalque nos estoques mundiais, a produção da leguminosa no país passou a um novo patamar, superior a 20 milhões de toneladas, como estimado para 1989.

A Assembléia Nacional Constituinte, outro fato importante em 1988, marcou a produção e a estruturação do setor, de início pela grande mobilização dos produtores rurais contrários às reformas de base então propostas e em seguida à conscientização de classe surgida entre os produtores. São fenômenos sociológicos indiscutíveis e não discutíveis por um leigo em sociologia rural, mas certamente podem se tornar num divisor bem claro nas relações do setor agropecuário com os demais setores produtivos.

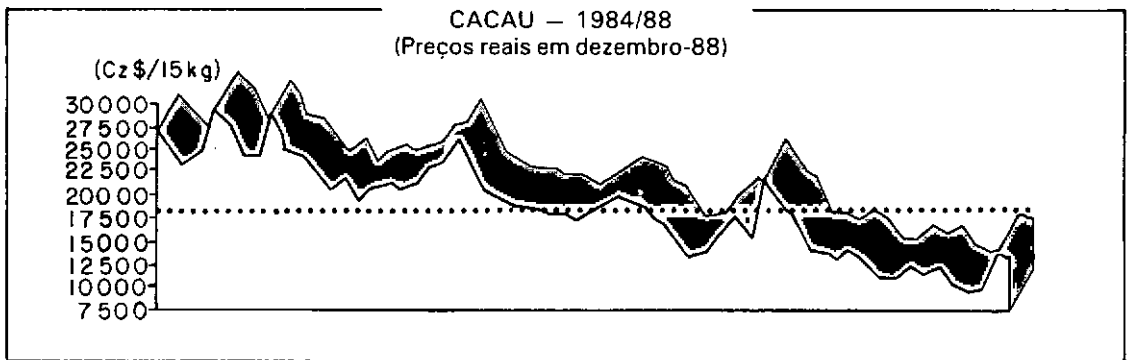
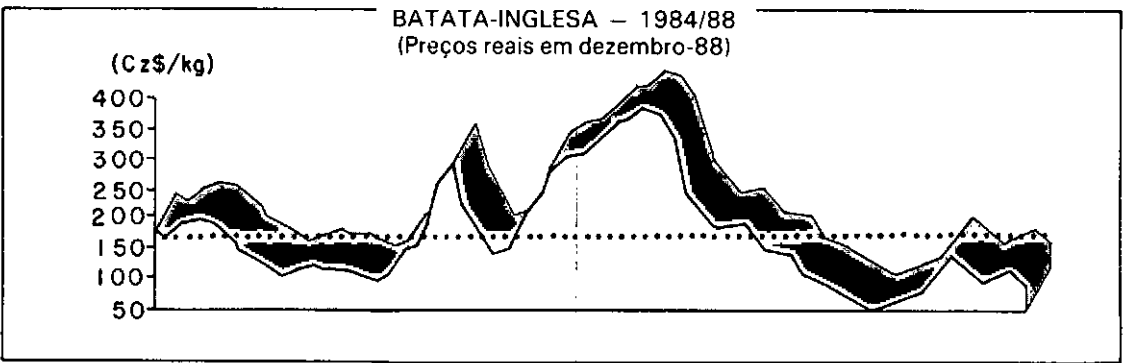
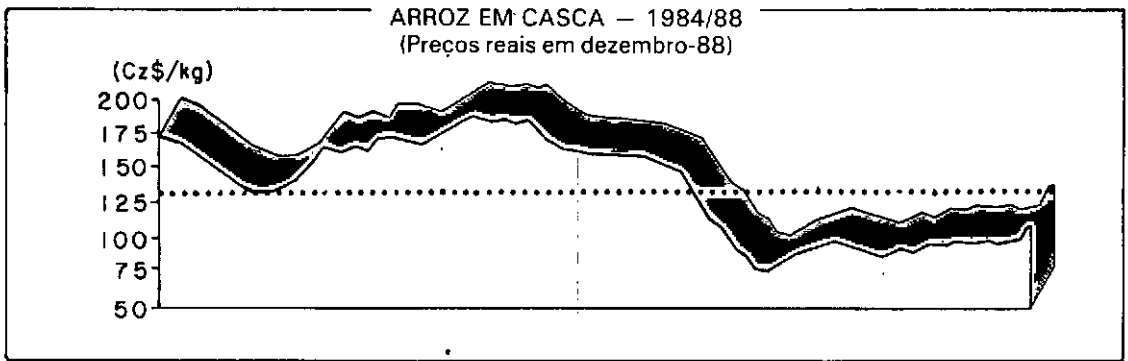
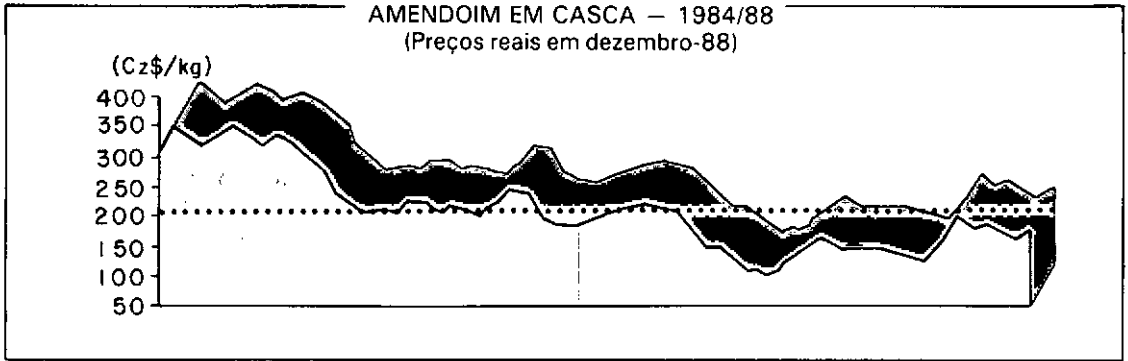
## GRÁFICOS



Média .....

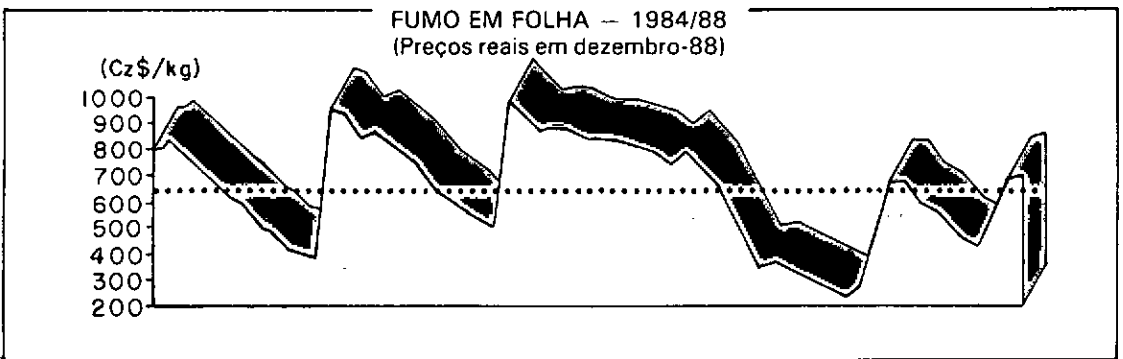
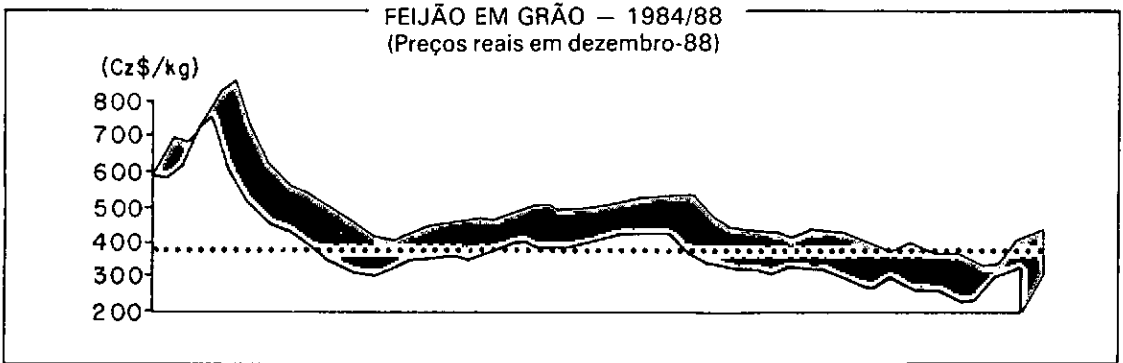
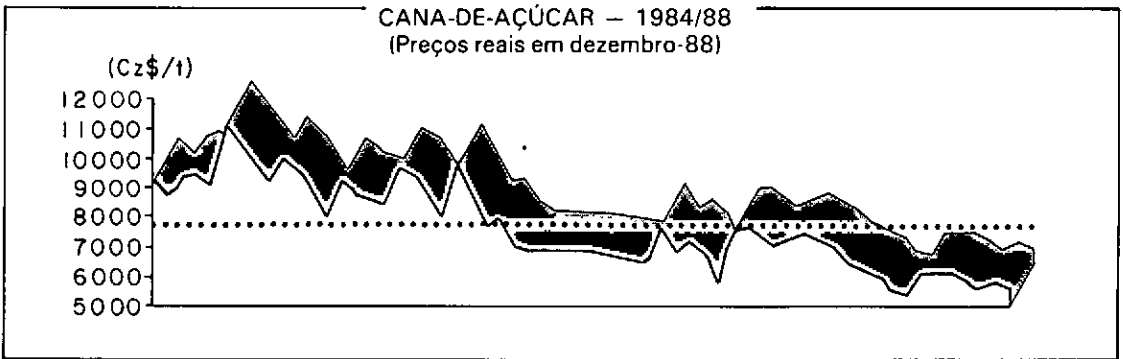
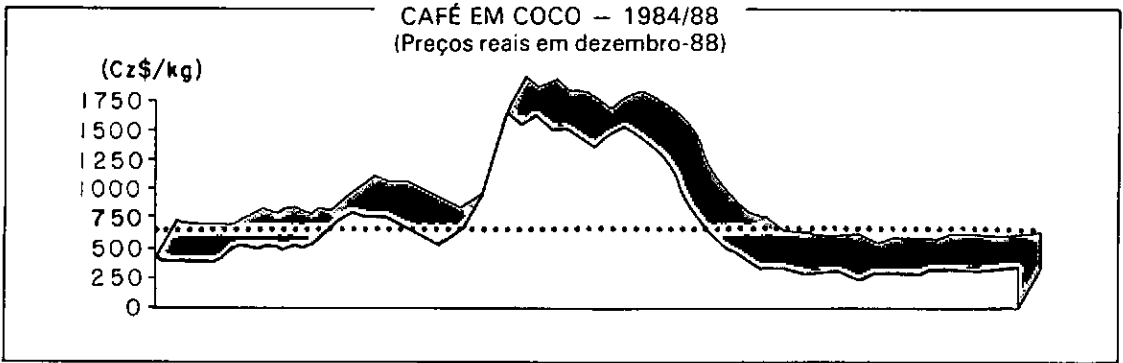
FONTE — Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Agrícolas, Preços Recebidos, IGP/DI.

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Agropecuária (DEAGRO), Rua Visconde de Niterói, 1246, Bloco B, 9º andar, telefone: 284-8131.



Média .....

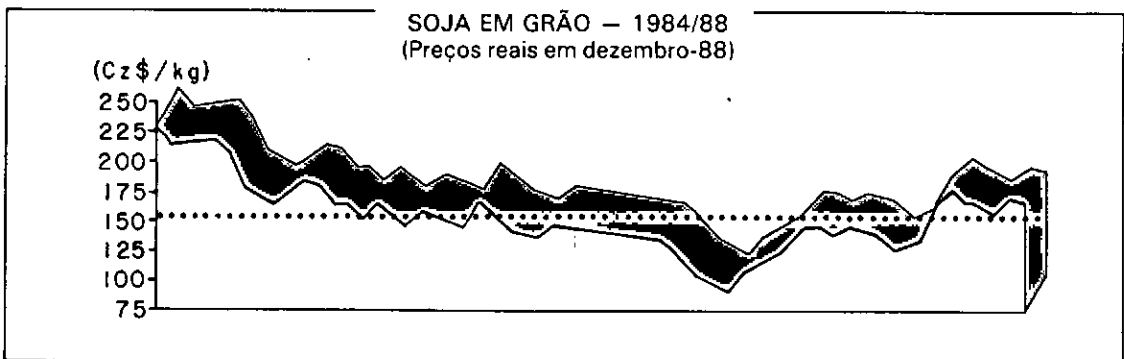
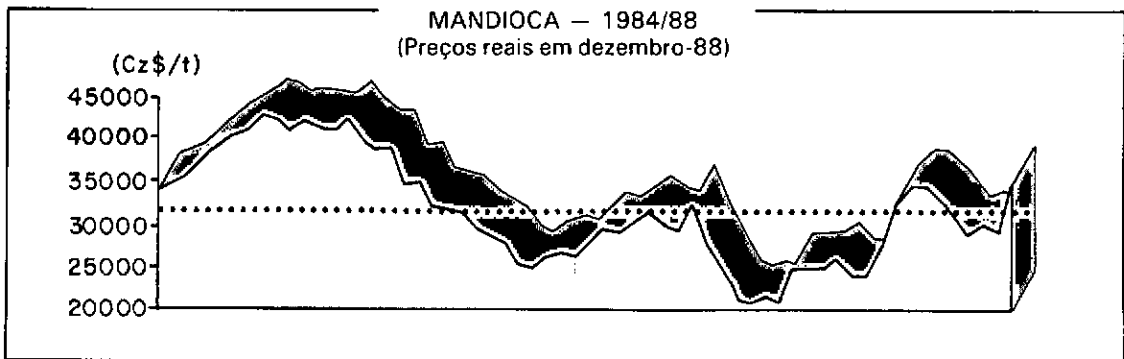
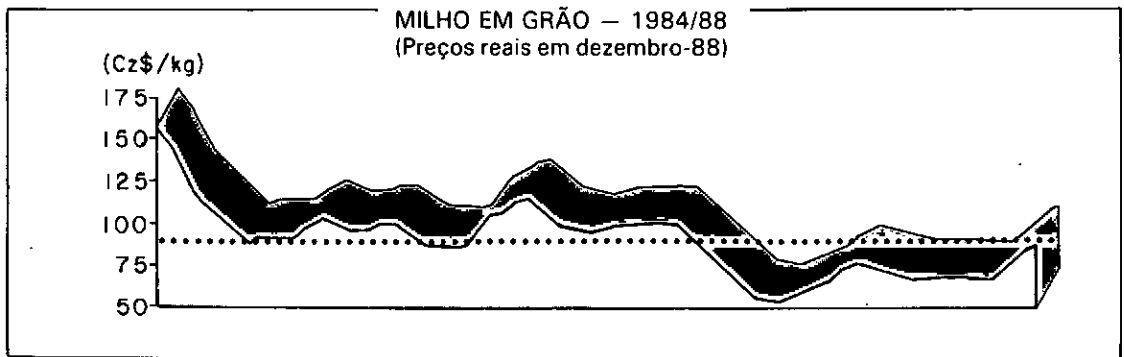
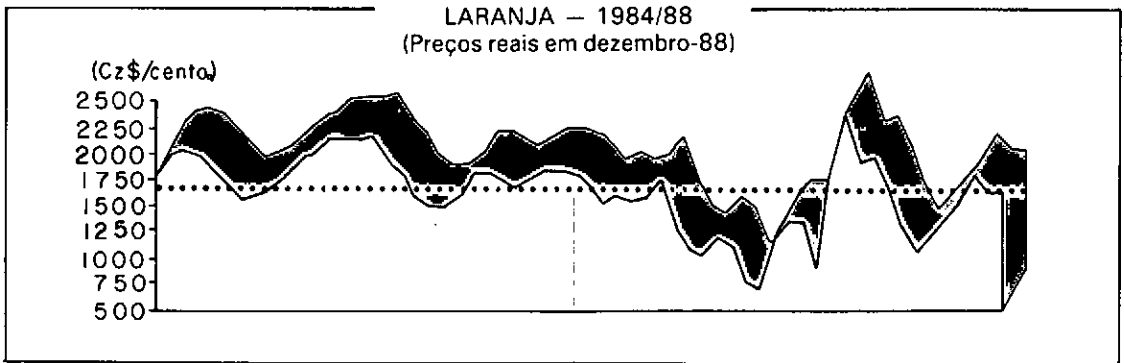
FONTE — Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Agrícolas, Preços Recebidos, IGP/DI.



Média .....

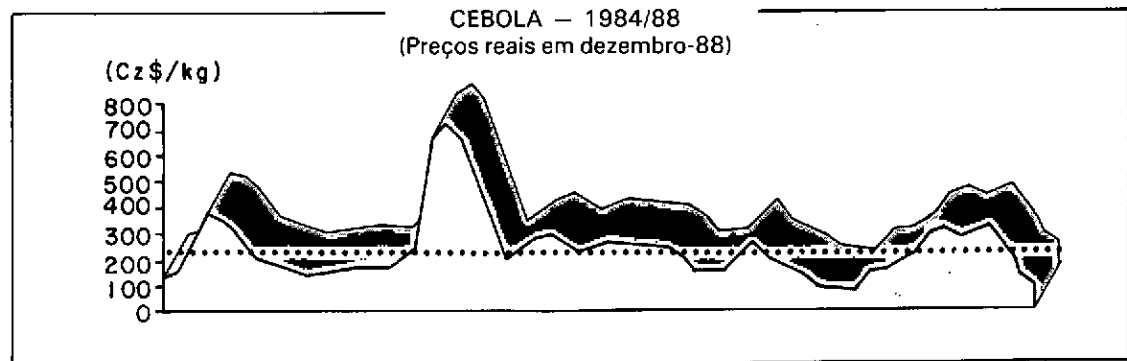
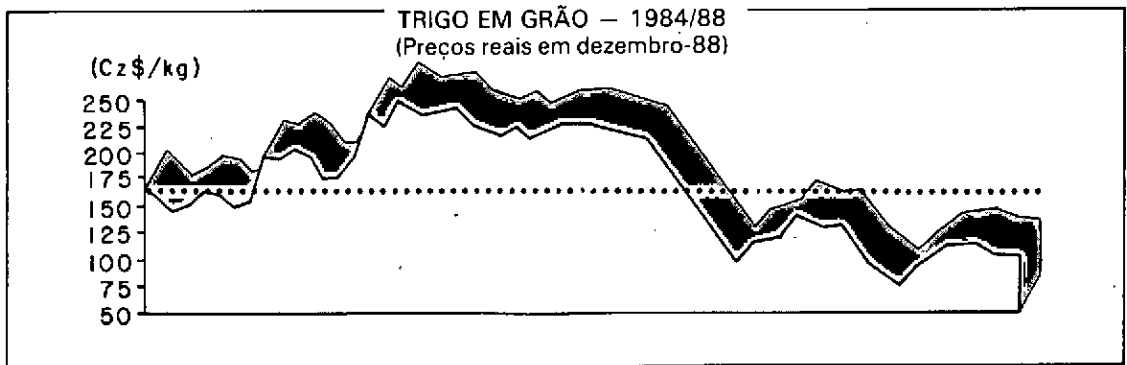
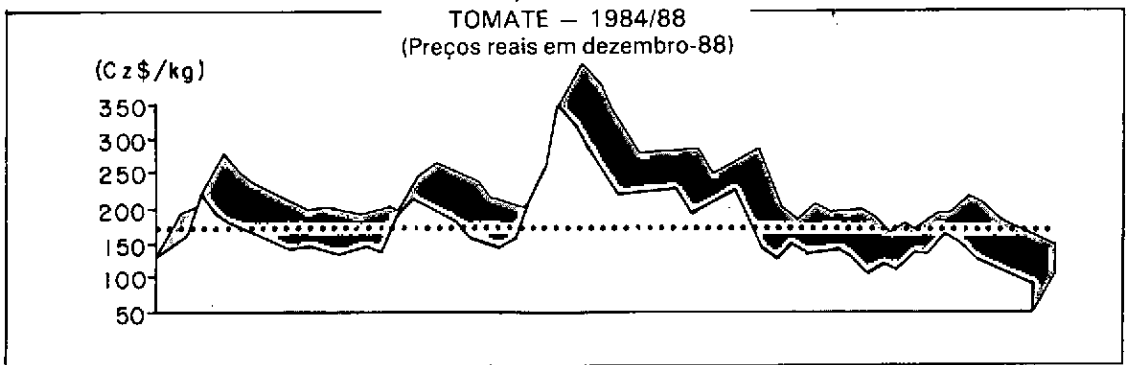
FONTE — Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Agrícolas, Preços Recebidos, IGP/DI.





Média .....

FONTE — Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Agrícolas, Preços Recebidos, IGP/DI.



Média .....

FONTE — Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Agrícolas, Preços Recebidos, IGP/DI.